

Faculdade de Letras
da
Universidade do Porto
Mestrado em História Contemporânea

O TURISMO EM OVAR ENTRE 1945 E 1960

Dulcídio Pereira Vaz Pinto

Setembro 2011

Dulcídio Pereira Vaz Pinto

O TURISMO EM OVAR ENTRE 1945 E 1960

Dissertação de Mestrado em História Contemporânea, sob a orientação da
Professora Doutora Maria Antonieta da Conceição Cruz

Setembro 2011

RESUMO

O título da Tese “O turismo em Ovar entre 1945 e 1960”. Começa por abordar a evolução do turismo desde os primórdios até ao século XX. É uma análise muito sucinta desde o homem primitivo até ao século XX.

Depois segue-se uma alusão à génese dos organismos ligados ao turismo em Portugal, a Sociedade de Propaganda e as Juntas de Iniciativa de Turismo. Consequentemente foi analisada a acção da Junta de Iniciativa da Praia do Furadouro em Ovar, que foi o organismo precursor na procura de soluções para a carência de infra-estruturas de âmbito turístico nos princípios do século XX na praia.

Ovar e a praia são o ponto de partida para se compreender nesta fase da tese, o ambiente social que se vivia nos anos 40 e 50 na pequena vila e praia do Furadouro. A partir daqui são analisados os veraneantes, seus hábitos e infra-estruturas existentes na praia, tendo em conta a cada vez maior procura desse local pelos banhistas.

A Ria de Ovar foi estudada na sua vertente turística, explicando o ambiente natural que a rodeava, identificando-a como complemento ao Furadouro no início da década de 50. A Ria foi-se tornando um centro de desportos náuticos, dando origem à organização da primeira Regata entre Ovar e Aveiro, atraindo muitos turistas.

Foram referidas as procissões organizadas na Vila: a dos Terceiros e a dos Passos, que atraíam milhares de pessoas a Ovar oriundas dos concelhos vizinhos por altura da Quaresma. Foram expostas algumas razões que levaram à realização do primeiro Carnaval organizado em Ovar no ano de 1952. Tornou-se o principal cartaz da vila, que perdura até hoje. Por último, a festa do mar é revista no seu ambiente intimista, tentou-se explicar a ligação entre o homem (pescador) e o mar através do sagrado, à luz da religiosidade que se vivia nos princípios de Setembro na praia do Furadouro.

PALAVRAS-CHAVE

Turismo; Praia; Ria; Procissões; Carnaval.

DEDICATÓRIA

À memória de meu pai Álvaro Barbedo Vaz Pinto, a pessoa mais transparente e verdadeira que alguma vez conheci.

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Maria Antonieta da Conceição Cruz, pela indispensável orientação deste estudo e pela amiga que se tornou ao longo de todo este tempo.

Aos Srs. Padre Manuel Pires Bastos, Augusto Rodrigues e Manuel Maria da Graça pelas informações prestadas e material fotográfico cedido.

Ao Presidente da Junta de Freguesia de Ovar, Sr. Joaquim Barbosa pela amabilidade e disponibilidade que sempre demonstrou aquando da consulta da documentação histórica da Junta de Freguesia.

Ao Sr. Comandante de Destacamento da GNR de Ovar, Tenente: David Baptista, por ter facultado a consulta do arquivo histórico do Posto Territorial de Ovar.

À Maria Antónia, Carlos Rogério e Arlindo Costa, funcionários da Biblioteca Municipal, pela colaboração disponibilizada no acesso ao fundo documental e fotográfico da Biblioteca.

À minha mulher e aos meus filhos, que sempre me apoiaram desde o primeiro dia até ao final do presente trabalho.

ABREVIATURAS

A.H.M.O. Arquivo Histórico Municipal de Ovar

A.M.O. Arquivo Municipal de Ovar

O.S. Ordem de Serviço

INDICE

| | |
|---|----|
| 1 – INTRODUÇÃO..... | 1 |
| 2- EVOLUÇÃO GERAL DO TURISMO..... | 3 |
| 3 - DA SOCIEDADE DE PROPAGANDA À CRIAÇÃO DAS JUNTAS DE INICIATIVA DE TURISMO..... | 11 |
| 3.1 – A GÉNESE DAS JUNTAS DE INICIATIVA DE TURISMO..... | 12 |
| 3.2 - A ACÇÃO DA JUNTA DE INICIATIVA DE TURISMO EM OVAR..... | 13 |
| 4 – OVAR E A PRAIA | 17 |
| 4.1 - A ASSEMBLEIA DO FURADOURO | 21 |
| 4.2 – OS VERANEANTES..... | 23 |
| 4.3 – OS BANHOS | 27 |
| 4.3.1 – OS BANHEIROS | 29 |
| 4.3.2 – OS PALHEIROS | 31 |
| 4.3.3 – MODAS NA PRAIA | 33 |
| 4.3.4 – PROPAGANDA À PRAIA E RIA..... | 34 |
| 4.3.5 – UM FILME NA PRAIA | 36 |
| 4.4 – INFRA-ESTRUTURAS DE APÓIO | 37 |
| 4.4.1 – O COMBOIO | 37 |
| 4.4.2 – ILUMINAÇÃO PÚBLICA | 39 |
| 4.4.3 – LIMPEZA E HIGIENE | 41 |
| 4.5 – O POLICIAMENTO..... | 44 |
| 5 – CAFÉS E PENSÕES..... | 47 |
| 5.1 – HOTEL MAR E SOL..... | 52 |
| 6 – A RIA | 54 |
| 6.1 – A LANCHA “VAREIRINHA” | 58 |
| 6.2 – PRAIA DO AREINHO | 62 |
| 7 – CARNAVAL DE OVAR | 63 |
| 7.1 – UMA VISITA AOS FENIANOS PORTUENSES..... | 66 |
| 8 – ORDEM DOS TERCEIROS | 68 |
| 8.1 – PROCISSÃO DOS TERCEIROS | 69 |

| | |
|---|----|
| 8.2 – AS CAPELAS DOS PASSOS..... | 70 |
| 8.3 – PROCISSÃO DOS PASSOS | 72 |
| 9 - FESTAS DO MAR OU DOS PESCADORES | 74 |
| 10 – CONCLUSÃO | 78 |

1 – INTRODUÇÃO

Aquando da opção para realizar a minha dissertação de mestrado em história contemporânea, tive em conta que a temática turismo constituiria um desafio para mim, no âmbito deste estudo sobretudo porque em Ovar, cidade onde resido, não havia uma abordagem de maior envergadura relativa ao tema. A vida social e cultural de acordo com jornais locais da época, nas alturas dos meses de verão, deram o mote para tentar compreender a evolução do turismo em Ovar, muito especialmente a partir de meados da década de 40 do século XX. Foi algo que me provocou muita curiosidade e me levou a formular algumas interrogações:

Como é que uma pequena e pacata vila conseguia atrair milhares de pessoas na época de verão? Qual a proveniência desses banhistas? Teria Ovar capacidade para apetrechar de meios logísticos a praia do Furadouro, no sentido de dar resposta à procura dos banhistas, num período estival que se prolongava até Outubro? De que forma a Ria de Ovar se tornou importante em termos de oferta turística? De que modo a população quer da vila quer do Furadouro reagia à procura cada vez maior da praia? Teriam as festas religiosas e mais tarde o Carnaval de Ovar, hoje o grande cartaz de Ovar, trazido vantagens económicas para a vila?

Com o intuito de procurar dar resposta a estas questões, direcionei a minha investigação no período compreendido entre 1945 e 1960. A escolha destas datas deveu-se, por um lado à abundância de fontes neste período, por outro o arranque industrial que se deu em Portugal na década de 50, o que influenciou terras como Ovar, permitindo-lhe algum desenvolvimento com a instalação de duas importantes empresas na vila: fábrica de aços “F.Ramada” e fábrica de motores eléctricos “Rabor”.

Por último considerei não ultrapassar o limite de 15 anos relativamente ao estudo das fontes, por entender que seria excessivo para o trabalho em referência.

A meio da década de 40 começaram a abrir os cafés em Ovar, cuja simples existência dissipou a letargia que até então “reinava” na vila. Foi o caso do café Progresso que foi palco de tertúlias e convivialidade atraindo muitos forasteiros à vila.

Não sendo a pequena vila de Ovar terra de grandes monumentos, houve sempre a preocupação por parte dos autarcas de preservar e valorizar os que Ovar possuía, nomeadamente as Capelas dos Passos.¹ O papel da Junta de Turismo da praia do Furadouro foi crucial para dotar a praia de infra-estruturas: água, electricidade, esgotos,

¹ Em 1949 foram consideradas imóveis de interesse público.

pavimentação, arborização das ruas e reforço de policiamento. Não tanto pelo auxílio monetários, mas sobretudo pela sua persistência junto da Câmara e pelo apoio dado às comissões de festas do mar, e do Carnaval de Ovar.

O grande acontecimento em 1952 foi o primeiro Carnaval organizado em Ovar, levando-o às páginas da imprensa nacional de grande tiragem, aplaudindo a alegria e a capacidade de organização que se revelou no curso carnavalesco owarenses. Tentarei, além de outros assuntos, fazer uma análise deste e outros eventos, como é o caso das procissões dos Terceiros e dos Passos que fizeram de Ovar um fulcro turístico que importa trabalhar e conhecer melhor...

O meu estudo teve como fonte primordial a imprensa local e nacional. Analisei todos os anos, confrontando sempre que possível outra importante fonte que utilizei, que foram as actas da Junta de turismo da praia do Furadouro. Convém referir que em relação a esta fonte efectuei uma acérrima investigação que se revelou importantíssima nas várias fases do trabalho. A consulta desta documentação foi efectuada na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Biblioteca Municipal de Ovar, Biblioteca Municipal do Porto, Arquivo Distrital de Aveiro e Junta de Freguesia de Ovar.

Consultei documentação no Arquivo Histórico Municipal de Ovar relativa a actas e correspondência recebida e expedida da Câmara Municipal de Ovar no período abrangido pelo meu estudo.

No arquivo do Posto da Guarda Nacional Republicana em Ovar, consultei os livros de registo de crime, registo de pessoal e de detidos. Ainda no arquivo da Ordem Terceira de Ovar consultei os livros de contas e das procissões.

É evidente que o presente trabalho estará sempre dependente de um conjunto de bibliografia que no seu decurso será especificamente mencionada, referindo ainda que servirá de base conceptual na presente investigação no âmbito do turismo e práticas sociais a ele ligadas, nomeadamente de autores locais, como Eduardo Lamy Laranjeira e Alberto Sousa Lamy, conhecedores profundos da sociedade local no período que investiguei.

Nesta investigação tentarei dar resposta às questões enunciadas, e compreender a génese de um conjunto de factores que consolidaram o turismo em Ovar no período temporal referido.

2- EVOLUÇÃO GERAL DO TURISMO

A palavra turismo deriva do latim *tornus*, substantivo que significa acção de movimento e retorno, e que dá origem a *tornare*, girar,² ou seja viagem de ida e volta.

Turismo é qualquer actividade relacionada ao “movimento temporário e de curto prazo de pessoas a destinos fora dos locais em normalmente moram ou trabalham.”³

É uma actividade característica do século XX. “De movimento de elites passou a direito social e a um fenómeno de massas.”⁴ Pode ser definido “como a ciência, a arte de atrair visitantes,”⁵ através dos serviços ligados ao sector terciário. Estes serviços relacionam-se com o nível de vida, que aumenta quando ocorre a deflação na evolução geral dos preços, (baixa geral de preços) ou seja quando as necessidades elementares estão satisfeitas.

Consoante a situação, podemos classificar o turismo em nacional e internacional, que tal como transparece, um é praticado no estrangeiro e outro no país de origem.⁶

O aumento do nível de vida regista-se quando aumenta a deflação na evolução geral dos preços dos preços. “Só quando está alojado, vestido e alimentado é que o indivíduo (turista) pensa nos seus lazeres, nas viagens. (...)”⁷

Mas o que é um turista? Segundo Robert W. McIntosh é aquele que busca experiências diversas, satisfações psíquicas e físicas, e que permanecem no país visitado pelo menos uma noite.⁸

Luís Renato Ignarra, afirma existirem vários tipos de turistas: a) Existenciais: Buscam a paz espiritual quebrando a rotina; b) Experimentais: Querem conhecer e experimentar modos de vida diferentes; c) Diversionários: Procuram recreação e lazer

² DIAS, e Aguiar, 2002, pp.21 - “ (...) as raízes *tour* e *turn* têm procedência latina e significariam aproximadamente “viagem circular”, ou seja, há ida e volta, o retorno é essencial nesse sentido. No século XII, aparece no francês a palavra *tour*, com o significado de circuito, movimento circular.”

³ MIDDLETON e Clarke, 2002, pp.3

⁴ BARRETO e MÓNICA, 2000, pp.536

⁵ GOELDNER, RITCHIE, MCINTOSH, 2002, pp.6

⁶ GOELDNER, RITCHIE, MCINTOSH, 2002, pp.25 – 1-Turismo internacional a) Turismo receptivo: visitas a um país, por não residentes. b) Turismo emissivo: visitas, por parte de residentes de um país, a outro. 2- Turismo interno: visitas, por parte de residentes, dentro do seu próprio país. 3-Turismo doméstico: turismo interno somado ao turismo receptivo (o mercado turístico do sector de hospedagem num país) 4-Turismo nacional: turismo interno somado ao turismo emissivo (o mercado turístico de residentes, existente para agências de turismo e companhias aéreas)

⁷ PERRET e ROUSTANG, 1993, pp.57

⁸ “Assim o turismo pode ser definido como a soma de fenómenos e relações originados da interacção de turistas, empresas, governos locais e comunidades anfitriãs, no processo de atrair e receber turistas” GOELDNER, RITCHIE, MCINTOSH, 2002, pp.23-25

organizados, preferencialmente em grandes grupos; d) Recreacionais: Buscam entretenimento e relaxamento para recuperação de forças psíquicas e mentais.⁹

Os autores: Reinaldo Dias e Marina Rodrigues de Aguiar, explicam que nem todos os viajantes são turistas, por exemplo os viajantes remunerados, trabalhadores fronteiriços, viajantes próximos ao seu local de trabalho, pessoas sem residência fixa: nómadas, e refugiados.¹⁰

Quadro I

| Parcelas do total de chegadas turistas em cada década (%) | | | |
|---|--------|----------|---------------|
| Ano | Europa | Américas | Ásia/Pacífico |
| 1950 | 66 | 30 | 0,8 |
| 1960 | 73 | 24 | 1,0 |
| 1970 | 71 | 23 | 3,0 |

Fonte: MIDDLETON e CLARKE, 2002, pp.7

“O fenómeno das viagens não é novo na história da humanidade; ¹¹ desde que se formaram as primeiras sociedades, o homem sempre viajou pelos mais diversos motivos: económicos, políticos, sociais culturais e desportivos.

Uma característica das viagens sempre foi a interação com o meio ambiente, a construção de novos caminhos, a captura de animais, a propagação de doenças e a ocupação desordenada de novos territórios.

As viagens têm por definição o “acto de ir, do país onde se está, a outro país,”¹² ou seja o viajante é “qualquer pessoa que viaje entre dois ou mais países ou entre duas ou mais localidades dentro do seu país de residência habitual.”¹³

Por outro lado o termo deslocação refere-se a distâncias muito mais curtas, como por exemplo o deslocamento diário de ida e volta ao trabalho,¹⁴ enquanto turismo é: “a teoria e a prática de viajar por prazer,”¹⁵ ou ainda pelo simples facto de conhecer ou descobrir outros países, outras paisagens, novos lugares e novas culturas diferentes dos locais de origem.

⁹ IGNARRA, 2003, pp.17-18

¹⁰ DIAS, e Aguiar, 2002, pp.27

¹¹ DIAS, e Aguiar, 2002, pp.41

¹² SÉGUIER, 1997, pp.1243

¹³ IGNARRA, 2003, pp.26

¹⁴ IGNARRA, 2003, pp.17

¹⁵ DIAS, e Aguiar, 2002, pp.22

“As primeiras sociedades humanas faziam as suas deslocações em busca de alimentos, nomeadamente através da caça, e da recolha de sementes e frutos”¹⁶ na pré-história “ornamentavam os corpos (...) por ocasião das festas com conchas provenientes dos mares longínquos e seguramente trocadas pelas melhores peças de caça.”¹⁷

A raça humana impelida pela necessidade de sobrevivência, encetou incursões por mar e terra na esperança de descobrir novos locais de melhor caça e agricultura.

Sendo uma consequência inerente à sua própria existência “os movimentos de massas de umas regiões para outras são uma constante desde a Pré-História e deveram-se, em geral, à procura de meios de sobrevivência.”¹⁸ As viagens tornam-se assim no desejo de conhecer o desconhecido, o ensejo de novas destinos, abrindo portas a novos territórios, novos desafios, cuja génese se renova na sede empírica de encontrar e descobrir novas formas de estar e sentir.

As trocas comerciais suscitaram as viagens entre vários locais, a demonstrá-lo verifica-se na antiga Grécia “a existência de tráfego de metais que levaria a prata e o chumbo das minas do Láurio, na Ática, ao longo de uma rota marítima para Creta.”¹⁹ A importância destas relações comerciais é fundamental para se entender grande parte destas viagens. O comércio marítimo em grande escala na Grécia Clássica constitui uma forte necessidade, em virtude da ausência de rede viária consistente e entraves ao trânsito levantado por todas as cidades.

As viagens ao longo do Mediterrâneo foram palco de travessia para comerciantes e invasores, no entanto, também aventureiros e outros com motivações

¹⁶DIAS, e Aguiar, 2002, pp.41

¹⁷DAGEN, 2000, pp.23-30 – “O Homo habilis. Primeiro homem e primeiro antepassado directo do homem moderno, o Homo Habilis apareceu há cerca de três a quatro milhões de anos. Viveu no Leste e no Sul de África. Talha utensílios e faz abrigos servindo-se de ramos de árvores. O Homo erectus. Descendente do homo habilis (...) originário de África, povoou a Ásia e a Europa. Invento o fogo e aperfeiçoa os utensílios. (...) Homo Sapiens. Descendendo do Homo erectus, o Homo sapiens arcaico é, por vezes, difícil de distinguir dos seus antepassados. (...) deu origem em datas e em locais diferentes, a duas subespécies: o Homo sapiens neandertalis e o Homo sapiens sapiens, antepassado directo do homem moderno. O primeiro (homem de Neandertal) é originário da Europa. Aparece há cerca de 100.000 anos e desaparece há cerca de 35 000 anos. Da Europa, os homens de Neandertal vão até à Ásia passando pelo próximo Oriente. O Homo sapiens sapiens, aparecido em cerca de 100.000 a.C., descobre e povoa os cinco continentes desde a Pré-História. Na Europa, aparece cerca de 40.000 a.C. com o homem de Cro-Magnon.”

¹⁸ SOLAR, e VILLALBA, 2007, pp.111- “A primeira grande migração produziu-se a partir do berço do género Homo, isto é, da África Oriental, há, pelo menos 1,8 milhões de anos. (...) Estas primeiras travessias lançaram as fundações dos mais cinco mil povos que hoje habitam a Terra, os quais, têm como traço comum pertencer a uma única raça, a humana.”

¹⁹ SOLAR, e VILLALBA, 2007, pp.10 – O território estreito e alongado da ilha de Creta parece fechar a sul o mundo grego e, de facto, as antigas culturas do Egeu nunca chegaram mais além desta ilha, na qual floresceu uma civilização próspera e refinada.

religiosas, sulcaram as águas deste mar onde tudo se assomou naturalmente. No contexto religioso sublinhamos “como a Grécia e Roma privilegiaram a arte mântica, * divinatória. Na Grécia, mais virada para os oráculos das pitonisas (Delfos); em Roma com a observação do voo e pio das aves.”²⁰

Os Romanos foram peritos no desenvolvimento das redes viárias que abriram por todo o Império, possibilitando grande mobilidade dos seus exércitos como também grandes viagens para expansão do comércio. Estes trajectos eram penosos a avaliar pelas deslocações, especialmente no Inverno, as rodas dos carros puxados por cavalos atolavam-se tornando as viagens bastante difíceis. Por outro lado, no Verão era a poeira que afectava consideravelmente os olhos dos viajantes, e como se não bastasse “vinham a seguir, os malfeitores que pululavam pelos caminhos e que minimizavam os restantes inconvenientes, (...) no fim de cada jornada, os viajantes abrigavam-se em mansiones ou pousadas.”²¹

Com o fim do império romano, as viagens sofreram um grande decréscimo.²² O naufrágio do Império romano começa com as invasões bárbaras, iniciando-se este processo pelo ano de 374. O império romano “desaparecerá definitivamente em 476 com o seu último imperador. Dará lugar aos reinos bárbaros com a Antiguidade a apagar-se perante a Idade Média”²³.

A passagem do mundo clássico ao medieval situa-se no início do século VIII quando segundo alguns historiadores, os Muçulmanos, puseram cobro ao comércio

²⁰ Dias, 2006, pp.61, *O termo “mântica” define-se como saco ou alforge, elucida-nos como a extensa variedade de divindades caracterizava o quadro religioso de Gregos e Romanos.

²¹ SOLAR, e VILLALBA, 2007, pp.256-257 O carro mais luxuoso era a carruca, muito parecida ao que seria um «coche». Tratava-se de um veículo de quatro rodas, com dois ou quatro cavalos de tiro, totalmente coberto e possuindo quatro cómodos assentos. O veículo mais utilizado era o chamado reada, com capacidade para várias pessoas e muita bagagem. O covinus também tinha procura, pois podia ser conduzido pelo próprio viajante, sem necessidade de cocheiro. Outra forma de viajar era, obviamente a pé, apoiado num cajado e com a concomitante mochila ou alforge. O traje típico do viajante era um pesado manto com um capuz, o cucullus, tão frequentemente utilizado que Cícero diz a um amigo: “Vejo que partes de viagem, pois levas manto e cuculo.” Os viajantes abrigavam-se em geral, em mansiones ou pousadas, onde mudavam de cavalos e pernoitavam. Estas pousadas, segundo algumas descrições de Horácio, costumavam ser locais de prostituição, actuando o estalajadeiro como intermediário entre as profissionais e os recém-chegados. A comida era mal confeccionada, o pão era duro, a água mal se podia beber. Uma mansio, ficava em geral, numa cidade, outras vezes casas de amigos serviam também como locais de repouso.

²² IGNARRA, 2003, PP.4 – Com a sociedade organizada em feudos auto-suficientes, as viagens tornaram-se uma grande aventura pelo perigo que elas representavam em termos de assaltos de bandidos. A segurança propriamente dita existiria dentro dos limites territoriais dos feudos, sendo que a segurança extra-muros era pouca ou nenhuma.

²³ DAGEN, 2000, pp.18-149 – Os invasores bárbaros repartem-se por: Visigodos e Ostrogodos, Francos, Alamanos, Burgúndios, Vândalos, Alanos, Suevos e Hunos.

entre o Ocidente e o Oriente, após controlarem as costas e as ilhas do Mediterrâneo, obrigando assim os Europeus a adoptar uma economia não comercial, baseada fundamentalmente na agricultura. “Durante séculos, «os cristãos» (...) não puderam «fazer flutuar uma simples prancha» no Mediterrâneo.”²⁴

A ocupação Muçulmana de 711 apenas veio reforçar uma situação que já de si revelava forte debilidade, especialmente a norte da Península “ (...) admitindo que a desagregação do reino visigótico (...) tivesse prolongado uma certa insegurança, (...) debilidade urbana, o atrofiamento das actividades comerciais e artesanais. (...)”²⁵

A Península vinha já sentindo “a crise económica agravada por uma série de catástrofes naturais que começou em 964 (...) e pelo encerramento das vias comerciais com a África do Norte”²⁶, juntavam-se à crise política devido à fragilidade da monarquia e às lutas internas que teriam deste modo favorecido a invasão Muçulmana.

A Religião serviu de aglutinador e Roma converteu-se no centro do ocidente, o clero foi o agente eficaz da centralização eclesiástica, apoiando activamente o Papa quando este considerou que a sua autoridade tinha de ser respeitada. Exemplo disso mesmo foram as Cruzadas ou peregrinações armadas,²⁷ a par do ideal religioso, uma demonstração de força para combater o infiel e expulsa-lo da terra Santa Jerusalém.

A edificação da Basílica do Santo Sepulcro no lugar do túmulo de Cristo, mandado construir por Constantino, que atraia numerosos peregrinos e curiosos.

É necessário esperar pelo fim da insegurança do último quartel do século XI relacionada com as incursões mouras no Norte da Espanha, para que a peregrinação a Santiago de Compostela conheça o seu apogeu.²⁸ Estas viagens são de suma importância porque produzirão forte influência cultural na Península Ibérica, vinda do Norte dos Pirenéus, veiculada pelos inúmeros peregrinos atraídos pelo túmulo do apóstolo S. Tiago.²⁹

Os peregrinos chegavam em grupo, depois de se lavarem, os que o faziam, dirigiam-se para o Santuário, seguiam o trilho circundante no interior do mesmo, faziam as suas orações, e assistiam à missa no interior do templo.

²⁴ FOURQUIN, Guy, 2000, pp. 16

²⁵ MATTOSO, José, (Dir.) 1992, pp.445

²⁶ RUCQUOI, 1995, pp. 60 - 61

²⁷ SOLAR, e VILLALBA, 2007, pp.4

²⁸ DAGEN, 2000, pp.202

²⁹ RUCQUOI, 1995, pp.268 – Os peregrinos da Idade Média, originários de França, Inglaterra, Alemanha e Flandres, por razões de segurança vão geralmente em grupo. Desde o início do século XII, há notícias de um Guia do Peregrino de Santiago de Compostela, redigido em 1139.

Nas casas monásticas acolhiam-se “os intermediários do sagrado”³⁰ que dirigiam a vida da comunidade de fiéis. Mas no século XIII os monges cederam terreno ao clero secular, as cidades cresceram, “as igrejas e ordens Mendicantes”³¹ tornaram-se assim os pilares de aproximação mais estreita com os fiéis através da pastoral urbana.

Numa sociedade de iliteracia, como era a medieval, o clero secular centralizou a fé, e simultaneamente acabou por fazer acentuar a convivialidade no seio medieval, as festas eram um meio de apregoar a palavra pública antes de ser interiorizada e posta em prática, assim as procissões, espectáculos e festas eram um meio de difundir e mostrar o poder régio como também os valores da fé e moral cristãs.

As feiras e romarias eram também pontos de convergência, “a maioria das feiras ocorria entre a Páscoa e o mês de Setembro, coincidindo com os tempos fortes das colheitas,”³² trocavam-se produtos vindos de outros territórios, homens e mulheres movimentavam-se no imperativo do negócio, mas também do ócio em simbiose com o sagrado. No meio deste misto de novas sensações acrescenta-se a percepção de outras paisagens diferentes das suas terras de origem.

“O culto das imagens, depois da luta iconoclasta, espalhou-se por todo o Ocidente, na Idade Média, iniciou-se também a canonização dos Santos,”³³ a penitência pública nos séculos VIII e IX ainda estava em vigor, mas foi-se determinando cada vez melhor, tomando a confissão auricular cada vez mais o papel principal. Como penitência eram impostos jejuns, períodos de reclusão em mosteiros e peregrinações.

Peregrinações e festividades públicas marcaram indelevelmente a Idade Média, polvilhada de forte cariz ruralista e enorme influência eclesiástica, adivinhava-se o despertar de um tempo rico em viagens à descoberta de novos mundos através dos oceanos.

Portugal seria o precursor das grandes viagens expansionistas com vista a atingir novos locais de comércio, e afins,³⁴ consumada que estava a reconquista terrestre, o mar vislumbrava novo arpejar de caminho. “Desde Ceuta, Ilhas: Madeira e Açores, Brasil, Moçambique, Guiné, Cabo Verde, Angola e Índia,”³⁵

³⁰ MATTOSO (Dir), 2010^a, pp.145

³¹ MATTOSO (Dir), 2010^a, pp.146

³² MATTOSO (Dir), 2010^a, pp.157

³³ GALLI, e GRANDI, 1964, pp.114

³⁴ Comércio de escravos

³⁵ OLIVEIRA, pp. 271-315

Neste contexto a época Moderna compreende essencialmente os séculos XVI, XVII, e XVIII,³⁶ que vibra em torno de trocas comerciais e expansionismo marítimo, terá como advento o capitalismo que se fará sentir com a revolução industrial em Inglaterra.

A evolução cultural progride a partir do século XVIII, a corte deixa de ser o centro da emergência cultural, “as academias, os salões e os cafés substituíram a corte enquanto lugar central de produção e da crítica literária e artística.”³⁷ O século das Luzes, difunde-se como passagem da esfera cultural elitista da corte para o domínio público privado. Tendo em conta a visão negativista que os estrangeiros tinham do país, “teve nesse elemento importante do cosmopolitismo da Luzes”³⁸ alguma importância, porque demonstrou a capacidade de Lisboa, através desses relatos, para a atrair viajantes.

Em França, “durante a primeira metade do século XVIII realizou-se uma revolução nos modos de viajar,”³⁹ o viajante gosta de se confrontar com cenários grandiosos, com paisagens de caos, o turista tem prazer em abeirar-se nos flancos da montanha entre os cumes solares e o vale tranquilo.

Busca-se a metafísica no ócio do passeio como algo de singular, despindo a rigidez complexa dos sentidos metafóricos que porventura ela provoque, envolvendo o espírito e corpo nesta nova deambulação, é a época romântica no seu apogeu. “O hábito da ida ao campo, a moda da praia, onde se vai à procura de ar e frescura, mas não ainda do Sol, as audácias do banho de mar a treze graus, testemunham esta primeira fase do despir dos corpos.”⁴⁰

Os autores descrevem esta nova situação como uma espécie de rito inicial “de que se reveste para o rapaz culto, a grande viagem ao «Oriente», ou da viagem de núpcias às Costas da Bretanha ou aos Fiordes da Noruega.”⁴¹ A viagem torna-se uma peripécia dando origem a sentimentos e recordações nos viajantes, difíceis de imaginar hoje em dia.

³⁶ SOUSA, 1996, pp.18

³⁷ MATTOSO (Dir), 2010b, pp.427

³⁸ MATTOSO (Dir), 2010b, pp.429

³⁹ PHILIPPE, e DUBY, 1990, pp.465 – O modelo clássico do itinerário calmo e sereno, balizado por estadias nas cidades que convidam o turista a regalar-se com obras de arte e com visitas a monumentos, foi preterido pelas excursões aos Alpes, uma experiência forte terá sido o móbil dessa mudança.

⁴⁰ PHILIPPE, e DUBY, 1990, pp.468

⁴¹ PHILIPPE, e DUBY, 1990, pp.469

Foi necessário esperar pelo final do século XIX com o aparecimento dos comboios,⁴² para que as grandes massas experimentassem a intensidade da experiência vivida um século antes pelas elites.

Com o aparecimento do comboio no século XIX, as viagens tornam-se uma realidade para as grandes massas, que não se deslocavam para zonas mais distantes, “ o comboio veio democratizar a pratica da viagem, até então reservada a raros, (...)”⁴³ e porque servirá zonas activas sugerindo bons negócios.

“Em 1840 foram construídos 8854 km de caminho-de-ferro em todo o mundo,”⁴⁴ é uma nova etapa que navega rumo a renovadas descobertas e novos prazeres, que o comboio vai proporcionar a um número elevado de pessoas.

⁴² VIDAL-NAQUET, pp. 205 - O primeiro caminho-de-ferro francês, com o trajecto Lyon – Saint-Étienne, em 1832

⁴³ MACHADO, 1996, pp.67 – Um jornalista anónimo do século XIX quando afirma em tom jocoso, que “todo o filhote pur sang detesta o comboio! (Gazeta da Figueira, 4 de Setembro de 1887).

⁴⁴ VIDAL-NAQUET, 2007, pp. 206

3 - DA SOCIEDADE DE PROPAGANDA À CRIAÇÃO DAS JUNTAS DE INICIATIVA DE TURISMO

As causas que levaram à criação da Sociedade de Propaganda, foram sobretudo, enormes dificuldades económicas existentes em Portugal no início do século XX. A situação geográfica do país “na testa atlântica da Europa,”⁴⁵ aliada às grandes rotas de trânsito marítimo inter-continental, numa época em que o navio era soberano, levou a pensar num organismo que congregasse esforços, no sentido de pôr em marcha um plano e assim trazer estrangeiros para o país que “lucraria enormemente se, pela afluência de passageiros e viajantes, aqui ficassem quantias avultadas.”⁴⁶

A constituição da Sociedade teve lugar no dia 28 de Fevereiro de 1906, sendo “aprovada em histórica assembleia reunida na Liga naval de Lisboa”.⁴⁷

A Sociedade de Propaganda de Portugal foi a primeira organização da actividade turística em Portugal. “Agremiação de carácter privado, foi o embrião da organização turística portuguesa.”⁴⁸

Tinha como objectivo a divulgação do país, nomeadamente através das suas vertentes turísticas. A referida Sociedade teve uma acção bastante importante na divulgação desses recursos não se limitando a meras questões informativas, sublimava o aconselhamento medicinal para quem procurava as praias nacionais, usando como meio veiculador a publicação: “As nossas Praias”.⁴⁹

Em 1911 foi criada a Repartição do Turismo. Foi Portugal a seguir à Áustria (1909) e França (1910) a criar este órgão oficial de Turismo.⁵⁰

É então criado quase em simultâneo o Conselho Nacional de Turismo, e em 1914 através do Decreto 1101, publica-se legislação em ordem à construção de novos hotéis.

⁴⁵ PINA, 1988, pp. 11

⁴⁶ PINA, 1988, pp. 11

⁴⁷ PINA, 1988, pp. 15

⁴⁸ BARRETO e MÓNICA, 2000, pp.536

⁴⁹ MACHADO, 1996, pp.96 – “ (Estas indicações não se destinam apenas) a indivíduos cujo estado mórbido leva os médicos a indicar-lhes a utilidade dos banhos de mar. Mas os próprios indivíduos são têm a maior conveniência (em estar à beira-mar para) oxigenar os pulmões, que o ar contaminado das cidades e terras do interior não deixam exercer plenamente as suas funções tão essenciais à vida. Com efeito, tanto em uns como em outros exerce a mais salutar influencia uma estadia nas praias. A vida ao ar livre, a excitação natural das funções respiratórias pelo fresco e aromático ar dos bosques ou das campinas (são) factores higiénicos de primeira ordem.” (As nossas Praias, Soc. Propaganda de Portugal, 1918).

⁵⁰ BARRETO e MÓNICA, 2000, pp.536

Mas o Turismo nacional estava demasiadamente centralizado, havia a percepção política que dadas as potencialidades turísticas de Portugal, ventilava-se a necessidade de alargar a todo o país um organismo turístico local “e em 1921 institucionaliza-se a organização turística local, através da Comissões de Iniciativa”⁵¹

3.1 – A GÊNESE DAS JUNTAS DE INICIATIVA DE TURISMO

A Lei nº 1.152 de 23 de Abril de 1921, faz criar as Juntas de Iniciativa de Turismo⁵² “organização turística local que através das Comissões de Iniciativa sediadas nas estâncias climatéricas e termais,⁵³ passam de 49 a 136 em dois anos”.⁵⁴ Tal facto revela a importância que as Comissões de Iniciativa foram adquirindo como agentes impulsionadores nos locais de turismo, como praias e zonas termais, no sentido de atrair turistas, conseguindo deste modo somar recursos económicos.

Na sua grande maioria estas Comissões das Juntas de Iniciativa de Turismo estavam sediadas nas sedes de concelho. Eram compostas: por um representante do Município, outro da Junta de Freguesia, um representante comercial, um chefe das obras de conservação da zona respectiva e um delegado da Sociedade de Propaganda de Portugal. As funções que lhe foram confiadas consistiam no zelo das áreas turísticas, era facultada a execução de obras e de iniciativas, inventariação de vestígios históricos, tendo em vista aumentar a frequência das estâncias e “fomentar a indústria do turismo.”⁵⁵ Era cobrada uma “taxa de turismo aos estabelecimentos que albergassem forasteiros no período estival, que era enviada ao governo.”⁵⁶

⁵¹ BARRETO e MÓNICA, 2000, pp.536

⁵² Diário do Governo 1921 – “Artigo 1º São criadas em todas as estâncias hidrológicas e outras, praias estâncias climatéricas, de altitude, de repouso, de recreio e de turismo, comissões de iniciativas com o fim de promover o desenvolvimento das estâncias, de forma a proporcionar aos seus frequentadores um meio confortável, higiénico e agradável, quer executando obras de interesse geral, quer realizando iniciativas tendentes a aumentar a sua frequência e a fomentar a indústria de turismo.” *Esta lei foi regulamentada duas vezes pelos decretos nº 8046 de Fevereiro de 1922, e 10057, de 24 de Agosto de 1924. O decreto nº 22530, de 16 de Maio de 1933, introduziu algumas modificações aos diplomas anteriores, na parte relativa ao lançamento e cobrança de receitas das comissões de iniciativa e sua aplicação. As 83 Comissões de iniciativa de iniciativa existentes haviam já arrecadado em 1934 a importância global de 4200 contos, verba muito considerável para a época. (nota do autor: Paulo Pina, “O Turismo no século XX, pp. 41)

⁵³ BOYER, 2005, pp.61 – A França em 1948 possuía elevado número (1.150) de estâncias termais.

⁵⁴ BARRETO e MÓNICA, 2000, pp.536

⁵⁵ PINA, 1988, pp. 41

⁵⁶ Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, História institucional, www.csarmento.uminho.pt/ama/p_341.asp

Cada membro destas comissões, que o não fosse de direito próprio, era nomeado pelo Governo, por proposta da repartição de Turismo.

A acção das Junta de Iniciativa de turismo apesar de produzir efeito económico e turístico não granjeou fortes apoios da tutela governamental, procurando esta pôr termo à manutenção da autonomia das Comissões de Iniciativa face às Câmaras Municipais.⁵⁷

“Esta comissão foi considerada extinta a 1 de Janeiro de 1937, pelo decreto nº 27.424 de 31 de Dezembro de 1936, que aprovou o Código Administrativo.”⁵⁸

3. 2 - A ACÇÃO DA JUNTA DE INICIATIVA DE TURISMO EM OVAR

A Instalação da Comissão da Junta de Iniciativa de Turismo em Ovar ocorreu a 12 de Maio de 1924, tendo como primeiro Presidente, Dr. Pedro Virgolino Ferraz Chaves.⁵⁹ No acto de posse estiveram presentes além do presidente os seguintes: Dr. José Duarte Pereira do Amaral, Manuel Gomes da Silva Bonifácio, Afonso Dias de Carvalho, Eduardo Fernandes Violas e Jacinto dos Santos Cunha. As sessões seriam realizadas na casa do presidente, sita no largo Mouzinho de Albuquerque em Ovar, semanalmente ao princípio da tarde.⁶⁰

A Comissão da Junta de iniciativa, limitava-se a gerir o magro orçamento que lhe era atribuído, utilizando-o especialmente em obras de conservação das infra-estruturas da praia e cobrava as taxas de turismo legalmente impostas.

O Governo de Salazar impôs ao país medidas de contenção no sentido de colocar as contas do país em ordem, “nos 11 anos que decorrem de 1928 a 1939 – traça--se uma obra enorme. Arrumam-se as contas do estado; moraliza-se a administração.”⁶¹

Ao Turismo “sobrevieram-lhe restrições de meios humanos e financeiros (...) sem projecto governamental definido e mantido.”⁶²

⁵⁷ PINA, 1988, pp. 45 – (...) no último dia do ano de 1936, era publicado no “Diário do Governo” o decreto-lei nº 27.424 que anexava o novo Código Administrativo e punha termo à existência das Comissões de Iniciativa e Turismo, ali substituídas por Comissões Municipais e Juntas de Turismo subordinadas às respectivas câmaras.

⁵⁸ LAMY, 2001^b, pp. 132

⁵⁹ LAMY, 2005, pp. 235

⁶⁰ Acta Junta Iniciativa de Turismo Furadouro, 12 Maio 1924, folha 3

⁶¹ Discurso proferido pelo deputado Dr. Bustorff Silva na sessão da Assembleia Nacional de 26 de Fevereiro de 1947.

⁶² PINA, 1988, pp. 33

Quadro II

| DESPESAS DO GOVERNO ENTRE 1928 E 1939 | |
|---|-----------|
| Rearmamento do Exército..... | 641.574 |
| Navios de Guerra e Aviação Naval..... | 429.654 |
| Construção e Reparação de estradas..... | 320.875 |
| Portos..... | 354.060 |
| Melhoramentos Rurais..... | 80.000 |
| Edifícios Públicos..... | 70.747 |
| Edifícios escolares..... | 39.936 |
| Hospitais..... | 15.707 |
| Porto de Leixões..... | 6.896 |
| Hidráulica Agrícola..... | 121.239 |
| Correios e Telégrafos..... | 58.537 |
| Soma Total..... | 2.439.275 |

Fonte: Jornal do Povo, Edição 1945, pp. 5

A Comissão da Junta de Iniciativa de Turismo da Praia do Furadouro, à semelhança de tantas outras espalhadas pelo país, era movida pelo entusiasmo e carolice bairristas, tocados por um “amor” desmedido à sua terra, muitas vezes até, abdicando de dinheiros próprios para a prossecução de determinados projectos. “Essa autonomia e independência, e esse carácter de interesse local e regional são o seu maior estímulo para um trabalho produtivo e activo.”⁶³

Os acessos à praia do Furadouro foram preocupação permanente da Comissão de iniciativa, solicitando regularmente ao “Excelentíssimo ministro do comércio um subsídio para a reparação da estrada que liga Ovar ao Furadouro, pedido aliás justíssimo comparado com outros que tem sido concedidos a outras terras e praias de muito menos importância.”⁶⁴

De salientar a importante iniciativa que esta Comissão teve praticamente desde o início da sua vigência, um arrojado plano de desenvolvimento ferroviário possibilitaria uma considerável melhoria de acesso à praia do Furadouro, assim como também benefícios económicos á Vila de Ovar, sabendo a Comissão que às praias de Espinho e Granja afluíam inúmeros banhistas, devido à proximidade da linha férrea, afluía assim, aos homens que a compunham o “sonho” de trazerem o comboio até à praia, especialmente vindo das terra próximas a Ovar.

⁶³ PINA, 1988, pp. 41

⁶⁴ Acta Junta Iniciativa de Turismo Furadouro, 30 Novembro 1928, folha 54

Em 1928 o Governo esboçava um plano da nova rede ferroviária para o país, a comissão de iniciativa em conjunto com a Câmara Municipal de Ovar, que no dia 15 de Novembro de 1928, “deliberou propor a inclusão no plano geral da rede ferroviária de 2 linhas estreitas (...)”⁶⁵ dirigiram um pedido ao presidente da comissão revisora do plano da nova rede ferroviária, sob a forma de um plano ferroviário local estruturado, onde constavam duas redes de via estreita, que muito viriam beneficiar Ovar e principalmente o Furadouro. Uma partiria de São João da Madeira e terminaria em Ovar, servindo Couto de Cucujães, Mosteirô, Souto e Arada. A outra partiria de Oliveira de Azeméis e terminava no “Furadouro, servindo São Martinho da Gandara e São Vicente de Pereira.”⁶⁶ A pretensão da Comissão não foi tida em conta, e o referido projecto não passou de mais um papel nos corredores do poder em Lisboa.

QUADRO III

| JUNTA DE INICIATIVA DE TURISMO DO FURADOURO CONTAS DO ANO 1929 | | | |
|--|-----------|---|-----------|
| RECEITA | | DESPESA | |
| Saldo do ano 1928 | 2.650.00 | 20% a que se refere o artigo 14 do regulamento de 30 de Agosto de 1924 referente ao ano de 1928 | 6.772.22 |
| Percentagem sobre as contribuições predial e industriais recebidas durante o ano de 1928 | 75.493.22 | Idem a que se refere ao ano de 1929 | 15.098.64 |
| Aplicações do artigo 15.16 do regulamento de 30 de Agosto de 1924 | 1.500.00 | Livros impressos, expediente e propaganda | 2.000.00 |
| ----- | ----- | Desassoreamento da duna móvel e das ruas da praia | 3.000.00 |
| ----- | ----- | Limpeza da praia, conservação dos candeeiros de iluminação, passarelle, estradas e mais obras realizadas | 3.000.00 |
| ----- | ----- | Ordenados dos empregados Incluindo renda de casa na época | 5.000.00 |
| ----- | ----- | Subsídio tradicional festa do mar e outras de propaganda de praia | 3.000.00 |
| ----- | ----- | Melhoramentos como: arborização e construção de passeios, fornecimento de água, construção de estradas e outros de embelezamento da praia | 21.772.36 |
| Total | 79.543.22 | total | 79.643.22 |

Fonte: Acta de 15 de Dezembro de 1929, folha 79, da junta de iniciativa da praia do Furadouro

⁶⁵ LAMY, 2005, pp. 244

⁶⁶ Acta Junta Iniciativa de Turismo Furadouro, 30 Novembro 1928, folha 54

À Comissão competia zelar pelo bem-estar dos banhistas tanto quanto possível. Por essa razão houve desde logo a preocupação de manter “aberta” a zona Norte da praia do Furadouro, onde as classes mais abastadas tinham a possibilidade de usar as barracas situadas no areal, alugadas pelos banheiros. Evitava-se desta forma que os banhistas fossem incomodados pelos pescadores.⁶⁷

Na parte Sul da Praia banhavam-se os pobres, era o local onde os pescadores tiravam as redes do mar.⁶⁸ Os pescadores eram por vezes motivo de curiosidade por parte de alguns banhistas, especialmente dos mais velhos, que se deslocavam da parte Norte até ao Sul da praia para observarem os trabalhos da Safra.⁶⁹

A divulgação da região e o seu turismo foi também uma das preocupações da Comissão de Iniciativa, por sua iniciativa ou a pedido do poder central, publicitava-se a nível local e nacional através dos jornais: Comércio do Porto, do 1º de Janeiro e do Século, os atractivos turísticos que a Praia do Furadouro oferecia aos forasteiros.⁷⁰

Durante a vilegiatura, houve sempre a preocupação de proporcionar aos banhistas a possibilidade de fazer uso, para os fins tidos por convenientes, da estação telégrafo-postal, que na Praia apenas funcionava nos escassos três meses de Verão. A Junta de Iniciativa todos os anos diligenciava ao administrador geral dos Correios e telégrafos solicitando “a continuação aberta ao público até 15 de Novembro da estação telégrafo-postal da praia”⁷¹

Esta situação reflectia o aumento da procura da praia, cada vez mais banhistas afluíam ao Furadouro e por mais tempo...

⁶⁷ NEVES, 2007, pp.18

⁶⁸ Informação oral de: Ester Gomes de Pinho, 88 anos, residente em Ovar

⁶⁹ NEVES, 2009, pp.50 – “Em 1940 havia duas companhas a laborar no Furadouro: a do Valente e a de São Pedro, que anualmente faziam a “safra”. Safra era o nome utilizado pela classe piscatória para designar a faina anual da pesca... Para cada Safra havia uma inscrição, a matrícula, que era um contrato feito, em cada ano, entre os donos das companhas e os pescadores, que se comprometiam trabalhar nelas durante um certo tempo, sempre que o mar o permitisse, combinando igualmente na mesma ocasião a paga, em dinheiro, que iriam receber. A matrícula era feita umas vezes na Capitania de Aveiro, outras em Ovar, (na casa dos Pescadores, a última situava-se no Alto do Saboga, em Ovar, inaugurada no principio dos anos 50) e até nos armazéns das companhas, no Furadouro, com a presença dum representante da Capitania que, para isso, marcava o dia, a hora e o local do encontro.”

⁷⁰ Acta da sessão extraordinária de 30 de Julho de 1930, folha. 94 (gastava-se em média anualmente 2.500\$00 na propaganda da Praia do Furadouro)

⁷¹ Acta da sessão ordinária de 31 de Outubro de 1929, folha 75

4 – OVAR E A PRAIA

A origem da palavra Ovar do verbo Ovar⁷² “porque a multidão de aves palustres punham ovos e criavam aqui, (Ovar) onde os moradores da vetusta Cabanões vinham a eles.”⁷³

Em 1945 a vila de Ovar está situada na província da Beira Litoral, sendo sede dum dos 19 concelhos do distrito de Aveiro, “concelho que abrange 7 freguesias: Arada, Cortegaça, Esmoriz, Maceda, são Cristovão de Ovar, São Vicente e Válega.”⁷⁴

Nos anos 50 do século XX, Ovar era uma Vila pouco buliçosa, nada a fazia emergir da sua quietude, a não ser o pregão das peixeiras,⁷⁵ que a passo apressado e canastra à cabeça, gritavam a plenos pulmões: “peixe do nosso mar”,⁷⁶ e o chiar das rodas dos carros de bois a caminho dos campos, ou vindos do Furadouro transportando sardinha salgada para a estação dos caminhos-de-ferro de Ovar.⁷⁷

O toque dos sinos da igreja anunciando alguém que morreu, ou a passagem dos bombeiros, denunciada pelo apito estridente das sirenes da ambulância, era motivo para todos virem à porta de casa para comentar, saber ou discutir...⁷⁸

Constava-se que no “Furadouro e noutros locais da Vila tinham morrido muitas aves de capoeira envenenadas com lixívia que, por andarem à solta, bebiam nos lavadouros.”⁷⁹ Apelava-se às donas de casa que prendessem as referidas aves, com o

⁷² Revista Portugal Local, 2003, Nº58, pp.6 - Grande parte da área geográfica de Ovar, alguns séculos atrás, estendia-se por um espaço despido de acidentes de terreno, permaneceu durante tempos submersa, o recuo foi muito intenso. Tomando a estação de caminhos-de-ferro como ponto de referencia verifica-se que se encontra a mais de 5 mil metros do Furadouro “e a uma altitude de 17,24 metros do nível do mar.

⁷³ LAMY, 2009^b, pp.497 – Da corrupção da pronúncia do Vale é uma explicação que parte do principio de que o povoado de Cabanões é mais antigo que o de Ovar, o que não está provado, e de que a região onde hoje se situa a cidade era menos elevada do que aquele lugar de Cabanões o que corresponde à realidade. Quando os habitantes de Cabanões se deslocavam ao vale, ao litoral, diziam: vou ao var (estive no var, venho do var), sendo a palavra var uma corrupção da pronúncia de vale ou val. Os povos vizinhos teriam trocado o L pelo R e feito a contracção de AO em O.

⁷⁴ LAMY, 2001^a, pp.15-16

⁷⁵ NEVES, 2007, pp.27 – A Lina Ligeira, espalhando o seu pregão pelas ruas da vila, em passo apressado, como eram timbre das peixeiras de Ovar.

⁷⁶ Informação oral de: Maria José de Pinho e Silva, 75 anos, natural e residente em Ovar - As peixeiras mais conhecidas em Ovar nos anos 40 e 50, eram: Ti Elisa, Ti Joana alta, Ti Joana Baixa, Ti Amélia, Maria Válega e a Ti Nazaré do Espichado.

⁷⁷ NEVES, 2007, pp.26 – António Azóia (Regedor), transportador de sardinha em carro de bois para a estação dos caminhos-de-ferro de Ovar.

⁷⁸ Informação oral de: Manuel Oliveira Lamarão, 66 ano, comerciante, natural e residente em Ovar

⁷⁹ João Semana, 1956 (nº2.200), p.4

intuito de evitar mais prejuízos e eventual alastramento de doenças. Tal facto era sintomático da pacatez que reinava em Ovar.

Na Vila o tempo do ócio jogava-se à malha na terra batida à frente das casas, enquanto as mocinhas bailavam, cantando as danças de roda, “e os rapazes lançavam o pião.”⁸⁰ Estas são as imagens de 1945 na Ribeira de Ovar.

A emigração era o escape à pobreza, tal como na segunda década do século XX⁸¹ o Brasil absorvia a maior fatia dos emigrantes ovarenses, o mesmo se repetiria nos primeiros anos da década de 50, situação que diminuiu consideravelmente a partir de 1954. A indústria, cujo arranque se iniciou nesta década, torna-se “um sector económico e socialmente determinante em Portugal.”⁸² No entanto a emigração voltaria a aumentar na década de 60, agora porém, já não se parte tanto para Brasil, ou para outros países da América: parte-se para a Europa industrializada, especialmente para a França e Alemanha.⁸³

“O movimento migratório desta Vila é muito importante.”⁸⁴ Os autores José penicheiro e José Graça, no “Guia turístico que editaram em 1959, lamentavam que os que iam, vinham com modernices do estrangeiro e pouco amor às origens da terra que os viu nascer. “Os velhos usos e costumes estão sempre sob a influência e o menosprezo dos que se adaptam lá fora a outros hábitos e ritmo de vida.”⁸⁵

Um dos acontecimentos mais importantes ocorridos em Ovar foi o aparecimento da televisão em 1957,⁸⁶ que à semelhança do resto do país⁸⁷ causou muita curiosidade e furor na vila inteira. No dia 25 de Novembro captaram-se pela primeira vez na vila, “as imagens emitidas pela Rádio Televisão Portuguesa, da estação da Lousã.”⁸⁸ Todas as noites a rua Elias Garcia atraía uma autêntica multidão que seguia entusiasmada os programas captados pelos televisores das Firms Prôlar, Electro-Faísca e

⁸⁰ CHAVES, 2008, pp.5

⁸¹ LAMY, 2009^a, pp.532

⁸² ROSAS, 1994, pp-426-427

⁸³ LAMY, 2009^a, pp.532

⁸⁴ PENICHEIRO e GRAÇA, 1959, pp.15

⁸⁵ PENICHEIRO e GRAÇA, 1959, pp.15

⁸⁶ VIEIRA, 2000^b, pp.167 – “Como outros avanços dos anos 50, a ideia da tv é vista com relutância por Salazar e com entusiasmo por Caetano, que a impõe.”

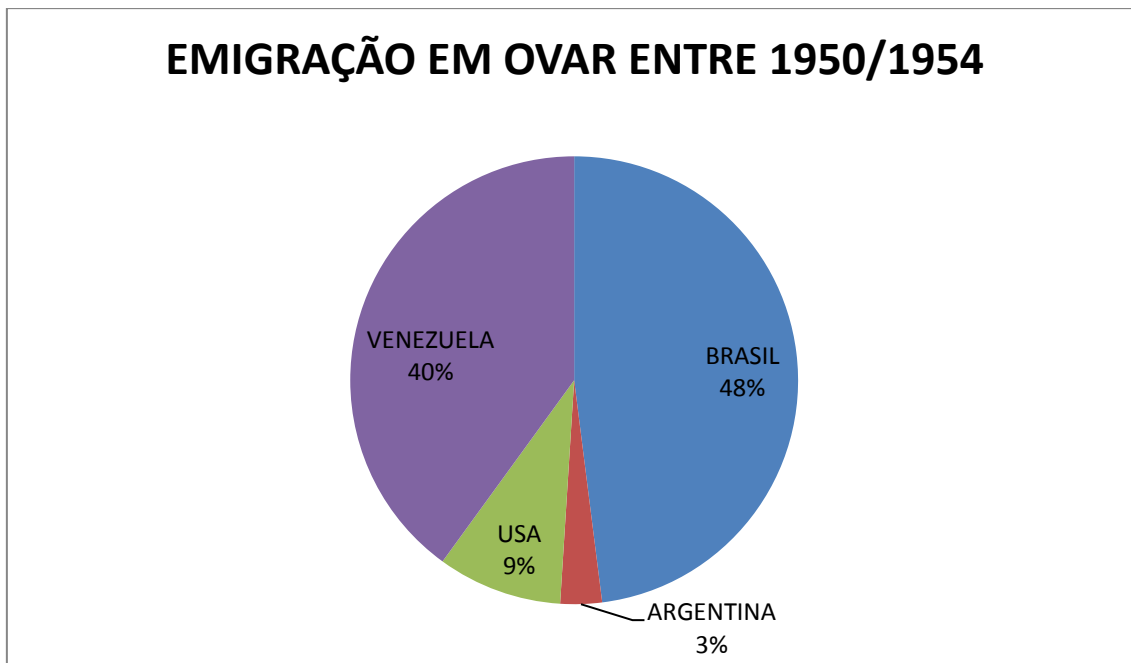
⁸⁷ João Semana, 1956 (2.222), p.4 - No dia 4 de Setembro de 1956 foi realizado as primeiras experiências de televisão na Feira popular de Lisboa, facto que atraiu àquele recinto milhares de pessoas.

⁸⁸ Notícias de Ovar, 1957 (481), p.3

Radélio,⁸⁹ cujas lojas ali estavam situadas com belas montras ao sabor da curiosidade pública.

Ovar não possuía grandes monumentos, à excepção da Igreja Matriz, e das Capelas dos Passos, pouco mais havia que mostrar ao turista que por Ovar passasse, ávido por conhecer a história da vila e a sua gente.⁹⁰ No entanto a magnitude das procissões dos Passos e dos Terceiros, levadas a cabo pelas irmandades da Ordem Terceira e do Passos em Ovar⁹¹ por altura da Quaresma, e sobretudo o acontecimento em 1952 que foi o primeiro Carnaval⁹² organizado, deram à vila vital importância turística que atraía milhares de forasteiros a Ovar todos os anos.

QUADRO IV



Fontes: Notícias de Ovar 1951 (nº 131, 133, 135, 136, 139, 140, 142, 145, 152, 158, 162) 1952 (nº 174, 177, 178, 183, 184, 185, 190, 200, 201, 204, 205, 207, 220, 221) 1953 (nº 229, 232, 235, 237, 239, 241, 243, 245, 248, 253, 259, 260, 263, 273, 274) 1954 (nº278)

⁸⁹ Notícias de Ovar, 1957 (481), p.3

⁹⁰ PENICHEIRO e GRAÇA, 1959, pp.15-31 – “Leitor amigo: és turista? Vem à nossa Terra! Não temos ainda museu para te mostrar o valioso espólio do nosso antigo trajar, a beleza do nosso antigo folclore e o rico artesanato do nosso povo. O modernismo roubou-nos o que de mais querido tínhamos; tudo se alterou. (...) O povo de Ovar é religioso, crente a seu modo. Jamais fidalgos e frades lhe deram os mimos da sua protecção. Por isso não tem sumptuária de monumentos, estátuas e painéis no rol do seu património.”

⁹¹ COSTA, 1965, pp. 30-31

⁹² O primeiro Carnaval organizado em Ovar foi em 1952. O carnaval tem fortes raízes em Ovar, uma vez que antes da sua primeira edição organizada, era festejado por todos os bairros da Vila.

O Furadouro nos anos 40 era quase desabitado,⁹³ todo o trabalho da pesca era realizado pelos que moravam em Ovar. Quando nos armazéns, devido à urgência das encomendas, o trabalho da acama da sardinha apertava até altas horas da noite, à luz de gasómetros de carboneto e dos petromaxes a petróleo, as mulheres viam-se obrigadas a regressar à vila primeiro calcorreando a areia da praia⁹⁴ e depois a terra batida, a altas horas da madrugada por uma estrada medonha, “que dista do Furadouro 4,5 quilómetros”⁹⁵ ensombrada pelo arvoredado, quantas vezes em noites ausentes de luar.

Nestas ocasiões, era vulgar os mercantéis,⁹⁶ montados nas bicicletas ou levando estas pela mão, acompanharem as mulheres no regresso a Ovar, fazendo o percurso a pé, “elas que muitas vezes carregavam um filho ao colo ou com a canastra à cabeça.”⁹⁷

Por isso se entende que o Furadouro só ganhava animação nos meses de Junho a Setembro, quando algumas moradias – palheiros e casas de pedra e cal – eram desocupadas pelos donos e alugadas, “por eles ou pelos banheiros, aos banhistas de ocasião.”⁹⁸ A afluência dos banhistas nos anos 50 aumentou bastante, tornou-se necessário acomodá-los convenientemente, e dada a escassez de pensões e com apenas um hotel⁹⁹ a laborar na praia, houve necessidade de apelar a que todos os interessados em alugar casas durante a vilegiatura, informassem a Junta de Turismo do Furadouro fornecendo todos elementos tidos como necessários.¹⁰⁰

⁹³ NEVES, 2007, pp.19 - 20

⁹⁴ REIS, 2002, pp. 83-84 – “Ao longo da faixa litoral o diâmetro médio dos grãos de areia não permanece constante, encontrando-se variações significativas na distribuição deste parâmetro, reflectivas das características hidrodinâmicas ocorrentes em cada praia. A costa vareira tem tendência global para o aumento das dimensões médias dos grãos de norte para sul, tendência que apenas é perturbada na praia do Furadouro. (...) O aumento de norte para sul na granulometria dos sedimentos é acompanhado por um aumento no declive médio na face da praia e de, piores calibrações em sectores pouco expostos como a norte do Furadouro (sectores que apresentam grande inclinação) e de melhores calibrações em sectores francamente expostos como a sul do Furadouro (sectores que apresentam fracas inclinações e um aumento na erosão da alta-praia e do cordão dunar).”

⁹⁵ LARANJEIRA, 1984, pp.55-59 - “O local da praia consolidou-se após a formação do cordão de areia que foi correndo de norte para sul, a modos de corrigir a grande bocarra da costa, originando a gelfa, (...) a faixa de terreno entre a Ria e o Mar. (...) Antes da construção da estrada em 1869, as dificuldades que as pessoas experimentavam em atingir a praia, separada da vila cerca de 4,5 km, por zonas pantanosas, de mato, de gramíneas altas e por um ribeiro a meio do caminho, deve em parte explicar a razão da palavra Furadouro. Distâncias da praia: entre Norte e Sul 3,6 km comprimento, placa indicativa até ao mar 1,4 km de largura, área aproximada 5,04 km². (...) A praia está sujeita aos ventos predominantes do N. NW, principalmente durante a Primavera e o Verão.

⁹⁶ Os homens que tratavam do negócio da sardinha depois de tratada nos armazéns.

⁹⁷ NEVES, 2007, pp.19 - 21

⁹⁸ NEVES, 2007, pp.19 - 23

⁹⁹ Hotel mar e Sol

¹⁰⁰ Notícias de Ovar, 1954 (nº301) p.3 – 1-nome do proprietário; 2-residência do proprietário; 3-nome da pessoa que tem a chave da casa e se encarrega de a mostrar; 4-residência dessa pessoa; 5-situação da casa (Rua e nº se o tiver); 6-se é casa térrea ou se tem andar; 7- aluguer pedido; 8-se a casa tem mobília; 9-se tem água; 10-se tem luz eléctrica.

Curiosamente a propaganda que se fazia à praia, aludia a infra-estruturas perfeitamente adequadas e em número suficiente, para albergar todos os turistas que ao Furadouro viessem passar uns tempos. “A praia possui casas de comércio, um hotel, pensões, restaurantes, e cafés, em número bastante para suprir as necessidades do veraneio.”¹⁰¹

Ovar e a praia do Furadouro unem-se através de uma estrada com cerca de 4,5 km, uma parca rede de camionetas fazia a ligação entre a vila e a praia. “No início dos anos 30, as camionetas de 18 e 24 lugares, literalmente cheias como um ovo,”¹⁰² faziam a ligação, mas apesar de cheias só os mais endinheirados lá viajavam, o outros faziam o percurso a pé, especialmente os habitantes da vila.

4.1 - A ASSEMBLEIA DO FURADOURO

Na época balnear de 1882 alguns cidadãos mais distintos, residentes na vila de Ovar, associaram-se para arrendar uma casa na praia do Furadouro, com o intuito de se de criar alguma diversão durante a época estival, decidindo que em vez de arrendar “facilmente se podia sustentar uma assembleia naquela praia, construindo um prédio com essa finalidade”¹⁰³

A conhecida Assembleia do Furadouro nascida em 1882, estendeu a sua actividade de convívio social até 1956, data em que o prédio em que funcionava, junto à praia, foi vendido ao industrial David Dias de Resende. A Assembleia era uma associação de várias famílias vareiras, frequentadoras habituais da praia e tinha como objectivos cimeiro fomentar a convivência no seio dos seus associados que por norma se reuniam durante as noites de Verão. Era o ponto de encontro das “famílias de elite”¹⁰⁴ da praia, onde se distraíam nos dias sempre iguais numa praia com poucas diversões.

Apesar desta associação ter sido criada dentro de um espírito de concórdia, foi um órgão gerador de polémicas, invejas e inimizades, acirradas pela política local nos

¹⁰¹ PENICHEIRO e GRAÇA, 1959, pp. 53 – “ (...) um mar que a lua prateia. Areal que não tem fim... Vozes gentis de sereia sempre a chamarem por mim!”

¹⁰² LARANJEIRA, 1984, pp.55-59

¹⁰³ LAMY, e RODRIGUES, 2000, pp.37

¹⁰⁴ LARANJEIRA, 1984, pp.198

seus primeiros anos. A imprensa local moveu-lhe campanhas acutilantes que resultavam no ataque pessoal aos membros da direcção.

“A Assembleia abria as suas portas quando chegava a época da praia, que decorria desde Setembro a fim de Outubro de cada ano.”¹⁰⁵ Na década de 50 há registo de reuniões dançantes às quintas e Sábados, para sócios e convidados,¹⁰⁶ assim como uma sala de cinema que tinha um programa de filmes com matines infantis.

QUADRO V

| Assembleia do Furadouro | | |
|--|--|--|
| Abertura a 15 de Julho | | |
| Programa dos Filmes a exhibir durante a época balnear de 15 de Julho a 19 de Setembro de 1954 | | |
| <p><u>Sessões Culturais</u></p> <p>(sócios e convidados)</p> <p>22 – Orfeu</p> <p>27 – O crime da Avenida Fock</p> <p>3 – Sob o Céu de Paris</p> <p>10 – Amanhã serás Mãe</p> <p>17 – Um dia na vida</p> <p>24 – Brincadeiras proibidas</p> <p>31 – Ressurreição</p> <p style="text-align: center;">-----</p> <p style="text-align: center;">-----</p> | <p><u>Matinéés Infantis</u></p> <p>22 – A garota dos Alpes</p> <p>5 – Terra da Felicidade</p> <p>12 – Bambi</p> <p>19 – Pepino e Violeta</p> <p>26- Branca de neve</p> <p style="text-align: center;">-----</p> <p style="text-align: center;">-----</p> | <p><u>Sessões populares</u></p> <p>(No Rink da Assembleia)</p> <p>15 – Milagre de Milão</p> <p>18 – Inês de castro</p> <p>25 – Capas negras</p> <p>1 – Libertação</p> <p>8 – Fernandel</p> <p>“ – Acrobata</p> <p>15 – Rosa do Adro</p> <p>22 – Sinfonia Fantástica</p> <p>29 – Fernandel polícia Amador</p> <p>5 – Tico Tico no Fubá</p> <p>12 – Teresa Raquin</p> <p>19 – Amor e Abnegação</p> |
| <p>Soirées dançantes às quintas e sábados com a orquestra privativa da Assembleia para os sócios e convidados.</p> | | |

Fonte: Notícias de Ovar 1954 (304), p.2

¹⁰⁵ LARANJEIRA, 1984, pp.199

¹⁰⁶ Notícias de Ovar, 1954 (nº304) p.2

Para sócios e convidados um outro género de filmes denominava-se: Sessões Culturais. Por último as sessões populares eram passadas para o público em geral.¹⁰⁷

A 30 de Junho de 1956 recebeu a ilustre visita do poeta: Pedro Homem de Mello, o qual se deslocou à assembleia para assistir à actuação do Rancho Folclórico da marinha de Ovar.¹⁰⁸ Nesse mesmo ano a Assembleia encerrou definitivamente portas, sendo o edifício onde funcionava vendido a um particular.

4.2 – OS VERANEANTES

Nos anos 50 do século XX, a praia do Furadouro, à semelhança de tantas praias do Litoral Norte de Portugal, atraía muitos veraneantes às suas areias finas e quentes nos meses de Verão.¹⁰⁹ Marc Boyer, afirma que após 1950 em França, assiste-se a uma grande procura de praias que até então eram ignoradas.¹¹⁰ Interessa saber que a vulgarização do gozo de férias, permitiu a um número crescente de habitantes em particular a partir dos anos 50 do século XX, gastar algum do seu tempo de lazer anual numa estadia na praia.¹¹¹ Alain Corbin¹¹² diz-nos que na França, Alemanha e Inglaterra, o número de famílias que partia de férias, aumentou consideravelmente na década de 50 do século XX, sobretudo devido à melhoria das condições de vida registadas neste período.

Ovar terra de camponeses e pescadores atraía até à praia do Furadouro muita gente vinda Oliveira de Azeméis e São João da Madeira.¹¹³ Longe das praias de eleição de Granja e Espinho,¹¹⁴ ainda assim “o movimento de turistas em visita à Ria e ao Furadouro cresce de dia para dia.”¹¹⁵ De facto as populações destes concelhos limítrofes começaram a descobrir a praia para passarem uns dias de descanso, mas até então os frequentadores mais assíduos eram os ovarenses, também denominados de vareiros.

¹⁰⁷ Estas sessões eram passadas no Rink de patinagem existente no exterior da Assembleia, junto do “parque infantil do Furadouro.” Este parque foi construído num terreno anexo à assembleia graças à generosidade de alguns sócios. (Acta da reunião ordinária da Junta de Turismo do Furadouro, 6 de Agosto de 1947, Livro 621, folha 19)

¹⁰⁸ João Semana, 2010 (nº 20) p. 2

¹⁰⁹ Notícias de Ovar, 1951 (nº157) p.4

¹¹⁰ BOYER, 2005, pp.308

¹¹¹ MARTINS, 1989, pp.45

¹¹² CORBIN, 1995, pp. 408

¹¹³ Acta da reunião ordinária da Junta de Turismo do Furadouro, 6 de Agosto de 1947, Livro 621, folha 20

¹¹⁴ MARTINS, 1989, pp.50

¹¹⁵ Acta da reunião ordinária da Junta de Turismo do Furadouro, 2 de Julho de 1953, Livro 622, folha 82

Depois das colheitas agrícolas estarem concluídas, os lavradores lá iam para a praia no início de Outubro até finais de Novembro.¹¹⁶ Na sua grande maioria iam a pé, levando consigo alforjes de farnéis para a estadia na praia, permanecendo em barracas alugadas, e palheiros. Vinham também de São João da Madeira e Oliveira de Azeméis, passando por Válega, chegando à Ovar por volta das 6,30 da manhã, também a pé e em grupo, cantando e dançando durante o caminho até ao Furadouro.¹¹⁷

Quanto a estrangeiros no Furadouro não existe grande informação acerca do número de estrangeiros, que frequentassem a praia, no entanto há ilustres figuras internacionais que por lá passaram, Foi o caso dos Srs. “Otto Carlson um dos principais directores da Fagerata Bank Akleboleg, talvez o maior consórcio de fábricas de aço da Suécia e Engenheiros Thomas Tyrar e Henry Carr” em 1951,¹¹⁸ técnicos das importantes fábricas de aço de Jassop. Saville, de Sheffield, Inglaterra, casas essas de que era representante no nosso país a Firma de Ovar F.Ramada. Talvez em consequência disso que o Hotel Mar e Sol recebeu uma carta nesse ano, dum importante industrial de “Birmingham, Inglaterra, pedindo informações sobre alojamentos, para visitar o Furadouro no próximo ano em Agosto, acompanhado de sua família”.¹¹⁹

Em 1955 a praia do Furadouro estava “a ser percorrida de norte a sul por uma extraordinária onda de turistas franceses, muito especialmente, e de outras nacionalidades.”¹²⁰ Em face disso, houve a preocupação das autoridades locais, proibir a criação de porcos nos currais junto à praia, como vinha sendo hábito até então.

Os habitantes da vila assistiam maravilhados à passagem dos intrépidos veraneantes, que a pé vinham dos concelhos vizinhos nos anos 40/50, “com a sua juventude e alegria não deixando ninguém indiferente por onde passavam.”¹²¹

Vestidos de preto e de batina solta, desinibidos e em passo acelerado, lá passavam os seminaristas de Cucujães em “elevado número”¹²² em direcção ao

¹¹⁶ MACHADO, 1996, pp.49

¹¹⁷ Informação oral de: Rosa de Oliveira Paulino, 87 anos, natural e residente em Ovar e Joaquim Maria pinho Chaves, 71 anos, natural e residente em Válega (uma das freguesias do concelho de Ovar)

¹¹⁸ Notícia de Ovar, 1951 (nº123) p.3. Quanto a Henry Carr passou a lua-de-mel no Furadouro Em Setembro desse ano.

¹¹⁹ Notícia de Ovar, 1951 (nº123) p.3

¹²⁰ Acta da reunião ordinária a junta de turismo do Furadouro 3 de Outubro 1955, Livro 623, folha 76

¹²¹ João Semana, 2010, (nº 1) p.6

¹²² João Semana, 2010, (nº 1) p.6

Furadouro. A população da vila parava para admirar a passagem desta juventude alegre e muito interessada em contribuir para um mundo melhor.¹²³

No Furadouro todos os anos a casa do Concelho de Ovar¹²⁴ promovia a colónia balnear no Furadouro, esta agremiação regionalista incentivava laços de cariz cultural regional entre os ovarenses que residiam em Lisboa, com realizações culturais na capital e Ovar. A Colónia de Férias tinha o objectivo de deixar “radiantes de alegria um punhado de crianças filhos de ovarenses de fracos recursos financeiros e residentes em Lisboa,”¹²⁵ e assim puderem usufruir por uns dias das águas e calor da praia do Furadouro. Existia um elo muito forte entre os ovarenses de Lisboa e os residentes na vila. A casa do Concelho de Ovar funcionava como resposta a esse sentimento através da Colónia de Férias. Era nas crianças que esse sentimento se manifestava de forma mais acentuada, os sorrisos das crianças bastavam para que todos os anos se renovassem esforços para que de Lisboa voltassem ao Furadouro. Os responsáveis da casa do Concelho tudo faziam para que tal acontecesse.

Estas colónias de férias foram “beber” inspiração muito provavelmente “das aldeias de férias”¹²⁶ em França em 1950, que com uma série de actividades programadas tinham em vista o lazer e o descanso.

A colónia de férias da agremiação regionalista funcionava na colónia balnear do Furadouro.¹²⁷ Em Agosto de 1947 os operários do centro vidreiro de Oliveira de Azeméis fizeram uma visita à praia do Furadouro,¹²⁸ naturalmente para também visitar a colónia balnear do Furadouro, tendo em conta a presença dos presidentes de Câmara de Oliveira de Azeméis e de Ovar. O edifício funcionou como colónia balnear, em períodos ou turnos de três semanas cada, desde o início da sua aquisição, tendo usufruído da mesma os grupos no quadro abaixo indicados.

¹²³O que se passava com os seminaristas de Cucujães acontecia, certamente, com os de outros seminários que, nesse tempo, não tinham falta de elementos predispostos para ingressar na vida sacerdotal.

¹²⁴LAMY, 2009^a, pp.317 - “Em Junho de 1952 fundava-se a Casa do Concelho de Ovar em Lisboa, que teve a sua primeira sede no 3º andar do prédio nº 54 da Avenida da Liberdade; a 15 de Março de 1959 em sessão solene presidida pelo Dr. José Eduardo de Sousa Lamy, Presidente da Câmara Municipal de Ovar, foi inaugurada nova sede, na Calçada dos Santos, nº 37, 1º andar, junto à igreja dos Santos e dos jardins da embaixada de França.”

¹²⁵ Boletim da Casa do Concelho de Ovar, 1955 (nº3) p.2

¹²⁶ CORBIN, 1995, pp.409-410

¹²⁷ LARANJEIRA, 1984, pp.239-240 – O “Centro Vidreiro do Norte de Portugal”, SARL sediado em Oliveira de Azeméis, adquiriu à firma Brandão & Companhia Lda., de Matosinhos, a antiga fábrica “A varina” e respectivos terrenos, conforme escritura de 12 de Março de 1943. O Centro Vidreiro graças ao dinamismo do seu sócio gerente, Sr. Júlio Mateiro, procedeu a várias obras de actualização no edifício, que muito o valorizaram.”

¹²⁸ Acta da reunião ordinária da Junta de Turismo do Furadouro, 6 de Agosto de 1947, Livro 622, folha 19

QUADRO VI

| <u>COLÓNIA BALNEAR DO FURADOURO</u> |
|--|
| DIVISÕES DO EDIFÍCIO: 1 SALA DE RECREIO; 1 DORMITÓRIO PARA RAPAZES, COM 40 CAMAS; 1 DORMITÓRIO PARA MENINAS, COM 40 CAMAS; 4 QUARTOS PARA ADULTOS; 1 COZINHA; 1 REFEITÓRIO; 1 DISPENSA; 1 SALA PARA ARRUMOS; SANITÁRIOS PARA MENINAS; SANITÁRIOS PARA MENINOS. |
| INSTITUIÇÕES QUE USUFRUÍRAM DA COLÓNIA BALNEAR DO FURADOURO |
| Filhos dos operários do Centro vidreiro de Oliveira de Azeméis |
| Filhos do Bombeiros Voluntários de Oliveira de Azeméis |
| Asilo de Infância de Oliveira de Azeméis |
| Abrigo dos pequeninos da Vila da Feira |
| Infantário Casa Maria Auxiliadora de Mogofores |
| Centro Social de S. Martinho da Gândara |
| Casa do Concelho de Ovar |
| Misericórdia de Ovar |
| Paróquia de Macinhata da Seixa |
| Paróquia da Junqueira |

Fontes: LARANJEIRA, Lamy, **O Furadouro o povoado, o homem e o mar**, Edição da Câmara Municipal de Ovar, 1984, pp. 239-240; Boletim da Casa do Concelho de Ovar, 1955 (nº8) p.4

A praia como local público atraía gente de toda a condição, desde lavradores, gente de melhor condição económica e outros ainda à procura de esmola. Os mendigos abundavam na praia a pedir esmolas. Muitos para matar a fome, outros porém utilizavam as moedas para se embriagarem nas tavernas junto à praia. Houve sempre preocupação de banir estes pedintes de forma a não causar má imagem à praia e não importunar os banhistas. “Acabe-se com o triste espectáculo que todos os dias se oferece aos olhos dos banhistas.”¹²⁹ Os pedintes eram na sua grande maioria pescadores, gente que passava fome quando a safra era fraca, “nada ali podiam fazer que lhe aguentasse a vida difícil.”¹³⁰ A situação era grave em virtude do elevado número de pedintes “invadirem” a zona do areal à procura de esmola, chegando ao ponto da Junta de Turismo do Furadouro oficial ao Capitão do Porto de Aveiro, “pedindo providenciar para que seja feito o policiamento da zona destinada aos banhistas, geralmente invadida por pedintes e maltrapilhos.”¹³¹

¹²⁹ Notícias de Ovar, 1955 (nº361) p.2

¹³⁰ CHAVES, 2008, pp.12

¹³¹ Acta da sessão ordinária da Junta de Turismo do Furadouro, 11 de Julho de 1947, Livro 621, folha 16. Notícias de Ovar, 1949, 1949 (nº43), p.1-3

Talvez para alterar esta imagem, que deixava tudo na mesma em relação aos pescadores, foi criada a celebre lei do pé descalço,¹³² que pugnava pela supressão do pé descalço na via pública a partir de Janeiro de 1958. O Sr. Dr. Francisco de Vale Guimarães, Governador do distrito civil de Aveiro, determinava “a excepção dalgumas zonas entre as quais ocupada pelos pescadores.”¹³³

De qualquer modo, era grande a preocupação das autoridades locais ovaenses em promover as boas maneiras na população de Ovar, inclusive chamava-se a atenção para os indivíduos que aos fins-de-semana se embriagavam, e com linguagem obscena importunavam quem junto deles passava. Numa clara alusão ao movimento turístico nessa altura, numa terra como Ovar tão visitada, especialmente a praia, “por pessoas distintas, numa vila tão reclamizada como região turística, não fica bem que alguns homens ofereçam o triste espectáculo de se exibirem embriagados nas ruas da vila.”¹³⁴

Era sinal evidente que Ovar na altura do Verão era muito visitado por veraneantes dos concelhos limítrofes.

4.3 – OS BANHOS

A Praia do Furadouro era sobejamente conhecida, “bastante concorrida por diversas famílias, da vila e de outras terras por ocasião da temporada dos banhos.”¹³⁵

“As mulheres molhavam os pés aos poucos pois andavam de vestido, enquanto os homens tomavam banho de cuecas.”¹³⁶ Os banhos na praia do Furadouro eram poucos, mas ousados, não só pela fúria do mar que nem sempre se apresentava conveniente para os mais corajosos que se aventuravam nas águas, como também por altura dos anos 40 e 50 do século XX, poucos eram aqueles que sabiam nadar.¹³⁷

Havia dois tipos de banhistas, os que conheciam (muito poucos) a bravura do mar nas tardes ensolaradas dos fins-de-semana invernosos, e os que se apoderavam do areal nos meses quentes de Verão.¹³⁸

¹³² Jornal de Noticias (5/12/1932)

¹³³ João Semana, 1957 (nº 2.284) p.3

João Semana, 1959 (nº 2.356) p.4

¹³⁴ João Semana, 1958 (nº 2.293) p.4

¹³⁵ MAGALHÃES, 1983, pp.5

¹³⁶ Informação oral prestada por Ester Gomes de Pinho, 88 anos, residente em Ovar – Convenhamos que de acordo com esta informação, estes banhistas eram aqueles que se recatavam no lado sul da praia, para onde iam os de menos posses, longe dos olhares dos outros, os ditos mais afortunados.

¹³⁷ Notícias de Ovar, 1949 (nº43) p.2

¹³⁸ CRUZ, 2001, pp.27

Havia entre os banhistas aqueles que se divertiam no meio do areal, dançavam e tocavam batuque numa espécie de ritual africano, e no meio da pacatez típica dos banhistas ovaenses e não só, reinava um mau estar, uma vontade de que “fossem para outras praias que a do Furadouro não se prestava a comportamentos mundanos”¹³⁹

Na praia os banhos eram sinónimo de ócio, caracterizavam uma zona da praia do Furadouro onde apenas se localizavam os banhistas, por isso nos finais dos anos 40, a Câmara Municipal de Ovar,¹⁴⁰ decidiu que a zona de pesca fosse transferida mais para Sul da praia do Furadouro, “afim de que os frequentadores da praia de banhos, e especialmente as crianças, não estivessem sujeitas aos perigos e inconveniências”¹⁴¹ dos eventuais trabalhos dos pescadores.

Mas era na parte norte da praia que se vislumbrava o maior número de banhistas, que aproveitavam a manhã para se banhar e tomar o Sol sobre a areia, e perto do meio-dia se apressavam “para recolher, em busca da primeira grande refeição do dia.”¹⁴²

No areal da praia não faltavam bandos de crianças chapinhando perto do mar, nem “corpos esbeltos de raparigas acabando de bronzear-se ao contacto de uma luz tão fina que dir-se-ia tecida de estiletos tão acerados.”¹⁴³

Um velho hábito perdurava na praia do Furadouro nas décadas de 40 e 50, vindo de uma tradição que remontava ao século XIX. No dia 23 de Junho – véspera de S.João – tinha sempre lugar o chamado banho santo na praia.¹⁴⁴ Todos acorriam à praia, fosse de camioneta ou outro meio de transporte,¹⁴⁵ sendo que chegada a meia-noite, um grande grupo de pessoas dirigiam-se ao mar e mergulhavam nas águas para assim se sentirem reconfortados de saúde para o resto do ano.

Com a entrada de 1 de Novembro ficava praticamente encerrada a época balnear, mandava a tradição que, naquele dia se deslocassem ao “Furadouro milhares e milhares de pessoas.”¹⁴⁶ As camionetas carreira tinham farta concorrência, os char à bancs, passavam apinhados de gente das aldeias vizinhas, e muita mais gente a pé se dirigia em direcção ao Furadouro para dizerem um “último adeus ao ano de banhos.”¹⁴⁷

¹³⁹ MACHADO, 1940, pp.15

¹⁴⁰ Actas da Câmara Municipal de Ovar, Março de 1949 folha 80

¹⁴¹ Notícias de Ovar, 1949 (nº28) p.3

¹⁴² O Século, 1955, (nº26.387) p.1

¹⁴³ O Século, 1955, (nº26.387) p.2

¹⁴⁴ LARANJEIRA, 1984, pp.532

¹⁴⁵ Char-à-bancs puxadas por parelhas de cavalos

¹⁴⁶ Notícias de Ovar, 1948 (nº8) p.3

¹⁴⁷ Notícias de Ovar, 1948 nº8) p.4

Tudo terminava com a audição da banda de música no coreto da praia pela noite dentro.

4.3.1 – OS BANHEIROS

Numa época em que poucos sabiam nadar, a figura do banheiro era uma garantia de segurança para os veraneantes,¹⁴⁸ sobretudo para as mães principais responsáveis pela educação dos filhos.

Dois banheiros de forma concertada transportavam os banhistas, crianças ou adultos, em “cadeirinha” e quando os banhistas menos esperavam eram mergulhados nas águas oceânicas, “devolvendo-nos com prontidão ao areal.”¹⁴⁹

Outros preferiam a chamada gamela, que lhe era despejada pela cabeça ou onde mergulhavam os pés.¹⁵⁰ Não existem fontes que nos permitam saber quanto os banheiros cobravam pelos serviços que efectuavam, no entanto é de supor que os preços fossem irrelevantes atendendo às elites que frequentavam esta parte da praia.¹⁵¹ Os chefes de família encontravam na praia do Furadouro todas as comodidades em que “as crianças podiam brincar á vontade.¹⁵²” Denota-se nesta informação que nos dá o Notícias de Ovar, que eventualmente a cobrança dos banheiros não teria grande relevância, atendendo à pouca importância que as elites lhe atribuíam devido ao seu poder económico.

No entanto mesmo assim o pior acontecia, foi o caso de uma criança de “9 anos, Manuel Maria Dias Teques, que morreu afogado” nas águas do mar, cujo corpo só apareceu três dias depois.¹⁵³ Outra morte ocorreu já fora da zona dos banhos, tratava-se de um “jovem estudante de 16 anos, Orlando Leite de Oliveira”¹⁵⁴ que desapareceu para sempre nas águas oceânicas da praia do Furadouro.

A profissão de banheiro tinha uma componente social muito forte. “A praia era só para elites. Era frequentada por famílias de extracto social elevado. Ter uma barraca

¹⁴⁸ RIBEIRO, 2011, pp.14 – Embora o estudo deste autor incida nos finais século XIX e princípios século XX, a situação pouco se alterou nos anos 40 e metade da década de 50 do século XX

¹⁴⁹ MARTINS, 1989, pp.55

¹⁵⁰ MARTINS, 1989, pp.55

¹⁵¹ Informação oral prestada por Ester Gomes de Pinho, 88 anos, residente em Ovar

¹⁵² Notícias de Ovar, 1953 (nº304) p.2

¹⁵³ João Semana, 1955 (nº2163) p.3

¹⁵⁴ João Semana, 1956 (nº2218) p.6

na praia era privilégio só de alguns!”¹⁵⁵ Ao banheiro recomendava-se um perfil adequado, uma boa comunicação e alguma subserviência. “Era preciso agradar às senhoras daquela época! (década de 40/50) O tempo era de exigência e de esquisitices.”¹⁵⁶

Os banheiros tinham por tarefa alugar as barracas no areal da praia, cuidar do bar na praia, “desenterrar da areia os pipos de vinho, única forma de manter frescas as bebidas,”¹⁵⁷ e vigiar os banhistas mais afoitos que por vezes tinham de ser salvos. Numa destas situações, Manuel Reguila, 76 anos, um dos banheiros dessa época, relatou um facto que se passou aquando de um salvamento na praia: Ao ser puxado pela corda que estava presa à bóia de salvação, por muitas senhoras aflitas que estavam na praia, a força foi tanta que ficou nu quando saiu, provocando a debandada de todas as coradas senhoras que auxiliavam o salvamento.¹⁵⁸

Sendo o banheiro considerado uma figura pública, o capitão do porto de Aveiro “impôs-lhes a condição de se apresentarem de calça escura e camisa branca, além de sapatilhas brancas,”¹⁵⁹ por sua vez a Junta de Turismo do Furadouro entendeu oferecer a cada banheiro um boné com a inscrição “banheiro” possibilitando a estes uma melhor apresentação aos banhistas. A mesma Junta decidiu também oferecer a cada um dos banheiros do Furadouro, dois recipientes de lixo que os colocariam no areal, a fim de os “banhistas neles depositarem papéis velhos e cascas de frutas, com o que muito beneficiaria o aspecto higiénico da praia.”¹⁶⁰ Ao mesmo tempo foi-lhe concedido um subsídio de 500 escudos “como auxílio para as despesas a efectuar com a sua nova indumentária.”¹⁶¹

Dada a procura cada vez maior da praia, a Junta de turismo da praia do Furadouro viu-se obrigada a solicitar “ao senhor Capitão do porto de Aveiro o aumento do quadro”¹⁶² dos banheiros, reduzido para as necessidades da praia.

¹⁵⁵ Revista Reis, 2004, pp.9

¹⁵⁶ Revista Reis, 2004, pp.9

¹⁵⁷ Revista Reis, 2004, pp.9

¹⁵⁸ Revista Reis, 2004, pp.10

¹⁵⁹ Acta da reunião ordinária da Junta de Turismo do Furadouro, 2 Junho 1958, Livro 624, folha 84

¹⁶⁰ Acta da reunião ordinária da Junta de Turismo do Furadouro, 2 Junho 1958, Livro 624, folha 84

¹⁶¹ Acta da reunião ordinária da Junta de Turismo do Furadouro, 2 Junho 1958, Livro 624, folha 84

¹⁶² Acta da reunião ordinária da Junta de Turismo do Furadouro, 3 Junho 1957, Livro 624, folha 52

QUADRO VII

| BANHEIROS QUE EXERCERAM A SUA PROFISSÃO NA PRAIA DO FURADOURO ENTRE 1945/1958 |
|--|
| Francisco Oliveira Manarte (Xico Nacum) |
| Manuel Maria de Oliveira Marques (O mata-a-Bicha) |
| João da Vila |
| José Oliveira Manarte (Nacum) |
| Elias Canário |
| Manuel Nunes |
| Francisco Marques (Nacum) |
| João António da Costa Lavrador (Reguila pai) |
| Manuel da Costa Lavrador (Reguila filho) |
| José Pereira Sona (Cuco) |

Fontes. LARANJEIRA, Lamy, **O Furadouro o povoado, o homem e o mar**, Edição da Câmara Municipal de Ovar, 1984, pp.534.534; LAMY, Alberto Sousa, **Dicionário da História de Ovar Letras A-E**, Vol.1 Câmara Municipal de Ovar, 2009, pp.149; LAMY, Alberto e RODRIGUES, Augusto, **Uma terra com passado e com futuro**, Comissão de melhoramentos do Furadouro, 2000, pp.47-48; SANTOS, Joaquim, **Memórias de um vareiro dos anos 30. Recordar o passado da minha vida e a dos outros**, Edição do Autor, Ovar, 2000, pp77-78

4.3.2 – OS PALHEIROS

Os palheiros, como já foi referido, além de serem a habitação dos pescadores,¹⁶³ serviam algumas vezes para os banhistas de ocasião, que os alugavam aos donos e aí permaneciam alguns dias no período de veraneio.¹⁶⁴

Eram construídos de madeira, revelavam aparente fragilidade, mas conseguiam resistir à maresia com sucesso. Tal situação devia-se muito ao trato a que madeira era sujeita, uma vez depois de construído o palheiro era pincelado com sil.¹⁶⁵ Um outro

¹⁶³ CHAVES, 1988, pp.11

¹⁶⁴ NEVES, 2007, pp.19

¹⁶⁵ CHAVES, 1988, pp.21 – O Sil era óleo de sardinha, em que se dissolviam corantes – especialmente terra de Siena (vulgarmente denominada pela corruptela terracena) queimada, que dá o tom vermelho acastanhado da maioria dos palheiros mais antigos, o óxido de ferro vermelho, o verde e o azul ultramar; este azul, embora semelhante ao azul-cal, é mais próprio para dissolver em óleo. A terra de Siena crua era também usada para abrir mais a cor. O ar do mar, saturado de sal, e o sil, impregnando-se na madeira, tornavam-na extraordinariamente resistente; o sil deitava um cheiro nauseabundo que acabava por desaparecer e, ao contrário de qualquer outro óleo usado na preparação de tintas (o óleo de linhaça era o mais vulgar), não necessitava de secante, apesar de demorar bastante tempo a secar. Mesmo volvidas umas dezenas de anos, essa madeira, ao ser queimada, exala intensamente o odor do sil e da sardinha.

cuidado que não se descurava na construção, era colocar nas covas onde se enterravam os caibros que sustentavam a estrutura do palheiro, uma boa porção de sal a fim de impedir o seu apodrecimento com a humidade.¹⁶⁶

“Todos eles são do sistema pau a pique, com o revestimento exterior até ao solo,”¹⁶⁷ não havendo, qualquer referência, vestígios ou memória de edifícios elevados sobre estacaria. As varandas eram frequentes, ocupando o meio ou toda a largura da fachada, com entrada apenas pelo andar, era igualmente vulgar a varanda nas traseiras, também sem escada exterior. “Os telhados são de duas águas, de velha telha caleira, e com pequena inclinação, virando para a rua o beiral direito.”¹⁶⁸

A construção em madeira foi posta de parte, em lugar de se aperfeiçoar e se adaptar a novas exigências de conforto, os palheiros não acompanharam o desenvolvimento do povoado do Furadouro como praia de banhos. “A casa do banhista forasteiro passou a ser edificada em alvenaria, pedra ou adobe, acarretando a decadência da técnica dos palheiros.”¹⁶⁹

As casas de aluguer para banhistas começaram a ter por parte das autoridades de turismo maior preocupação, devido à cada vez maior procura das mesmas na época de veraneio e também porque se imponha oferecer boas condições de habitabilidade para atrair mais forasteiros à praia, naturalmente com o intuito de rentabilizar o comércio local. Um outro factor que levou ao fim dos palheiros na praia, além dos incêndios que ocasionalmente ocorriam, foi o avanço gradual do mar, porquanto “em 1950 verificaram-se os primeiros grandes surtos de erosão da praia do Furadouro.”¹⁷⁰

A Câmara Municipal de Ovar chegou a solicitar a alguns proprietários, a demolição de alguns palheiros, que estavam em ruína eminente junto à praia.¹⁷¹

Em 1958 na praia do Furadouro devido às marés vivas, o mar causou importantes estragos ao Sul. Numa extensão de 100 metros as vagas, batendo com fúria, fizeram “ruir uma parte da esplanada, destruíram um palheiro e arrastaram consigo um terreno pertencente à Misericórdia, onde se projectava construir uma colónia balnear.”¹⁷²

¹⁶⁶ CHAVES, 1988, pp.21

¹⁶⁷ OLIVEIRA e GALHANO, 1964, pp.33

¹⁶⁸ OLIVEIRA e GALHANO, 1964, pp.34-35

¹⁶⁹ OLIVEIRA e GALHANO, 1964, pp.31

¹⁷⁰ LAMY, e RODRIGUES, 2000, pp.57

¹⁷¹ Acta da reunião ordinária da Junta de Turismo do Furadouro, 5 Setembro 1945, Livro 620, folha 19

¹⁷² João Semana, 1958 (nº2323) p.4

QUADRO VIII

| AVANÇO DO MAR NA PRAIA DO FURADOURO | | | |
|-------------------------------------|-----------|------|--------------------------------------|
| ANOS | MÊS | DIAS | NÚMERO DE PALHEIROS DESTRUÍDOS |
| 1939 | Fevereiro | 23 | 2 - Inclui capela velha do Furadouro |
| 1940 | - | - | 3 |
| 1958 | Agosto | - | 1 |
| 1965 | Janeiro | - | 2 |

Fontes: LAMY, Alberto e RODRIGUES, Augusto, Furadouro uma terra com passado e com futuro, comissão de melhoramentos do Furadouro, Ovar, 2000; João Semana, 1958 (nº2327) p.3; João Semana, 1958 (nº2325) p.4; João Semana, 1958 (nº232) p.3

4.3.3 – MODAS NA PRAIA

O conservadorismo dos anos 50 estende-se até à praia, a época estival não seria sinónimo de corpos desnudados, salvos raras excepções. Numa altura em que os “tecidos são vulgares cores no Verão e discretas no Inverno,”¹⁷³ o corpo dos banhistas está praticamente todo tapado com os famosos fatos de banhos. Entronizava-se a moda na praia com os “vários desfiles nas passerelles em Lisboa”¹⁷⁴ destes fatos. Nos homens os fatos pretos tapavam-lhe todo o corpo, “sustentados por umas alças nos ombros, enquanto as senhoras pouco diferiam no traje, embora mais tapadas, quando não andavam de vestido.”¹⁷⁵ As crianças usavam enormes “chapéus de aba larga e vestidas dos pés á cabeça.”¹⁷⁶

A imprensa local owarensis criticava quem se atrevesse a corromper a moral instituída na praia, e “encurtar o farrapo que deve revestir o corpo cobrindo-o.”¹⁷⁷ Uma revista da dita alta sociedade da época apelava à elegância, publicando esta frase: “a

¹⁷³ VIEIRA, 2000^a, pp.73

¹⁷⁴ VIEIRA, 2000^b, pp.83

¹⁷⁵ Fotos do arquivo Municipal de Ovar.

¹⁷⁶ Fotos do arquivo pessoal de Augusto Rodrigues, ex. vereador da Câmara Municipal de Ovar.

¹⁷⁷ João Semana, 1958 (nº2316) p.2

verdadeira elegância consiste em estar absolutamente bem vestida, estando ao mesmo tempo a mais despida possível.”¹⁷⁸

Auguravam-se ventos de mudança, mas uma sociedade conservadora afastada do reboiço das grandes cidades, teimava em manter firme a velha moral e pôr em causa a forma como “eles e elas apresentam-se duma maneira provocante, não só na praia, mas até na ruas e esplanadas dos cafés.”¹⁷⁹ Contudo e apesar de “um escândalo, num meio ainda não contaminado na sua maior parte,”¹⁸⁰ “uma autêntica multidão”¹⁸¹ enchia a praia do Furadouro, talvez indiferente à censura dos “vestidos sem mangas, decotes rasgados, vestidos curtos ou transparentes”¹⁸² ou ainda “o à vontade com que se apresentam nas ruas, nos cinemas, e nas praias”¹⁸³ as senhoras seguindo determinadas modas femininas.

4.3.4 – PROPAGANDA À PRAIA E RIA

A Junta de Turismo do Furadouro sempre se esforçou pela divulgação dos atractivos da praia, nomeadamente devia-se fazer “uma propaganda sensata e absolutamente de harmonia com o seu progresso actual.”¹⁸⁴ No início os cartazes, “escritos em português, francês e inglês,”¹⁸⁵ e a imprensa local do concelhos vizinhos de S. João da Madeira, Oliveira de Azeméis, Vale de Cambra e Feira seriam de maior utilidade, visto que seriam os concelhos “que maior contingente de banhistas costumavam enviar para a praia.”¹⁸⁶

Numa fase seguinte a junta de turismo entendeu estender a propaganda do Furadouro a outros meios veiculadores de propaganda, decidiu “fazer a devida publicidade na imprensa do país,”¹⁸⁷ inclusive promovia passeios a jornalistas na Ria de Ovar, naturalmente com o intuito de dar a conhecer as potencialidades da praia, e não só, também a Ria e suas potencialidades naturais. Foi o caso do corpo redactorial do

¹⁷⁸ João Semana, 1958 (nº2316) p.2

¹⁷⁹ João Semana, 1958 (nº2319) p.3

¹⁸⁰ João Semana, 1958 (nº2319) p.3

¹⁸¹ Notícias de Ovar, 1958, (nº390) p.1

¹⁸² João Semana, 1958 (nº2316) p.2

¹⁸³ João Semana, 1958 (nº2314) p.2

¹⁸⁴ Acta da reunião ordinária da Junta de Turismo do Furadouro, 2 de Outubro, 1946, Livro 620, folha 41

¹⁸⁵ João Semana, 1957 (nº2263) p.3

¹⁸⁶ Acta da reunião ordinária da Junta de Turismo do Furadouro, 2 de Outubro, 1946, Livro 620, folha 41

¹⁸⁷ Acta da reunião ordinária da Junta de Turismo do Furadouro, 29 Abril 1945, Livro 620, folha 11

“Diário do Norte”¹⁸⁸ que poderia ser benéfico na divulgação da praia e da Ria de Ovar.

A partir daqui ficaria assente que outros eventos seriam realizados para representantes “de todos os jornais diários do Porto, Lisboa e Coimbra”¹⁸⁹ bem como de todos os jornais julgados de interesse para o fim que se tinha em vista. No caso da “imprensa afecta ao Estado Novo,¹⁹⁰” a publicidade à praia do Furadouro era quase obrigatória, e assim ao Diário de Coimbra, jornal afecto ao poder governamental, por meia página de propaganda publicada sobre a praia do Furadouro, a Junta de Turismo pagou “quinhentos escudos.¹⁹¹”

Dois jornalistas mantinham profundos laços de amizade com a praia e a ria de Ovar, muito para lá da obrigação profissional a que estavam sujeitos, davam sugestões de relevante importância para o desenvolvimento turístico do Furadouro e da vila em geral.

Daniel Constant, distinto jornalista do Porto, escrevia artigos nos jornais nortenhos a enaltecer as qualidades turísticas de que a vila de Ovar era possuidora.

Este reputado jornalista amigo da vila e da praia do Furadouro, propôs à Junta de Turismo que se colocassem “algumas placas de propaganda do Furadouro e da Ria nos cruzamentos que davam acesso a Ovar.”¹⁹² Esta sugestão foi bem recebida por todos os elementos da junta procedendo-se de imediato à aquisição “de doze dessas placas.”¹⁹³

Esta decisão deu os mais lisonjeiros resultados, “originados por essa propaganda, especialmente aos domingos contavam-se por dezenas os automóveis para a praia.”¹⁹⁴ Outro importante jornalista “o terrível editorialista”¹⁹⁵ que destacava e promovia o turismo em Ovar era Adelino Mendes, “principal redactor do jornal “O Século.”¹⁹⁶ Foi feito convite ao ilustre jornalista lisboeta, “a vir passar na nossa praia um fim-de-semana.”¹⁹⁷ Aparte a mestria da sua escrita, cujos contornos poéticos revelavam as suas qualidades de escritor e jornalista, sugeria ao mesmo tempo nos

¹⁸⁸ Acta da reunião ordinária da Junta de Turismo do Furadouro, 5 de Maio, 1951, Livro 622, folha 14

¹⁸⁹ Acta da reunião ordinária da Junta de Turismo do Furadouro, 5 de Maio, 1951, Livro 622, folha 14

¹⁹⁰ TENGARRINHA, 2006, pp.188

¹⁹¹ Acta da reunião ordinária da Junta de Turismo do Furadouro 5 Setembro, 1945, Livro 620, folha 19

¹⁹² Acta da reunião ordinária da Junta de Turismo do Furadouro, 28 Dezembro, 1951, Livro 622, folha 30

¹⁹³ Acta da reunião ordinária da Junta de Turismo do Furadouro, 28 Dezembro, 1951, Livro 622, folha 30

¹⁹⁴ Acta da reunião ordinária da Junta de Turismo do Furadouro, 7 Julho 1952, Livro 622, folha 49

¹⁹⁵ CAETANO, Marcello, Minhas memórias de Salazar.

¹⁹⁶ Acta da reunião ordinária da Junta de Turismo do Furadouro, 1 Agosto 1955, Livro 622, folha 72

¹⁹⁷ Acta da reunião ordinária da Junta de Turismo do Furadouro, 1 Agosto 1955, Livro 623, folha 72-73 – “Isto serviria de pretexto para que o Senhor Adelino Mendes se referisse, no grandioso diário “O século” onde é principal redactor às belezas da nossa terra. Magnífica oportunidade para se fazer propaganda valiosa de Ovar, pela pena de um dos maiores valores presentes do jornalismo português, que seria de melhor efeito para os fins em vista: a propaganda da nossa região.”

artigos que escrevia, propostas de carácter turístico aos responsáveis políticos owarenses.

Afirmava este jornalista: “ (...) é necessário agora persistir, continuar uma propaganda que começou a dar os seus resultados e sobretudo modernizar tudo isto.”¹⁹⁸

O Jornal de turismo foi também um importante órgão de propaganda turística de Ovar, “foi resolvido por unanimidade conceder-lhe a importância de quinhentos escudos como subsídio.”¹⁹⁹ Os Jornais locais: Notícias de Ovar e João Semana, sempre se pautaram como transmissores das qualidades turísticas de Ovar, sem auferirem compensações monetárias, “pois que essa publicidade é absolutamente gratuita.”²⁰⁰

De resto a propaganda ao Furadouro foi feita por outros jornais de maior tiragem, como: Comércio do Porto e 1º de Janeiro, sobretudo a partir da inclusão do Carnaval de Ovar como cartaz turístico da vila de Ovar.

4.3.5 – UM FILME NA PRAIA

“Na praia do Furadouro em Ovar trabalhou em Junho de 1954,²⁰¹ uma equipa da Walt Disney”²⁰² sobre cenas da faina piscatória. Nessa altura a equipa de filmagens da Walt Disney Production, de Hollywood, dirigida pelo Dr. Amleto Fattori, laureado em física e matemática pela Universidade de Roma tinha já procedido à filmagem de cerca “de 1000 metros de película.”²⁰³ Em 1955 a mesma equipa propunha-se fazer um documentário mais completo sobre a arte da xávega,²⁰⁴ tendo encontrado todas as “facilidades por parte das Companhas,, Capitania do Porto de Aveiro e Cabo do mar.”²⁰⁵

Desde a sua primeira estadia na praia do Furadouro, a equipa de filmagens tinha prometido voltar a Ovar para realizar um trabalho de maior envergadura, e a promessa cumpriu-se, “pois aqui chegou novamente na tarde de 17 de Novembro de 1955,”²⁰⁶ tendo regressado de novo a Lisboa na manhã de 20, domingo.

¹⁹⁸ O século, 1955 (nº26.387) p.1

¹⁹⁹ Acta da reunião ordinária da Junta de Turismo do Furadouro, 7 Abril 1958, Livro 624, folha 79-80

²⁰⁰ Acta da reunião ordinária da Junta de Turismo do Furadouro, 6 Novembro 1946, Livro 620, folha 44

²⁰¹ LAMY, 2005, pp. 287

²⁰² LAMY, 2001^b, pp.310

²⁰³ LARANJEIRA, 1984, pp.104

²⁰⁴ Todos os apetrechos ligados à pesca de arrasto.

²⁰⁵ LARANJEIRA, 1984, pp.104 e Boletim da Casa do Concelho de Ovar, 1955, (nº12) p. 7

²⁰⁶ Notícias de Ovar, 1958 (nº376) p.1

O Dr. Amleto Fattori, um dos cineastas mais competentes, pois foi um pioneiros e mestres dessa plêiade de técnicos italianos, “cujos trabalhos cinematográficos têm posto quase em cheque a hegemonia universal de Hollywood,”²⁰⁷ afirmou que tinham sido dois dias bem aproveitados, “pena foi ter acabado o filme virgem, pois teria filmado muito mais.”²⁰⁸ Mas disse ainda que voltaria, até porque todos tinham sido muito “gentis com ele e a sua equipa.”²⁰⁹ Estava absolutamente certo de que Walt Disney se iria interessar por “tudo aquilo que fez em Ovar.”²¹⁰ A equipa havia trabalhado todo o dia de sábado e manhã de sexta-feira no Furadouro, “e apenas aproveitou na Ria a tarde desse mesmo dia.”²¹¹

Nada mais se soube da referida equipa de cinema, ou mesmo se o filme que realizou na praia alguma vez foi tido em conta pelo distinto Walt Disney, não houve mais registo ou informação dos cinéfilos.

4.4 – INFRA-ESTRUTURAS DE APÓIO

4.4.1 – O COMBOIO

“Em 7 de Julho de 1864, a linha do Norte ficara completa,”²¹² pouco mais de um ano depois a estação dos caminhos-de-ferro de Ovar foi inaugurada “com um jantar servido numa mesa estendida ao longo da via-férrea,”²¹³ a “15 de Novembro de 1865. Na altura o único edifício presente no meio dos eucaliptos.”²¹⁴ O percurso entre Ovar e Vila Nova de Gaia demorava cerca de 1 hora e 30 minutos. “A 28 de Outubro de 1956”²¹⁵ ocorreu o primeiro percurso de um comboio eléctrico da rede geral. “O comboio mudou completamente a vida de Ovar,”²¹⁶ desenvolveu o seu comércio, pondo-o em contacto cada vez mais rápido com o Norte e o Sul do país.

²⁰⁷ Notícia de Ovar, 1958 (nº376) p.1 – Depreende-se algum exagero na afirmação do autor.

²⁰⁸ Notícias de Ovar, 1958 (nº376) p.1

²⁰⁹ Notícias de Ovar, 1958 (nº376) p.2

²¹⁰ Notícias de Ovar, 1958 (nº376) p.2

²¹¹ Acta da reunião ordinária da Junta de Turismo do Furadouro, 5 Dezembro 1955, Livro 623, folha 87

²¹² ABRAGÃO, 1956, pp.358

²¹³ CRUZ, 2001, pp.23

²¹⁴ MARTINS, 2006, pp.65

²¹⁵ João Semana, 1956 (nº2.227) p.3

²¹⁶ MARTINS, 2006, pp.65

“A comissão administrativa da Câmara em 1928”²¹⁷ propôs a inclusão no plano da rede ferroviária, de duas linhas: uma de via estreita, de São João da madeira (linha do Vouga) a Ovar, servindo Arada, numa extensão de 16 quilómetros; “outra de via reduzida, de Oliveira de Azeméis à praia do Furadouro,”²¹⁸ passando por São Vicente de Pereira, num percurso aproximado de 20 quilómetros.

No ano de 1958, ainda se pensava em estender um ramal de via-férrea entre a estação de Ovar e o Carregal, “onde seria construído um cais para acostagem de batelões para a condução de mercadorias até ao porto de Aveiro.”²¹⁹ Nada se concretizou e Ovar ficou apenas servida com a linha férrea do Norte, ficando esses projectos apenas como ideias que não passaram do papel.

No entanto na estação de Ovar não paravam os comboios rápidos, derivando daí vários transtornos para todas as pessoas da vila de Ovar que necessitassem de viajar nos referidos comboios, “pois que, para o fazerem precisam de ir embarcar a Espinho ou a Aveiro.”²²⁰ Sendo que o bilhete de comboio em 1948 entre “Ovar e Espinho era de 3 tostões,”²²¹ e dada a importância populacional e económica de Ovar, justificava a pretensão dos seus habitantes que desejavam, “o que outras terras menos importantes já possuíam – a paragem dos comboios rápidos na sua estação, que a suceder muito viria a lucrar o turismo local.”²²²

O mais famoso comboio que pela estação ocasionalmente circulava era o comboio da saudade,²²³ ele personificava o intercâmbio turístico e cultural entre os owarenses que residiam em Lisboa e a terra que os viu nascer.

O primeiro comboio da saudade organizado pela casa do concelho de Ovar cuja sede se situava em Lisboa, foi em “Setembro de 1952,”²²⁴ outros se seguiram organizados pela casa do Concelho,²²⁵ nomeadamente por ocasião das festas do mar,²²⁶ e procissões dos terceiros.²²⁷ No ano de 1955 “transportou para a nossa terra mais de

²¹⁷ Actas da Câmara Municipal de Ovar, 1928, folham 40-45

²¹⁸ Acta Junta Iniciativa de Turismo Furadouro, 30 Novembro 1928, folha 54

²¹⁹ MARTINS, 2006, pp.66

²²⁰ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 12 Março 1947, Livro 621, folha 50

²²¹ SANTOS, 2000, pp.107

²²² Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 12 Março 1947, Livro 621, folha 50

²²³ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 07 Março 1955, Livro 623, folha 48

²²⁴ LAMY, 2001^b, pp.357

²²⁵ Boletim da Casa do Concelho de Ovar, 1955 (nº1) p.6

²²⁶ Notícias de Ovar, 1953 (nº259) p.1

²²⁷ Notícia de Ovar, 1953 (nº259) p.1 – A procissão dos Terceiros fazia parte das procissões quaresmais e realizava-se por altura da Quaresma em Ovar, organizada pela Ordem Terceira de Ovar. Mais adiante falaremos deste assunto.

quinhentos excursionistas,²²⁸ com uma particularidade: “Em Aveiro apear-se-ão todos aqueles que desejem conhecer a Ria e que farão a viagem de lancha até á nossa terra.”²²⁹ Esse comboio da saudade partiu de Santa Apolónia pelas 6 horas da manhã e chegou a “Ovar pouco depois das 10,”²³⁰ na estação estavam aguardando a sua chegada “muitas centenas de pessoas e as entidades oficiais do concelho.”²³¹ Apesar de tudo, poucos melhoramentos se verificaram na estação de Ovar durante a década de 40 e 50, um dos poucos consistiu no prolongamento da passarela, que servia de embarque aos passageiros para o Norte e para o Sul. Foi uma obra que a CP realizou, “pois tornava-se penoso e difícil especialmente a senhoras, o entrar ou sair dos comboios.”²³²

4.4.2 – ILUMINAÇÃO PÚBLICA

“HINO À ELECTRICIDADE”

(GAZETILHA)

Os vóltios e os amperes destrambalhados,
 Que a nossa casa chegam tão fraquinhos
 Conduzidos por fios escangalhados
 Pendurados em postes já velhinhos
 Em mui p`rigosas ânsias esforçados,
 Porque a água escasseia nos ribeiros,
 Entraram para o rol dos racionados,
 Enquanto não chegam aguaceiros...²³³

²²⁸ Boletim da Casa do Concelho de Ovar, 1955 (nº1) p.3

²²⁹ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 7 Março 1955, Livro 623, folha 48

²³⁰ João Semana, 1955 (nº2.168) p.3

²³¹ João Semana, 1955 (nº2.168) p.3

²³² Notícias de Ovar, 1955 (nº354) p.2

²³³ Notícias de Ovar, 1948 (nº12) p.2

Em 1953 foi pela primeira vez aplicado no concelho de Ovar,²³⁴ na Avenida Beira-Mar da praia do Furadouro, “o sistema de iluminação com lâmpadas Osram, tipo fluorescente, mais práticas e económicas, em braços Cavan.”²³⁵ Antes, “a 28 de Julho de 1935,”²³⁶ já a avenida central havia sido palco de uma primeira inauguração de luz eléctrica, embora de qualidade inferior, com 13 candeeiros de ferro fundido com ligações subterrâneas para 23 globos esféricos, destinadas à estrada que ligava Ovar ao Furadouro. Dois anos mais tarde, na Câmara presidida pelo Dr. José Eduardo de Sousa Lamy,²³⁷ os serviços Municipalizados de Electricidade instalaram modernas armaduras de luz florescente em Ovar, “á altura de 7 metros e á distância de 30 metros, do tipo Siemens, hermeticamente fechadas e compensadas,”²³⁸ obtendo-se uma boa iluminação em substituição da antiga, a lâmpadas de incandescência.

Provavelmente a razão pela qual terá sido a praia do Furadouro a pioneira desta inovação, deveu-se “à escassez de iluminação que se nota na avenida principal do Furadouro”²³⁹ Obteve-se uma óptima iluminação que na altura foi considerada, “por técnicos competentes como das melhores que conheciam, incluindo a iluminação de Nova York.”²⁴⁰

No Furadouro não só se obteve uma excelente iluminação uniforme e de boa intensidade, como também, uma boa colocação no terreno dos postes, que foram um “projecto posto em prática pelo architecto Januário Godinho.”²⁴¹ Mas só em 1956 é que o Furadouro ficou completamente apetrechado com a nova iluminação, e aproveitando o prolongamento da avenida central, a inauguração da luz eléctrica teve direito a visitas oficiais que ocorreram no dia 14 de Julho de 1956.²⁴² Pelas 21:30 chegou ao Furadouro O Governador Civil de Aveiro, que foi cumprimentado pelo Presidente da Câmara e

²³⁴ **100 anos a projectar o futuro, Portugal 1905/2005**, Edição da Siemens, 2006, pp.23 – “Os anos 50/60 configuraram-se como um tempo de crescimento económico em Portugal,, (...) A electrificação representava uma das bases estruturais para se implementar o progresso técnico.” **Memórias do mundo das origens ao ano 2000**, Edição Circulo de Leitores, pp.577 – “Os outros países da Europa: Grã-Bretanha, França, Itália e Alemanha entre 1948 e 1951, beneficiaram da ajuda do EUA através do Plano Marshall, lançando-se na modernização dos seus sectores industriais e energéticos.”

²³⁵ LAMY, 2001^b, pp.385

²³⁶ NEVES, 2009, pp.40

²³⁷ LAMY, 2001^b, pp.278

²³⁸ LAMY, 2001^b, pp.385 – Beneficiaram deste moderno e óptimo tipo de iluminação, 10 ruas – Alexandre Herculano, Antero de Quental, Cândido dos Reis, Coronel Galhardo, Elias Garcia, Gomes Freire, Heliodoro Salgado, Luís de Camões, Mártires da República e 31 de Janeiro.

²³⁹ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 7 Maio 1947, Livro 621, folha 6

²⁴⁰ A.M.O. Correspondência expedida Câmara Municipal Ovar, 1956

²⁴¹ A.H.M.O. Relatório dos Serviços Municipais Electricidade 1956

²⁴² João Semana, 1956 (2.212) p.3

toda a vereação, Junta de turismo, União Nacional, Pároco de Ovar, presidentes das juntas do concelho, Capitão do porto de Aveiro, Director da fiscalização eléctrica do Norte, Dr. João Assis, deputado da nação, Director Geral da Alfandegas e muitas outras individualidades.

A inauguração teve no final, entre as 22:00 e as 24:30, “a actuação da banda owarensense na mesma avenida e fogo-de-artifício lançado na praia às 24:30.”²⁴³

Em 1958 com base no relatório dos serviços municipalizados de electricidade da Câmara Municipal de Ovar, o jornal “João Semana” dava conta que o concelho de Ovar tinha progredido nos últimos tempos, “podendo afirmar-se que não há recanto algum que não tenha energia eléctrica.”²⁴⁴

4.4.3 – LIMPEZA E HIGIENE

A Vila de Ovar sempre se pautou por ser terra de bem receber quem a visitava, dado ser a antecâmara da praia do Furadouro, havia a permanente preocupação de manter asseadas as principais ruas, com vista a manter uma imagem de limpeza geral. “Foi deliberado officiar à Câmara do nosso Concelho para que ordenasse a limpeza dos prédios das ruas principais da vila.”²⁴⁵No Furadouro procedia-se da mesma forma porque por via legal “obrigava-se os proprietários pintar e caiar os prédios em mau estado de conservação nas principais artérias.”²⁴⁶

Na praia como local atractivo a banhistas e não só, tomavam-se medidas: “limpeza das ruas e vielas e limpeza das fossas.”²⁴⁷Esta limpeza era realizada entre a meia-noite e as sete da manhã, com o objectivo de não importunar os banhistas durante o dia com eventuais cheiros pestilentos que daí adviriam. Os cães vadios²⁴⁸ eram também uma das preocupações que as autoridades locais tinham sempre presente, dado que eram numerosos, e punham em causa a higiene e segurança dos banhistas, devido a serem agentes transmissores de doenças, tais como a raiva através da mordedura dos canídeos.²⁴⁹

²⁴³ João Semana, 1956 (2.211) p.3

²⁴⁴ João Semana, 1958 (2.332) p.3

²⁴⁵ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 11 Julho 1947, Livro 621, folha 17

²⁴⁶ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 7 Maio 1960, Livro 625, folha 66

²⁴⁷ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 17 Setembro 1946, Livro 620, folha 36

²⁴⁸ H.M.O Correspondência expedida Câmara Municipal Ovar, 1947

²⁴⁹ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 17 Setembro 1946, Livro 620, folha 36

Uma situação recorrente era a faina piscatória, uma vez que o trabalho das Companhas²⁵⁰ continuava a ser executado ao Norte da praia do Furadouro, “com manifesto prejuízo para o aspecto higiénico do areal.”²⁵¹ A Junta de Turismo solicitou ao Capitão do porto de Aveiro, para que diligenciasse na deslocação dos pescadores para a parte Sul da praia, visto ser lá que deveriam efectuar os seus trabalhos de pesca. Quase um ano mais tarde, a Junta de turismo da praia do Furadouro, solicitou ao Comandante da Guarda-fiscal de Aveiro para que a zona das lotas fosse alargada, no Sul da praia para 600 metros, deixando assim de ser utilizados os trezentos da zona Norte. A referida modificação teria como fim, fixar-se a zona de pesca na parte Sul da praia, ficando a zona Norte “unicamente para utilização dos banhistas, que o mesmo será dizer limpa.”²⁵²

A limpeza do areal da praia destinada aos banhistas era permanente, pois era vital “a necessidade ao serviço permanente uma mulher, com a incumbência de manter limpo o areal na zona destinada aos banhistas.”²⁵³ Esta funcionária da Junta de turismo recolhia o lixo deixado no areal pelos banhistas.

Em relação às casas de aluguer sitas na praia, procedia-se com regularidade às visitas de sanidade efectuadas pelo delegado de saúde, e mediante isto eram propostas medidas “de higienização julgadas necessárias.”²⁵⁴ Assim cada casa para alugar teria de ter, especialmente a retrete arranjada com o mínimo de condições higiénicas, além de ter a respectiva fossa convenientemente tapada. Mediante estas condições era atribuída ao proprietário a licença de habitabilidade, sem esse documento “nenhuma casa poderia ser alugada.”²⁵⁵ As fossas destas casas como ficavam no exterior, eram desinfectadas por um funcionário da Junta de Turismo, que despejava em cada uma delas uma quantidade de petróleo “determinada pelo delegado de saúde.”²⁵⁶

Outro grave problema de falta de higiene que se fazia sentir na praia, era a falta de retretes públicas,²⁵⁷ pois dava à praia uma imagem muito negativa, em comparação

²⁵⁰ Contractos estabelecidos através da capitania do porto de Aveiro entre contratantes e pescadores contratados por determinados períodos, especialmente no verão, ou seja quando as condições eram favoráveis à pesca.

²⁵¹ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 1 Junho 1959, Livro 625, folha 21

²⁵² Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 6 Agosto 1947, Livro 621, folha 22

²⁵³ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 2 Abril 1960, Livro 625, folha 63

²⁵⁴ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 17 Setembro 1946, Livro 620, folha 37

²⁵⁵ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 5 Agosto 1948, Livro 621, folha 54

²⁵⁶ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 5 Agosto 1948, Livro 621, folha 55

²⁵⁷ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 21 Outubro 1946, Livro 620, folha 40

com outras de mais fama, como as de Espinho e Granja, pois já possuíam estas comodidades públicas.

A vila de Ovar era abastecida de água pela fonte “Mãe d’Água” descoberta no ano de 1874,²⁵⁸ situada junto do lugar com o mesmo nome, ao lado da estrada de Ovar ao carvoeiro, à distância de 2.300 metros do centro da vila. Esta fonte abastecia os chafarizes da rua do Outeiro e da Ponte Nova, o chafariz principal Neptuno e o do largo dos Campos. O Furadouro apenas possuía água de alguns poços e uma ou outra nascente disseminada por entre a floresta próxima, a pouca população residente na sua grande maioria pescadores, carecia de água potável e de saneamento, porque as águas residuais a céu aberto dava origem a muitas doenças. “Que se solicite da Câmara o saneamento e abastecimento de águas.”²⁵⁹

No concelho de Ovar, de Norte para Sul, o uso da água para consumo público esteve condicionado pelo “uso generalizado de poços e de minas, fontes e fontanários,”²⁶⁰ cuja prática remonta a épocas recuadas, para fins predominantemente agrícolas e consumo humano.

Na sessão de 19 de Julho de 1945,²⁶¹ a Câmara sob a presidência de Manuel Pacheco Polónia deliberou contratar com o engenheiro Alexandre Ribeiro Ferreira Chaves, de Lisboa, a elaboração dos projectos de abastecimento de águas a Ovar e à praia do Furadouro (escritura lavrada a 22 de Agosto desse ano).²⁶²

Em Ovar, só mais para o final da década de 50, é que se iniciou verdadeiramente a implantação de infra-estruturas de saneamento básico, o que conduziu à melhoria das condições ambientais e de saúde da população que “neste domínio se encontravam muito desprotegidas”²⁶³

Em 1956 com bom êxito deu-se início dos furos para captação de água no Carregal para abastecimento de Ovar e praia do Furadouro. Em 1957 noticiava-se que fora feita já a captação de água no Carregal, com a abertura de 3 furos pelo processo Alemão Augusta, “sendo débito de cada um 77.000 litros por hora de água

²⁵⁸ LAMY, 2009^a, pp.43

²⁵⁹ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 17 Setembro 1946, Livro 620, folha 37

²⁶⁰ COSTA, 2008, pp.108 – “No que diz respeito ao saneamento no século XX ele é inexistente, sendo bem conhecidas na região de Aveiro a falta de salubridade e higiene que era uso, sendo responsável por inúmeras doenças do foro intestinal, como a cólera e a febre tifóide.”

²⁶¹ A.H.M.O Actas da Câmara Municipal de Ovar, 1945

²⁶² LAMY, 2001^b, pp.387

²⁶³ COSTA, 2008, pp.122

bacteriologicamente pura. “²⁶⁴Neste ano iniciaram-se os trabalhos de assentamento de canalizações quer das águas quer do saneamento, na vila e na praia do Furadouro. Em reunião de câmara de 19 de Março de 1958²⁶⁵ deliberou a Câmara adjudicar a empreitada do abastecimento de águas e primeira fase do saneamento da vila de Ovar à “TRABEL – Trabalhos de Engenharia, Limitada, com sede em Lisboa, por ter apresentado a proposta mais baixa - 2.927.000\$00”²⁶⁶ (escritura lavrada a 6 de Maio desse ano).

4.5 – O POLICIAMENTO

O policiamento da vila fazia-se esporadicamente, mas em 1945 ao abrigo do Decreto-lei nº 33.905,²⁶⁷ a Guarda Nacional Republicana instalou-se definitivamente em Ovar, tendo a Junta de turismo deliberado que com o “fim de facilitar à Câmara Municipal a instalação de um posto da Guarda Nacional Republicana nesta vila,”²⁶⁸ procedeu à mudança do seu arquivo para a sala das sessões da Junta da Freguesia e ali fazer a instalação da sua sede.

A Guarda já havia estado em Ovar por duas vezes²⁶⁹ nas instalações “dos Paços do Concelho.”²⁷⁰ Apesar de oficialmente constar que a Guarda se instalou definitivamente em Ovar apenas em 1946,²⁷¹ ela ocorreu efectivamente em 7 de Janeiro de 1945,²⁷² visto esta força militar estar já em plena actividade de funções em 1946, em consequência do volume de expediente que a Junta de Freguesia de Ovar refere, em

²⁶⁴ LAMY, 2001^b, pp.387

²⁶⁵ A.H.M.O Actas da Câmara Municipal de Ovar, 1958

²⁶⁶ LAMY, 2001^b, pp.387

²⁶⁷ A.M.O. Correspondência expedida Câmara Municipal Ovar, 1944

²⁶⁸ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 13 Julho 1945, Livro 620, folha 14

²⁶⁹ LAMY, 2009^b, pp.155 “O decreto nº 12.259, de 4 de Setembro de 1926, criou a Secção de Ovar da GNR, composta de 90 guardas, abrangendo Ovar, com 28 guardas, Espinho, Estarreja, Oliveira de Azeméis (Bustelo), São João da Madeira e Vila da Feira. Esta Secção da Guarda Nacional Republicana, extinta pela reorganização do exército, cessou as suas funções a 30 de Junho de 1927. Em 1931 obteve-se um posto instalado no mesmo quartel da antiga secção, no edifício dos Paços do Concelho, com 1 Cabo e 11 Praças, sob o comando de 1Sargento, posto que recolheu à companhia, em Aveiro, a 13 de Setembro de 1933.”

²⁷⁰ A.M.O. Correspondência expedida Câmara Municipal Ovar, 1944

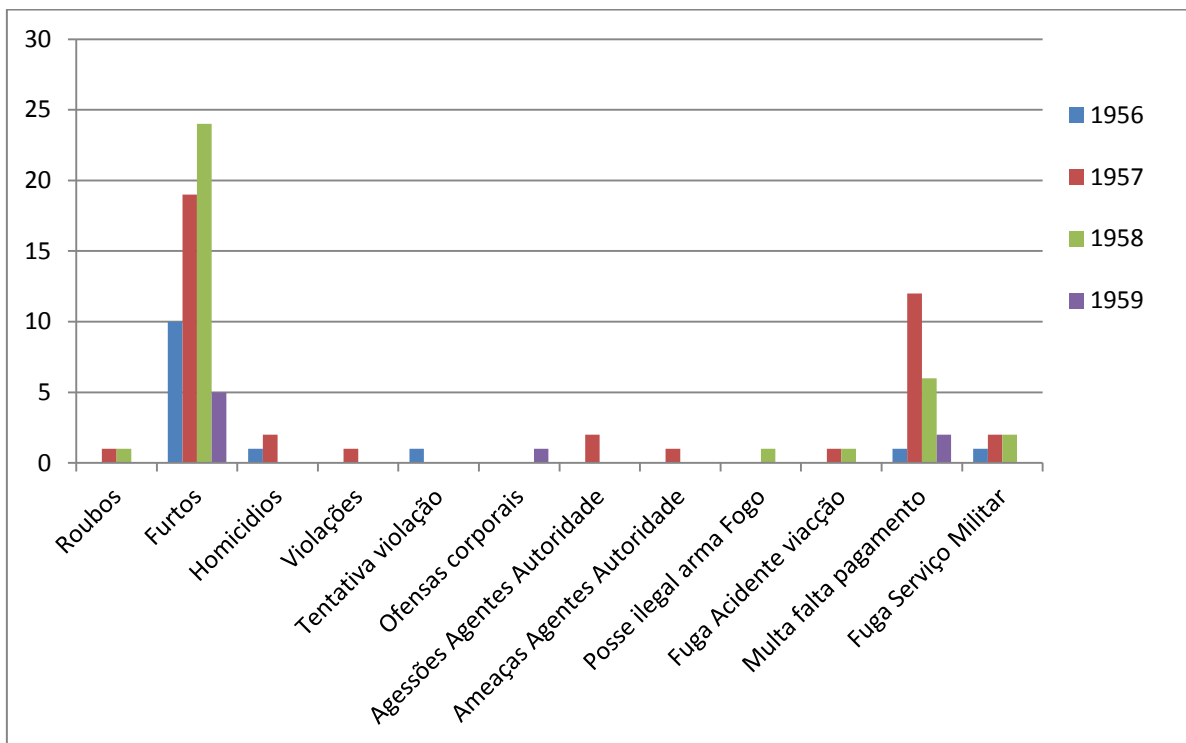
²⁷¹ O.S. nº 3 de 15 de Fevereiro, Artigo 37 Comando Geral da Guarda Nacional Republicana “Que em 7 do corrente, foi instalado o posto desta Guarda de Ovar, da secção de Aveiro, da 2ª companhia do Batalhão nº 5 – Coimbra, com o seguinte efectivo: 1 Cabo e 7 Soldados todos de Infantaria.”

²⁷² Informação prestada por José de Matos, 82 anos, filho de um dos militares que fez parte do efectivo que inaugurou o Posto de Ovar que foram: Soldados – Manuel de Matos, (Pai de José de Matos) António Abragão, Manuel Pinto, José Pereira, José Alves, Amadeu Henriques, José Vigário e o Comandante do Posto – Cabo: José Teixeira dos Santos.

consonância com o do posto da Guarda: “ (...) mas há conhecimento que o requerente disse no posto da GNR desta vila, que cada dia que perdesse ao seu serviço, representaria para ele um prejuízo de duzentos escudos.”²⁷³

O Presidente da Câmara de então, Dr. Pacheco Polónia, aproveitando a vinda da Guarda Nacional Republicana para a vila a título definitivo, solicitou ao Comandante Geral da Policia de Segurança a 27 de Novembro de 1945 a criação de um posto da PSP na Vila, nos termos do Decreto-lei nº34.882 de Setembro de 1945, alegando que “para o policiamento de todo o concelho foi criado há pouco tempo um posto da Guarda Nacional Republicana com 7 Guardas e um Cabo, é um policiamento pouco eficaz se atendermos à área enorme deste concelho.”²⁷⁴

GRÁFICO Nº 1

(NÚMERO DE CRIMES OCORRIDOS EM OVAR ENTRE 1956 E 1959)

Fonte: Livro registo de crimes 1955/1960 arquivo Posto GNR de Ovar

O policiamento do Furadouro ficou sob a responsabilidade da Guarda Nacional Republicana, que anualmente durante a época balnear, “destacava duas praças do seu

²⁷³ A.J.F.O – Actas Junta Freguesia de Ovar, 1946

²⁷⁴ A.M.O. Correspondência expedida Câmara Municipal Ovar, 1945

posto de Ovar para a vigilância e segurança da povoação praiana.”²⁷⁵ Em 1955 a junta de turismo da praia do Furadouro oficiou à Câmara, lembrando que esse mesmo policiamento deveria ser efectuado por “dois guardas da Policia de Segurança Pública.”²⁷⁶

O policiamento da PSP traria muitas vantagens “para a vida da nossa praia, no capítulo apontado.”²⁷⁷ Tudo leva a crer que a junta numa acção concertada com a Câmara queria a todo o custo²⁷⁸ trazer a Policia para a praia, talvez por alguma questão menos afável de relacionamento com o comando central da GNR, ou eventualmente evitar a conotação da imagem ruralista que a Guarda transmitia aos banhistas com a sua presença, no policiamento da praia do Furadouro.²⁷⁹

Desta feita a Junta de Turismo em conjunto com a Câmara Municipal obtiveram sucesso nas suas pretensões, uma vez que no ano de 1962 conseguiram pela primeira vez, por intermédio do General Comandante-Geral da PSP, fosse criado um posto de polícia na praia durante o período balnear “de 15 de Julho a 15 de Setembro, no edifício da Escola primária, ao Norte.”²⁸⁰

“O referido posto era constituído por um chefe, um segundo chefe, e três guardas de polícia,”²⁸¹ não obstante o policiamento da vila continuar sob a alçada da GNR.

O Comandante do posto da Guarda em Ovar, desde a sua tomada de posse manteve uma acção policial profícua, granjeando respeito e admiração no seio da população owarenses.²⁸² Dotado de um exemplar brio profissional conseguiu resolver algumas situações difíceis, apesar dos poucos recursos da época.

²⁷⁵ LARANJEIRA, 1984, pp.110

²⁷⁶ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 30 Maio 1955, Livro 623, folha 64

²⁷⁷ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 30 Maio 1955, Livro 623, folha 65

²⁷⁸ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 30 Maio 1955, Livro 623, folha 64 – “tanto mais que a despesa que isso acarretará não deve ir além de dois mil e quatrocentos escudos, segundo elementos já obtidos.”

²⁷⁹ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 30 Maio 1955, Livro 623, folha 65 – “Ficou estabelecido que o ofício fosse entregue pelo Sr. Firmino Pereira Carvalho, pessoalmente, no próprio dia da sessão da Câmara, para poder acrescentar de viva voz, pormenores que interessa frisar e que muito contribuirão, certamente, para que a Câmara resolva favoravelmente a pretensão desta junta de turismo.”

²⁸⁰ LARANJEIRA, 1984, pp.110

²⁸¹ LARANJEIRA, 1984, pp.110

²⁸² Informação prestada por João da Silva Duarte, 63 anos, “O Sr. Cabo Santos era um homem de muito respeito, lembrava-se quando criança jogar à bola no jardim de São Miguel, quando avistava os Guardas e muito especialmente o cabo Santos, logo fugia a toda a pressa, não fosse o comandante do posto pô-lo de castigo a tocar á bomba para encher o depósito de água do Posto. Era proibido jogar à bola no jardim, porque punha em risco os automobilistas, assim como danificava as plantas do dito jardim.”

Uma dessas acções consistiu em afastar “visitas indesejáveis, larápios especializados no furto de porta-moedas, levados para fora do mercado de Ovar,”²⁸³ pelo Cabo Santos e seus homens até à estação do Comboio, precavendo alguma acção menos boa dos meliantes.

Até no plano ecológico o Comandante de Posto se distinguiu quando mandou efectuar a apreensão de redes ilegais ditas de pesca, a “dois indivíduos que foram apanhados em flagrante a pescar,”²⁸⁴ junto da fábrica de papel situada no Casal, no rio Cáster numa altura que tinha sido realizado o repovoamento de peixes no dito rio.

Aquando da visita a Ovar do Ministro da Justiça, Professor Antunes Varela, que no dia 9 de Maio de 1959, veio a Ovar inaugurar importantes melhoramentos de obras públicas, foi realçado e noticiado pelo jornal João Semana de 16 de Maio do mesmo ano, “o importante serviço que o Comandante do Posto da GNR de Ovar, José Teixeira dos Santos,”²⁸⁵ tinha desenvolvido na orientação do trânsito em ordem a coordenar a referida visita.

No dia 23 de Janeiro de 1955, ocorreu um homicídio de contornos pouco vulgares na pacata vila de Ovar. Sob a ponte da rua Elias Garcia no centro da vila, um engraxador de profissão, chamado:”António Joaquim Godinho da Silva, violou e matou através estrangulamento, Ana Rosa Valente da Silva, 11 anos, criada de servir.”²⁸⁶ O criminoso, já havia sido várias vezes preso por furto e tentativa de sedução, foi descoberto e rapidamente preso pelo Cabo Santos.

Ainda na repressão à criminalidade, o Cabo Santos numa acção conjunta com a Policia Judiciária do Porto, “procedeu à rápida detenção de dois perigosos criminosos evadidos da cadeia de Peniche.”²⁸⁷

5 – CAFÉS E PENSÕES

O primeiro café em Ovar data de 1933, situava-se na Rua Dr. Manuel Arala, numa pequena casa em forma de coração, onde mais tarde na década de 40 se instalou a chamada relojoaria “Ovarense”. “Era um café doce e atraente,”²⁸⁸ dito de descanso e de

²⁸³ Notícias de Ovar, 1949 (nº49) p.2

²⁸⁴ Notícias de Ovar, 1949 (nº40) p.2

²⁸⁵ João Semana, 1959 (2359) p.3

²⁸⁶ João Semana, 1955 (2135) p.4

²⁸⁷ Notícias de Ovar, 1957 (nº469) p.2

²⁸⁸ João Semana, 1981 (nº24) p.2

convívio. Como o seu proprietário: Eduardo de Sousa era amante do não te rales e o seu melhor desejo era não ter de “quebrar as costas a ganhar o pão de cada dia,”²⁸⁹ encontrou na exploração do seu café a melhor forma de viver galhardamente, pondo ao café um nome sugestivo, Café Paraíso. Mudou-se mais tarde para o largo da Câmara, onde permaneceu aberto ao público até quase ao fim da década de 50, sob a direcção de Mário Gomes Pinto.

O Café denominado Café Celeste, abriu as suas portas a 25 de Dezembro de 1942, em frente ao chafariz Neptuno, o título longe de ser apelativo apenas celebrava um nome de família. O proprietário Zeferino Gomes Pinto, fez do seu café o centro da fama do “Pão-de-ló de Ovar”²⁹⁰ com a publicidade que lhe fazia.

Em 1940 abriu café o “Zélia”,²⁹¹ na rua Cândido dos Reis, foi montado por Manuel Gomes Pinto. Entre os estabelecimentos da vila o café Zélia ocupava sem favor um lugar merecido, não só pela sua localização, como também pelas suas “magníficas instalações.”²⁹² Este café foi centro das maiores tertúlias desportivas de Ovar, em grande parte devido ao passado desportivo do proprietário “ligado à Associação Desportiva Ovarense.”²⁹³ Neste café também se comercializava o Pão-de-Ló de Ovar.

A abertura do café Progresso data de 17 de Dezembro de 1949, precisamente às 19 horas desse dia. A imprensa local difundiu o convite uma semana antes,²⁹⁴ perspectivando assim uma inauguração de timbre superior. Teve a presença do Presidente da Câmara Municipal, António Coentro de Pinho,²⁹⁵ assim como demais pessoas de representação social a procederem à sua inauguração. “Principescamente” recebidos pelo Sr. Resende e sua esposa, que lhe fizeram as honras da casa, mostrando aos visitantes as luxuosas e elegantes salas, decoradas e mobiladas com arte, sob a direcção do arquitecto Liberino dos Santos. Foi em seguida servido um magnífico copo de água, em que discursaram os: presidentes da Câmara e da Junta de Turismo do Furadouro, bem como outros representantes sociais ali presentes. Todos os oradores se referiram ao espírito de iniciativa do Sr. David Resende que dada a sua inteligência, a

²⁸⁹ João Semana, 1981 (nº24) p.2

²⁹⁰ João Semana, 1981 (nº24) p.3

²⁹¹ João Semana, 1981 (nº24) p.3

²⁹² Notícias de Ovar, 1949 (nº39) p.3

²⁹³ Notícias de Ovar, 1949 (nº39) p.3

²⁹⁴ Notícias de Ovar, 1949 (nº66) p.3

²⁹⁵ Notícias de Ovar, 1949 (nº66) p.3

sua personalidade se pautava no esforço pessoal com o sentido de engrandecer Ovar, cujo resultado era digno de comparação com os melhores “cafés de Lisboa e Porto.”²⁹⁶

“O grandioso café”²⁹⁷ que, na altura e pelo requinte com que foi idealizado, causou admiração no meio. Deveu-se á iniciativa de David Dias Resende (David Vilão), que se empenhou, com toda a coragem por oferecer a Ovar um Café onde nada faltava, desde a máquina moderna de tirar café até um salão de chá no 1º andar, onde a mocidade daquele tempo passava inesquecíveis horas de distração e alegria, dançando ao som de boa música.

À Quintas-feiras, “num ambiente da maior elegância,”²⁹⁸ viam-se pessoas de vários concelhos limítrofes. Aos Domingos, também era ponte de convergência para agradáveis reuniões, “transformando completamente os hábitos de Ovar,”²⁹⁹ que assim se convertia num centro de requintada elegância dentro de uma região encantadora.

Nos bailes de fim de ano o café rivalizava com os bailes do Cine Teatro de Ovar, para lá afluíam muitos forasteiros não só do concelho de Ovar como de outros concelhos limítrofes.

O café Neves foi inaugurado no dia 3 de Junho de 1950, situava-se no largo Miguel Bombarda, pertença de Augusto de Pinho Neves. Tratava-se de um café que, sem ser luxuoso, apresentava todavia um ambiente acolhedor e um mobiliário cómodo e convidativo. “No rés-do-chão tinha o salão de café bem iluminado e amplo; nos pavimentos superiores, o bilhar e outros jogos.”³⁰⁰ Para a sua inauguração, o seu proprietário convidou os Srs. Francisco de Oliveira Ramada,³⁰¹ presidente da Junta de Turismo da praia do Furadouro, António Coentro de Pinho, presidente da Câmara e Padre: Manuel José da Silva Torres. Três anos mais tarde abriu ao público “um novo café”³⁰² com a designação de “Ovarense”, localizado na rua Cândido dos Reis, o proprietário era David Valente de Pinho Pais. O café foi ocupar as antigas instalações da Associação Desportiva Ovarense, nos baixos de um prédio relativamente novo na época. O seu interior não deferia muito do Café Neves, embora um pouco mais modesto

²⁹⁶ Notícias de Ovar, 1949 (nº67) p.3

²⁹⁷ João Semana, 1981 (nº24) p.3

²⁹⁸ Notícias de Ovar, 1950 (nº82) p.4

²⁹⁹ Notícias de Ovar, 1950 (nº82) p.4 – esta componente evidenciava um novo cariz cultural à vila, emergia assim, o cosmopolitismo dos grandes centros urbanos, numa terra que pouco mais conhecia do que a pacatez, apenas sobressaltada pela passagem dos banhistas para a praia do Furadouro.”

³⁰⁰ Notícias de Ovar, 1950 (nº92) p.2

³⁰¹ Importante industrial de Ovar, sócio maioritário da fábrica de aços, sita em Ovar, “F.Ramada”na altura presidente da Junta de Turismo da Praia do Furadouro.

³⁰² Notícias de Ovar, 1953 (nº233) p.2

no mobiliário e na apresentação geral, “faltava-lhe alguma luz interior,”³⁰³ nem teve honras de inauguração como os anteriores.

Na praia do Furadouro foi “aberta à exploração em Junho de 1942”³⁰⁴ a pensão “Turismo”, à Sociedade de melhoramentos da praia do Furadouro coube a exploração e administração da pensão. Este estabelecimento havia sido criado para servir os banhistas em geral, mas também “para satisfazer as classes menos abastadas.”³⁰⁵ No entanto oferecia “aos seus Exmos. e distintos hóspedes um serviço de mesa, esmerados e confortáveis alojamentos, mediante a diária e 35\$00.”³⁰⁶

A Pensão Turismo a partir de 1945 encontrava-se fechada na época balnear, de acordo com a Junta de Turismo “acarretou vários inconvenientes para o progresso da praia,”³⁰⁷ gerou-se um mau estar entre a comissão e a Junta, tendo como pano de fundo o recheio da Pensão Turismo que era pertença da Junta de Turismo. “Esta entendia que a Sociedade Melhoramentos, uma vez que não procedia á exploração da pensão turismo deveria devolver, “no mais breve prazo todo o recheio”³⁰⁸ com intuito de o “ceder à entidade que tomar a exploração da pensão.”³⁰⁹ Esta situação arrastou-se até á inauguração do Hotel Mar-e-Sol, “na época balnear de 1946 o qual substituirá a actual pensão.”³¹⁰

A pensão “O Moliceiro” foi fundada em 1948 por José Tovar, funcionou no prédio nº 49, da rua O Jornal Comércio do Porto, o edifício era propriedade da família Fragateiro. Dada, porém, a exiguidade do número de quartos, “O Moliceiro” tomou de arrendamento o 1º andar do antigo Hotel Cerveira, “durante uns anos, de modo a satisfazer a sua grande clientela.”³¹¹ Em 1951 esta pensão passou a ser dirigida por António Augusto Fragateiro, que passou a dedicar-se à indústria hoteleira. Fechou as suas portas em 1954. O “Costa do Luar” restaurante típico situado na rua do Jornal “O Comércio do Porto, “a confinar com o mercado da praia.”³¹² A sua proprietária era a Sr.^a D. Normélia Soares Raimundo, filha de Álvaro Raimundo, informador fiscal. As suas

³⁰³ Boletim da Casa do Concelho de Ovar, 1955, (nº3) p. 2

³⁰⁴ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 1 de Julho 1947, Livro 621, folha 13

³⁰⁵ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 2 de Outubro 1946, Livro 620, folha 40

³⁰⁶ O Primeiro de Janeiro, 1945 (nº136) p.3 e (nº157) p.3

³⁰⁷ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 2 de Outubro 1946, Livro 620, folha 40, e Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 6 de Novembro 1946, Livro 620, folha 45

³⁰⁸ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 25 de Junho 1947, Livro 621, folha 11

³⁰⁹ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 9 de Junho 1947, Livro 621, folha 9

³¹⁰ O Primeiro de Janeiro, 1945 (nº136) p.3

³¹¹ LARANJEIRA, 1984, pp.191

³¹² LARANJEIRA, 1984, pp.192

instalações foram inauguradas em 1952, foram encerradas ao público no decénio de dos anos sessenta, por motivo de doença. A praia do Furadouro tinha 4 cafés em 1959, “Café David, Progresso, Álida e o Santos, este aberto todo o ano,”³¹³ todos na avenida central. O café David foi aberto ao Público em 1944 e assim esteve até 1961 altura em que encerrou portas. O “Progresso” inaugurou na “Avenida Central em 1 de Julho de 1951,”³¹⁴ o seu café filial, (o principal situava-se na vila) um moderno edifício acabado de construir 3 anos antes. Um café de espaço amplo na altura, compreendia serviço de confeitaria, chá, café, cervejaria e bilhar.³¹⁵

QUADRO IX

| CAFÉS EXISTENTES EM OVAR ENTRE 1930 E 1960 |
|---|
| Café Paraíso - 1930 (proprietário: Eduardo de Sousa) |
| Café Celeste – 1942 (proprietário: Zeferino Gomes Pinto) |
| Café Zélia – 1940 (proprietário: Manuel Gomes Pinto) |
| Café Progresso – 1949 (proprietário: David Dias Resende) |
| Café Neves – 1950 (proprietário: Augusto de Pinho Neves) |
| Café Ovarense – 1953 (proprietário: David Valente de Pinho Pais) |
| CAFÉS E PENSÕES EXISTENTES ENTRE 1940 E 1960 NA PRAIA DO FURADOURO |
| Pensão Turismo – 1942 (proprietário. Junta de Turismo do Furadouro) |
| Pensão Moliceiro – 1948 (proprietário: José Tovar) |
| Café David – 1944 – (proprietário: não foram encontradas referências) |
| Café Álida – 1954 (proprietário: Francisco Marques) |
| Café Progresso (filial) - 1951 (proprietário: David Dias Resende) |
| Café Santos - 1951 (sucedeu ao antigo Café Cerveira, proprietário: provavelmente familiares de José Cerveira, antigo dono do Café Cerveira) |

Fontes: LAMY, Alberto e RODRIGUES, Augusto, **Furadouro uma terra com passado e com futuro**, comissão de melhoramentos do Furadouro, Ovar; Notícias de Ovar, 1949 (nº49) p.2; Notícias de Ovar, 1949 (nº40) p.2; João Semana, 1959 (2359) p.3; João Semana, 1955 (2135) p.4; Boletim da Casa do Concelho de Ovar, 1955, (nº3) p. 2; O Primeiro de Janeiro, 1945 (nº136) p.3; LARANJEIRA, Lamy, **O Furadouro o povoado, o homem e o mar**, Edição Câmara Municipal de Ovar; Actas Junta de turismo da praia do Furadouro: 1946 e 1947.

³¹³ LAMY e RODRIGUES, 2000, pp.39

³¹⁴ LARANJEIRA, 1984, pp.196

³¹⁵ Notícias de Ovar, 1953 (nº233) p.2

O café “Álida”, com café e esplanada que se localizava na Avenida Central, no rés-do-chão do prédio nº65 em “fundado em 1954.”³¹⁶Foi fundado por Francisco Marques, mantinha as características do café Progresso.

Por último o café “Santos,”³¹⁷ este sucedeu ao antigo café Cerveira, sofreu algumas mudanças em 1951, as suas instalações eram espaçosas, com bilhares e um esmerado e eficiente serviço.

5.1 – HOTEL MAR E SOL

Foi ao Norte da Praia do Furadouro onde “existiam algumas casas de pedra e cal e vários palheiros,”³¹⁸ para lá da floresta e virado para o mar, que um conjunto de owarenses amigos da sua terra, constituíram a denominada “Sociedade de Melhoramentos da Praia do Furadouro”³¹⁹ e resolveram edificar o Hotel Mar e Sol.

O João Semana de 28/03/1946, informava: A nossa praia vai acordando do marasmo de praia esquecida e desprezada, felizmente.”³²⁰Em Junho de 1946 era inaugurado o Hotel Mar e Sol.³²¹

A Junta de Turismo do Furadouro, ainda algo combatida como a forma algo descuidada como a Pensão Turismo havia sido gerida pela Sociedade de Melhoramentos da praia do Furadouro, recusou o subsídio de oito mil escudos solicitado pela Sociedade, justificando-se que “o hotel se acha em pleno desenvolvimento e é de opinião de que não há motivo para tal subsídio.”³²²Esta recusa em parte fundamentada pelo facto de não ter sido devolvido à Junta de Turismo o recheio que estava na extinta Pensão Turismo, e que tinha sido “transferido” pela Sociedade de Melhoramentos para o Hotel Mar e Sol. “Tanto mais que o empréstimo da mobília da pensão já foi precioso

³¹⁶ LARANJEIRA, 1984, pp.196

³¹⁷ LAMY e RODRIGUES, 2000, pp.39

³¹⁸ João Semana, 2009 (nº21) p.5

³¹⁹ João Semana, 1944 (nº1.822) p.3 – “Sociedade de Melhoramentos da Praia do Furadouro”, Por escritura desta data lavrada pelo notário abaixo-assinado, foi constituída uma sociedade por quotas de responsabilidade limitada, entre Álvaro Ferreira Malaquias, António Cândido Soares de Almeida, Doutor Augusto Júlio Arala Chaves, Crispim José da Rocha, Colares Pinto Irmãos, Fernando Hugo de Araújo Sobreira, Joaquim Correia Dias, Manuel Gomes da Silva Bonifácio, Manuel Rodrigues de Almeida & Irmão, Manuel Rodrigues Pepulim, Manuel Soares Pinto e D. Maria Eugénia Leite Arala Chaves, e sob a denominação supra. Ovar, 28 de Novembro de 1944 O Notário: António Gonçalves Santiago.

³²⁰ João Semana, 2009 (nº21) p.5

³²¹ LAMY, 2005, pp.271

³²² Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 17 de Setembro 1946, Livro 620, folha 38

subsídio.”³²³ Os seus aposentos eram “dotados de água corrente e todos os requisitos higiénicos, possuindo também “apartments.”³²⁴ O Hotel Mar e Sol era um edifício com 50 quartos, um pequeno bar, salas de visitas e jogos e um amplo terraço voltado para o mar, “local cuja varanda é um esplêndido miradouro sobre o Atlântico,”³²⁵ envolvidos numa arquitectura de estilo português suave, “um edifício sombrio, sem pretensões arquitectónicas, mas muito bem construído e delineado.”³²⁶ Não era um hotel de luxo, mas apresentava comodidade e conforto para os seus hóspedes. Foi durante muitos anos, a melhor unidade hoteleira do concelho e ponto de encontro e recreio dos banhistas mais abastados. Ali estiveram hospedados: artistas pintores, como por exemplo: “D. Berta Borges, um nome laureado da pintura nacional e internacional,”³²⁷ alguns industriais e políticos locais, estudantes, jornalistas, assim como demais forasteiros dos concelhos limítrofes.

Foi também o palco de grandes bailes, cujas receitas reverteram, parcialmente, a favor de actividades caritativas, nomeadamente a chamada Sopa dos pequeninos Pobres do Furadouro que teve início a 18 de Agosto de 1953. A Junta de Turismo também se associou ao projecto oferecendo um subsídio de “2.500\$00 com vista à manutenção da sopa às crianças pobres do Furadouro.”³²⁸ Esta iniciativa teve reflexos positivos no seio piscatório que lutava com imensas dificuldades pela sua subsistência, sendo esta sopa muitas vezes único alimento que os filhos dos pescadores tinham durante todo o dia. O Hotel Mar e Sol através desse evento, deu origem a que industriais como Manuel da Silva Borges, importante sócio maioritário da importante Firma de motores “Rabor” prosseguisse a acção de beneficência, aquando da construção de um parque de diversões na praia do Furadouro, “ao oferecer a exploração do mesmo aos depauperados cofres da Sopa do Furadouro.”³²⁹ O parque infantil localizava-se mesmo junto ao hotel, tornando este ainda mais aprazível. Foi inaugurado no dia 8 de Agosto de 1959 às 16 horas, as crianças tiveram entrada no parque mediante a quantia de “1\$00 ou uma avença mensal de 20\$00, cada criança a mais da mesma família, pagará 10\$00.”³³⁰

³²³ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 17 de Setembro 1946, Livro 620, folha 30

³²⁴ AMO

³²⁵ O Século, 1955, (nº26.387) p.1

³²⁶ LARANJEIRA, 1984, pp.192

³²⁷ Boletim da Casa do Concelho de Ovar, 1955, (nº8) p. 5

³²⁸ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 6 de Agosto 1956, Livro 624, folha 15

³²⁹ Notícias de Ovar, 1959 (nº571) p.1

³³⁰ João Semana, 1959 (nº2371) p.4

Entretanto porque nas margens da Ria se desenvolviam novas atracções turísticas captadoras de muitos frequentadores da praia do Furadouro, o Hotel Mar e Sol passou por diversas vicissitudes, estando em vias de encerrar em 1953 e 1959, “o Hotel está na contingência de não abrir este ano, o que a confirmar-se será de consequências bastante desagradáveis para a nossa praia.”³³¹

Apesar de tudo a década de 50 foi a época de ouro do Hotel, especialmente nos primeiros anos, tanto no Inverno como na época de veraneio, foi o caso do ano de 1954 em que todos os estabelecimentos do Furadouro estavam “repletos”³³² de hóspedes, “alugando-se todas as casas e dando vida ao Hotel Mar e Sol e aos restaurantes e pensões.”³³³

6 – A RIA

A Ria de Aveiro, “mesmo ao lado do mar, a inseparável companheira Ria,”³³⁴ em 1960 era já conhecida dos ovaenses por Ria de Ovar, pelo facto de um dos braços da Ria por lá passar “que mais carinho tem merecido da parte das autoridades,”³³⁵ “e ser um verdadeiro lago de cristal, (...) ou a piscosa Ria onde o turista amador pode pescar à rede ou à cana o saboroso robalo.”³³⁶ “Com uma área de cerca de 11 mil hectares,”³³⁷ resultou das subidas e descidas do nível das águas do mar ao longo de séculos, estendendo-se longitudinalmente, de Norte para Sul, desde o Carregal até ao Poço da Cruz (Mira), só começou efectivamente a ser mais conhecida com a abertura da estrada Ovar, São Jacinto “rasgou novas perspectivas para o turismo local, (...) estrada que liga num amplexo fraterno Ovar a São Jacinto,”³³⁸ e assim deixou uma marca indelével “marginando a ria pela direita,”³³⁹ enchendo de tranquilidade quem por lá passasse.

No dia 18 de Novembro de 1954, realizou-se na Junta Autónoma das Estradas a arrematação do troço da estrada nacional 327, entre o Carregal e a Torreira, compreendendo terraplanagens, obras de arte e acessórios e ainda outros trabalhos.

³³¹ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 1 de Abril 1959, Livro 620, folha 11

³³² Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 6 Maio 1954, Livro 623, folha 13

³³³ Notícias de Ovar, 1954 (nº307) p.3

³³⁴ Revista Portugal Local, 2003, Nº58, pp.8

³³⁵ Comércio do Porto, 1960 (nº201) p.3

³³⁶ Boletim da Casa do Concelho de Ovar, 1956, (nº19) p. 2

³³⁷ Revista Portugal Local, 2003, Nº58, pp.8

³³⁸ O Comércio do Porto, 1960 (nº201) p.3

³³⁹ PENICHEIRO e GRAÇA, 1959, pp.52

“A base de licitação foi de 773.770\$00”³⁴⁰ e os trabalhos teriam início 10 dias após a data da adjudicação e deviam estar concluídas num prazo de 500 dias.

Os empreiteiros concorrentes foram: David Gomes Casimiro, da Vila da Feira com 686.000\$00; António Ferreira Pinto, de Ul, Oliveira de Azeméis, com 637.000\$00; Gil Andrade e Silva, de Mosteirô, com 735.000\$00; António Brandão F. Serrano, de Souto, com 729.800\$00; António Pinto Brandão, da Vila da Feira, com 680.000\$00. Houve ainda outro empreiteiro concorrente: José Bandeira, que foi excluído devido á falta de documentação.

“A adjudicação foi feita ao Sr. António Ferreira Pinto, de Ul, Oliveira de Azeméis”³⁴¹ em virtude de ter apresentado a proposta mais baixa. A referida estrada tornou-se numa “realidade muito consoladora,”³⁴² que veio contribuir extraordinariamente, para o desenvolvimento económico e turístico de toda a região,³⁴³ que incluía: O Furadouro, O Carregal, (início da extensão da Ria) Torrão do Lameiro, seguindo até à praia da Torreira já no Concelho da Murtosa.

Em 1955 as obras de construção da estrada que ligaria Ovar à Torreira andavam em bom ritmo, tendo a Ria como pano de fundo, “marginando assim aquele espectáculo de beleza lendária.”³⁴⁴ No dia 14 de Abril de 1955, começava no Torrão do Lameiro a construção do troço que faltava, entre aquele lugar do concelho de Ovar e a Torreira, “para a ligação integral de tão importante via de comunicação.”³⁴⁵ Os trabalhos em curso diziam respeito somente à terraplanagem e colocação do respectivo balastro, sendo que o arranjo definitivo da estrada não se fez demorar, em virtude de coincidir com as obras no porto de Aveiro, “pelo facto de se ter dragado um profundo canal por onde se faz o transporte fluvial de pedra (que passava pelo Carregal) para a construção do porto de Aveiro.”³⁴⁶

Os Melhoramentos do porto de Aveiro, seriam a consequência lógica para a tão rápida construção da estrada entre Ovar e o Torrão do Lameiro. Tal facto permitiria tão importante ligação que há muito era reivindicada pelas populações que dela necessitavam para as suas deslocações diárias até ao Furadouro, e também permitir melhor acesso à vila de Ovar, sede de concelho.

³⁴⁰ Notícias de Ovar, 1952 (nº219) p.1

³⁴¹ Notícias de Ovar, 1952 (nº219) p.1

³⁴² Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 23 de Novembro 1954, Livro 623, folha 32

³⁴³ Notícias de Ovar, 1952 (nº219) p.1

³⁴⁴ Comércio do Porto, 1955 (nº221) p.3

³⁴⁵ Boletim da Casa do Concelho de Ovar, 1955, (nº4) p. 5

³⁴⁶ O Primeiro de Janeiro, 1955 (nº184) p.3

As obras no Porto de Aveiro³⁴⁷ coincidiram no tempo com as da estrada Ovar - Torreira, eventualmente esta via que viria a fazer a ligação com São Jacinto concelho de Aveiro, além de servir os interesses turísticos de Ovar, teria também utilidade subsidiária para transporte de materiais para a construção do porto de Aveiro, atendendo a que a Ria aquando da sua dragagem já servia esse intento. Simultaneamente permitiu também a construção de um ancoradouro no Carregal, possibilitando dessa forma concentrar “uma grande frota de barcos de recreio, e onde já se podiam pescar o Robalo e a Tainha.”³⁴⁸

O ancoradouro denominado na altura por “hangar” começou a ser planeado muito antes da dragagem da Ria, numa primeira fase a Junta de Turismo da praia do Furadouro, idealizou o plano da construção do hangar para recolha de barcos de recreio, no entanto “dadas as pequenas possibilidades financeiras”³⁴⁹ para levar a cabo de uma só vez uma obra de tais dimensões, a Junta resolveu que a construção do hangar fosse realizada em várias fases. A Junta nesse ano de 1948, concorreria com “trinta mil escudos,”³⁵⁰ partindo do princípio que Câmara participaria com igual quantia, atendendo ao fluxo turístico que da construção do Hangar resultaria, e esperando ainda participações de outras entidades interessadas no projecto.

O assunto continuou a ser discutido ainda mais para a frente e, “após demorada troca de impressões, resolveu-se insistir no estudo encetado.”³⁵¹ Cerca de 1 ano mais tarde a questão continuava a ser discutida nas reuniões da Junta, mas desta vez com outro interveniente: “deixou-se para a próxima sessão a resolução que se prende com a

³⁴⁷ AMORIM, 2008, pp.73 e 177 – “Uma outra etapa se demarca, na década de 50. O relatório de 1954, entre outros, refere-se á indústria de Cacia, existente desde 1941, mas que, em 1954, recebera um novo impulso, no âmbito da consolidação da indústria portuguesa de processos químicos. Já o relatório de 1957 aponta para a progressão da exportação de outros produtos, químicos, graças á instalação da SACOR em 1957, que previam um armazenamento de 22.000 m3 destinados ao abastecimento do norte e centro do país. De 1955, com um registo de 4471 toneladas, duplicou, em 1957, para 9134 toneladas, mesmo sem cais comercial e sem terraplenos para depósito de mercadorias. Este parece ser, pois, um momento de viragem estrutural no tráfego marítimo, porque em termos de tráfego fluvial, pela Ria, mantinham-se, neste ano, os mesmos valores de 1952:580.000 toneladas de mercadorias, 6000 animais vivos e 820.000 passageiros. (...) As obras desta 2ª fase do plano portuário, embora dadas a contracto de empreitada à firma de Estaleiros S.Jacinto, em 1947, só foram iniciadas em 1949 e terminadas em 1958. As razões para o atraso prendem-se com as demoras na instalação dos estaleiros e, em particular, da plataforma da montagem do Titan (guindaste Colby) de 45 toneladas. Por outro lado a grua flutuante Utto, de 100 toneladas destinada a colocar em obra blocos artificiais de betão de 30 toneladas, não era adequada ao meio envolvente, reconhecendo-se que poucos dias podia trabalhar no agitado mar de Aveiro, sendo dispensada para Portimão.”

³⁴⁸ O Primeiro de Janeiro, 1955 (nº184) p.3

³⁴⁹ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 5 de Fevereiro 1948, Livro 621, folha 43

³⁵⁰ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 5 de Fevereiro 1948, Livro 621, folha 43

³⁵¹ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 1 de Março 1948, Livro 621, folha 44

construção de hangar no Carregal, desta vila, a levar a efeito pela Associação Desportiva Ovarense.³⁵²”Tudo leva a crer que o movimento de barcos na Ria nesta altura seria muito elevado. Só assim se compreende o porquê da Associação Desportiva Ovarense se tenha predisposto a avançar com a construção do ancoradouro, em virtude dos barcos de recreio dos sócios da sua secção náutica “se acharem sujeitos às intempéries, com os naturais estragos, muitas vezes bastante vultuosos.”³⁵³

Embora a Câmara Municipal de Ovar auxiliasse a Associação Desportiva Ovarense na construção do Hangar,³⁵⁴ quem esteve na origem da sua conclusão foi o industrial de Ovar, Francisco Ramada, que financiou quase na totalidade o ancoradouro de barcos. No início de década de 50, “Francisco Ramada e trabalhadores da empresa F. Ramada,”³⁵⁵ sócios do Associação Desportiva Ovarense, fundaram o ancoradouro de barcos de recreio. O evento desportivo e turístico de enorme projecção, talvez o mais importante que ocorreu na Ria foi a realização da primeira Regata de Vela entre Aveiro – Ovar – Aveiro,³⁵⁶ nos dias 16 e 17 de Agosto de 1958, “organizada por uma comissão de Aveirenses e Ovarenses.”³⁵⁷ A Ria foi palco de uma magnífica competição desportiva, na qual “as velas brancas das embarcações, como que gaiotas evoluindo no espaço,”³⁵⁸ ofereceram um “espectáculo único surpreendente de beleza, uma espécie de bailado nas calmas águas da Ria em festa.”³⁵⁹ A comissão organizadora não se poupou a esforços para a realização da Regata, e contou com a colaboração das entidades oficiais.³⁶⁰ Um elemento muito importante que fez parte da comissão organizadora chamava-se: Bernardino Silva, e era natural de Ovar. Foi incansável para que a competição náutica decorresse com assinalável êxito. Já desde Janeiro desse ano que tudo se vinha preparando ao pormenor: foi elaborado um regulamento referente à

³⁵² Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 5 de Maio 1949, Livro 621, folha 72

³⁵³ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 2 de Junho 1949, Livro 621, folha 73

³⁵⁴ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 2 de Agosto 1951, Livro 622, folha 20

³⁵⁵ CRUZ, 2001, pp.25

³⁵⁶ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 2 de Junho 1958, Livro 624, folha 83 – “Seguidamente, foram lidas duas cartas da comissão organizadora da Primeira Regata de Vela Aveiro – Ovar, expondo pormenores de organização que dizem do valor desta prova, quer sob o ponto de vista desportivo, quer turístico. Devidamente considerados estes aspectos, foi deliberado, por unanimidade, conceder uma taça, semelhante à da Câmara Municipal de Ovar, para ser disputada com o nome desta Junta de Turismo, e ainda o subsídio de setecentos e cinquenta escudos como auxílio para as despesas de organização, correspondendo-se assim às solicitações que a este organismo forma dirigidas naquelas referidas cartas.”

³⁵⁷ João Semana, 1958 (nº2.314) p.4

³⁵⁸ Notícias de Ovar, 1958 (nº505) p.4

³⁵⁹ CRUZ, 2001, pp.25

³⁶⁰ Junta de Turismo da praia do Furadouro, Câmara Municipal de Ovar, e Capitania do Porto de Aveiro.

Regata, o Júri estava constituído, foram mandados fazer cartazes de divulgação do evento desportivo e turístico que foram distribuídos por todo o país, e mesmo além fronteiras. A comissão organizadora mandou imprimir um livro programa da Regata, no qual constavam as monografias de Aveiro, Ovar, Murto e Ihave, bem como reclamos de várias firmas destas localidades ribeirinhas. A comissão tinha já assegurada a adesão³⁶¹ do Sport Club do Porto, nas classes Andorinhas, Vougas e Snipes, e do Centro de Vela da Mocidade Portuguesa, com Sparpies e Snipes. Previa-se ainda a participação do Clube de Velas Atlântico, do Centro de Vela da Mocidade Portuguesa do Porto, e o Clube Naval Infante D. Henrique, além de vários velejadores particulares. Tudo num total de 30 embarcações de várias classes, na sua maioria de velejadores ovarenses, esperando a Comissão que outros ainda se inscrevessem. Num percurso de 60 quilómetros e em duas etapas: São Jacinto – Carregal e Carregal – Aveiro (Pirâmides), a Regata decorreu sem incidentes.³⁶² A Junta de Turismo da Praia do Furadouro registou o evento, alegando ter sido um êxito, “estando de parabéns a comissão que a constituiu.”³⁶³ O horário foi cumprido com pontualidade matemática, e o tempo foi propício aos velejadores. “Durante o percurso as populações ribeirinhas acorreram às margens da Ria, saudando os concorrentes e, à sua chegada ao Carregal, foram vivamente aclamados.”³⁶⁴ Amarrados às embarcações, seguiram os velejadores para o Furadouro onde no Hotel Mar e Sol, lhes foi servido um jantar. O repasto decorreu com grande animação, “estiveram presentes as autoridades do concelho e do distrito,”³⁶⁵ procedendo-se em seguida, “à distribuição dos prémios aos concorrentes.”³⁶⁶ Estava, assim, lançada a Ria como cartaz turístico na região de Ovar. Mercê da vontade férrea de alguns dirigentes políticos e “um rio de tinta e toneladas de papel,”³⁶⁷ finalmente dava-se a conhecer “a bela desconhecida”³⁶⁸ a Portugal inteiro.

6.1 – A LANCHAS “VAREIRINHA”

³⁶¹ Notícias de Ovar, 1958 (nº505) p.4

³⁶² LAMY, 2009^c, pp.193 – “1º Guilherme Azevedo, 2º Manuel Cunha, 3º Manuel Lopes, 4º Manuel R. de Sousa, 5º Alves Mendes.”

³⁶³ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 1 de Setembro 1958, Livro 624, folha 90

³⁶⁴ João Semana, 1958 (nº2.321) p.4

³⁶⁵ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 1 de Setembro 1958, Livro 624, folha 90

³⁶⁶ Notícias de Ovar, 1958 (nº505) p.4

³⁶⁷ Notícias de Ovar, 1953 (nº248) p.1

³⁶⁸ João Semana, 1958 (nº2.321) p.4

A Ria no início da década de 50, limitava-se a oferecer passeios aos turistas desde o Carregal até São Jacinto, nos barcos moliceiros, “nas manhãs calmas, coalhadas de luz, parecem cisnes enormes a vogar nas águas espelhadas.”³⁶⁹ Apesar da aparente beleza poética que incutia nos turistas, tornava-se obsoleta a sua utilização para fins turísticos, “e lembremo-nos de que o turista moderno é exigente, reclamando comodidade.”³⁷⁰ Os barcos moliceiros³⁷¹ não ofereciam comodidade de espécie alguma, e tinham o inconveniente de quando não soprava vento favorável demorarem imenso tempo para chegar ao ponto de destino. Não se punha em questão somente a comodidade mas o tempo de viagem não era de inferior importância. “As pessoas que vêm até nós para passar um dia bem passado, querem ver muito em pouco tempo.”³⁷² A Junta de Turismo da Praia do Furadouro viu-se na necessidade de alterar este estado de coisas, e “nesta conformidade, foi fechado contrato com o senhor Manuel Dias de Bastos, de Agro – Pardilhó, para a construção da Lancha.”³⁷³ Este contrato incluía a respectiva pintura, cadeiras e demais apetrechos, conforme contrato arquivado, pela importância de 31.000\$00, e iria ser pago em várias prestações. A construção da lancha deveria estar concluída na época balnear de 1950. Esse processo era acompanhado regularmente através de vistas “de todos os membros da Junta ao local da construção.”³⁷⁴ Resolvida que estava essa questão “tornava-se necessário adquirir o motor (...) tão breve quanto possível.”³⁷⁵ A firma escolhida foi “Kjellbergs, Sucessores Lda.”³⁷⁶ A compra do motor era efectivamente um projecto ambicioso e inovador, tendo em vista o desenvolvimento do turismo no Furadouro “não consentindo que, por falta de

³⁶⁹ Notícias de Ovar, 1951 (nº145) p.1

³⁷⁰ Notícias de Ovar, 1950 (nº115) p.2

³⁷¹ DIAS, 1971, pp. 5-8 - “O barco moliceiro nasce duma pequena vara, conhecida pela designação de pau dos pontos, que no seu metro e meio de comprimento, tem marcado todas as medidas que orientam a construção destas embarcações. Era utilizado na apanha do moliço e não só. Regulava por 15 metros de comprimento, tendo os costados muito baixos e medido de boca 2,50 metros. De fundo chato calado, navegava facilmente em pouca água de altura. Era construído de madeira de pinho e resistia, em média, doze anos ao serviço. Os meios de propulsão do barco eram: a vela, a vara, e sirga”

³⁷² Notícias de Ovar, 1950 (nº115) p.2

³⁷³ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 2 de Dezembro 1949, Livro 621, folha 82

³⁷⁴ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 2 de Março 1950, Livro 621, folha 87

³⁷⁵ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 26 de Junho 1950, Livro 621, folha 95

³⁷⁶ A sede situava-se na rua dos correiros, nº101, 3º andar em Lisboa, por ser aquela que apresentou melhor e mais vantajosa proposta para aquisição do motor: marítimo Lindasdiesel, dois cilindros, completo, com uma força efectiva de vinte e oito HP; engrenagem de inversão de marcha, motor de arranque eléctrico, hélice de trezentos e noventa milímetros de diâmetro, veio da hélice e equipamento da mesma em bronze e gerador eléctrico para a carga de baterias. O preço foi de sete mil e quatrocentas coroas suecas, em moeda portuguesa de quarenta e um mil quatrocentos e quarenta escudos, e acresceu ainda da importância de, aproximadamente, dois mil escudos para o respectivo despacho.

condições turísticas os banhistas habituais procurem outras praias.”³⁷⁷ Esta atitude da Junta de Turismo revela claramente que já existia uma relação de proximidade do turista que visitava a praia do Furadouro com a Ria, estando implícito um esforço³⁷⁸ no sentido de proporcionar as melhores e mais adequadas condições turísticas para os passeios na Ria como complemento à praia do Furadouro. A simbiose Praia – Ria evidenciava-se cada vez mais, sendo portanto, a aquisição da lancha e respectivo motor prova concludente disso mesmo.

Como a Junta de Turismo não tinha “disponibilidade em cofre,”³⁷⁹ juntaram-se alguns cidadãos owarenses e formaram uma comissão com o objectivo de efectuar o pagamento do motor na totalidade, “ficando no entanto a Junta responsável perante a mesma comissão pelo seu inteiro pagamento.”³⁸⁰

QUADRO X

| CONSTITUIÇÃO DA COMISSÃO PARA A AQUISIÇÃO DO MOTOR DA LANCHA DE TURISMO ³⁸¹ |
|--|
| Francisco de Oliveira Gomes Ramada |
| Manuel Colares Pinto |
| João da Silva Bonifácio |
| Mário da Cruz Almeida |
| Doutor Álvaro dos Santos Esperança |
| António Coentro de Sousa e Pinho |
| José Vaz de Castro Sequeira Vidal |
| Manuel de Oliveira Gomes |
| José Augusto Ferreira Malaquias |
| Manuel de Oliveira Muge |

Fontes: Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 15 de Julho 1950, Livro 621, folha 97; Notícias de Ovar, 1950 (nº115) p.2; Notícias de Ovar, 1951 (nº145) p.1

³⁷⁷ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 15 de Julho 1950, Livro 621, folha 97

³⁷⁸ Notícias de Ovar, 1951 (nº134) p.2

³⁷⁹ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 15 de Julho 1950, Livro 621, folha 97

³⁸⁰ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 15 de Julho 1950, Livro 621, folha 97

³⁸¹ Estes Senhores detinham grande poder económico na vila de Ovar. Eram Industriais muito conceituados, e alguns de cariz internacional, como era o caso de Francisco de Oliveira Gomes Ramada.

Em finais de Novembro de 1950 a lancha do turismo “flutuava airosamente nas águas da Ria,”³⁸² apesar de todos os contratemplos, a Junta de Turismo havia conseguido proporcionar um meio de transporte cómodo e mais rápido para todos os visitantes da Ria a conhecerem melhor. Foi baptizada de “Vareirinha”³⁸³ pelo povo, talvez tocado pelas linhas modernas da lancha, com 12 metros de comprimento, 2,75 de boca e 1,20 de pontal. Dispunha de cabine coberta, ampla, com cadeiras móveis, janelas envidraçadas para resguardo do Sol da chuva e nem lhe faltava a w.c.

A Junta de Turismo não se poupava a esforços no sentido de promover “o maior número de passeios na sua confortável lancha motorizada.”³⁸⁴ O critério estabelecido em termos de itinerário na época balnear era o seguinte: partida no cais às 09 horas do Carregal com destino a São Jacinto, “visitando-se no regresso, como habitualmente, a praia da Torreira.”³⁸⁵ A chegada de regresso ao Carregal em Ovar, dava-se pelas 19:30.

“Também para satisfazer os desejos de numerosos desportistas desta vila,”³⁸⁶ a Junta de Turismo organizava excursões na lancha “Vareirinha” até Aveiro, por ocasião de encontros de futebol para o campeonato distrital, da Associação Desportista Ovarense. O preço desta inscrição era de 20\$00 ida e volta.

Os preços praticados pela Junta de Turismo para a exploração da lancha, “serão acessíveis para que todos, ricos e pobres, se possam utilizar dos seus serviços.”³⁸⁷ De qualquer modo, os passeios não estavam limitados aos itinerários previamente estabelecidos, “efectuam-se a qualquer ponto da Ria, desde que haja inscrições para o efeito.”³⁸⁸ E assim sucessivamente a lancha foi prestando um serviço público

³⁸² Notícias de Ovar, 1950 (nº115) p.2

³⁸³ Informação prestada por José Maria Fernandes da Graça (ex. funcionário da Junta de Turismo da praia do Furadouro)

³⁸⁴ Notícias de Ovar, 1951, (nº159) p.2

³⁸⁵ Notícias de Ovar, 1951, (nº159) p.2

³⁸⁶ Notícias de Ovar, 1951, (nº159) p.2

³⁸⁷ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 5 de Maio 1951, Livro 622, folha 15 – “Esses preços serão em regime de aluguer, do Carregal à Torreira, cento e oitenta escudos; do Carregal a São Jacinto, duzentos e quarenta escudos; do Carregal a Aveiro, trezentos e trinta escudos e do Carregal à Costa Nova, quinhentos escudos, dispondo, quem a lancha fretar, de respectivamente para as várias localidades, seis, nove, doze e quinze horas, incluindo o tempo de marcha. Ficou estabelecido, ainda, que os domingos da época balnear serão reservados para a Junta de Turismo, que organizará várias excursões livres, sendo os preços por pessoa, de: doze, dezasseis, vinte e dois e trinta escudos, respectivamente, para a Torreira, São Jacinto, Aveiro e Costa Nova. Assentou-se, ainda, que qualquer hora de marcha extra de trabalho do motor custará sessenta escudos e que cada hora de espera extra custará vinte e cinco escudos.”

³⁸⁸ Notícias de Ovar, 1951, (nº134) p.2

considerável, não só pelo projecto que se tornou realidade, “mas indubitavelmente, um grande melhoramento para o desenvolvimento turístico da região.”³⁸⁹

6.2 – PRAIA DO AREINHO

A Ria começou a ser muito procurada pelos desportistas náuticos e não só, porque muitos dos banhistas que até então passavam o seu tempo de ócio na praia do Furadouro, optaram por incluir algum desse período no Areinho.³⁹⁰ “Um dia passado, no Areinho é (...) repleto de sensações, eufórico e inolvidável!”³⁹¹ O despertar da realidade turística na zona do Areinho pelas autoridades responsáveis pelo turismo em Ovar “revelava que a Ria era mais um motivo de atracção em Ovar”.³⁹² Em 1956 a Junta de Turismo atenta ao crescente interesse das banhistas pela Ria e em especial pelo Areinho, encetou diligências para a compra do terreno desse local aprazível. O proprietário pedia “cinquenta mil escudos,”³⁹³ quantia demasiado elevada para as reduzidas possibilidades da Junta.

No ano seguinte através do Dr. José Augusto Carvalho da Silva,³⁹⁴ a mesma Junta propôs uma oferta de compra no valor de “vinte e cinco mil escudos,”³⁹⁵ prontamente recusada pelos proprietários. Em 1958 foi proposto novo valor, cujo montante era de “vinte e sete mil escudos (...) proposta esta que foi aceite pelos proprietários.”³⁹⁶ Valeu a insistência no negócio por parte da Junta de Turismo, “congratulado-se os presentes por todas as diligências terem sido coroadas de êxito.”³⁹⁷ Realizada a escritura,³⁹⁸ seguiu-se a abertura do concurso de obras para a

³⁸⁹ Notícias de Ovar, 1950 (nº115) p.2

³⁹⁰ Local da Ria situado no Torrão do Lameiro, (também conhecido por freguesia da terra negra) com uma reentrância acentuada de considerável areal, (conhecido como praia do Areinho) o que possibilitava aos banhistas banharem-se nas calmas águas da Ria, assim como havia condições de maior segurança para as crianças brincarem junto à água, dado não existir ondulação.

³⁹¹ PENICHEIRO e GRAÇA, 1959, pp.61

³⁹² O Comércio do Porto, 1960 (nº201) p.3

³⁹³ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 3 de Setembro 1956, Livro 624, folha 16

³⁹⁴ Advogado contratado pela Junta de Turismo da praia do Furadouro.

³⁹⁵ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 11 de Dezembro 1957, Livro 624, folha 67

³⁹⁶ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 2 de Junho 1958, Livro 624, folha 83

³⁹⁷ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 2 de Junho 1958, Livro 624, folha 83

³⁹⁸ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 1 Setembro 1958, Livro 624, folha 90 - A Escritura relativa à aquisição do Areinho realizou-se no dia 1 de Setembro de 1958 “nesta Vila de Ovar na sala de reuniões desta Junta”

construção de uma “Praia artificial na margem da Ria.”³⁹⁹ Das 4 propostas apresentadas foi deliberado entregar a execução das obras a “Joaquim Pereira,”⁴⁰⁰ residente em Válega, visto ter apresentado o valor de empreitada mais baixo, 69.000\$00.

Estava lançado o projecto de valorização do Areinho da autoria do Engenheiro Luís Vítor de Azevedo Félix.⁴⁰¹ Em menos de um ano as obras estavam concluídas, um pequeno terreno procurado por muitos banhistas, tornou-se uma “magnífica praia no velho Areinho,”⁴⁰² com infra-estruturas da boa qualidade, como: Chuveiros de água doce, um bar para comodidade de todos os banhistas e um aprazível areal, “oferecia ao visitante tudo o que ele podia desejar para sua comodidade e conforto.”⁴⁰³

O Furadouro em conjunto com o pequeno “oásis na Ria⁴⁰⁴” chamado Areinho, constituíam mais um motivo de atracção aos banhistas dos concelhos limítrofes.

7 – CARNAVAL DE OVAR

O Carnaval é uma festividade popular colectiva,⁴⁰⁵ apesar de cíclica nunca se repetiu totalmente,⁴⁰⁶ cada ano trazia novo traje e novas máscaras que faziam emergir a sátira social. Para Daniel Fabre, o Carnaval fornece a ocasião para o sociodrama mais actual. É uma altura em que emerge e se instala a “contra-hierarquia”, reflecte a inversão dos valores,⁴⁰⁷ a crítica social reveste-se de ironia plena roçando o burlesco. Rio de Janeiro, Veneza, Munique, Roma, Colónia, e Nice, são as cidades da Europa onde o “Carnaval veio a adquirir mais fama.”⁴⁰⁸ Em Ovar após 1945, o Carnaval⁴⁰⁹ que até

³⁹⁹ Notícias de Ovar, 1959 (nº546) p. 3 – “A base de licitação é de 48.670\$00. As propostas deverão ser entregues a partir de 16 de Fevereiro pelo prazo de 20 dias, na Secretaria da Junta de Turismo da praia do Furadouro, em carta fechada e lacrada.

⁴⁰⁰ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 4 de Maio 1959, Livro 625, folha 15

⁴⁰¹ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 16 de Fevereiro 1959, Livro 625, folha 5 – Engenheiro contratado pela Junta de Turismo que elaborou o projecto para a construção da praia do Areinho.

⁴⁰² O Comércio do Porto, 1960 (nº201) p.3

⁴⁰³ O Comércio do Porto, 1960 (nº201) p.3

⁴⁰⁴ Notícias de Ovar, 1959 (nº546) p. 3

⁴⁰⁵ AGÊNCIA ECCLESIA (Agência de notícias da Igreja Católica em Portugal – 2010)

⁴⁰⁶ RIBEIRO, FERREIRA, 2009, pp.3

⁴⁰⁷ FABRE, 1976, pp.68-75

⁴⁰⁸ O Primeiro de Janeiro, Outubro, 1976

⁴⁰⁹ Revista Terras da nossa terra, 1986, pp.15 – “As origens do carnaval remontam a crenças muito antigas de carácter religioso que, posteriormente, já na época histórica, deram lugar às cerimónias festivas como as consagradas aos Deuses Saturno, em Roma, e Dionísio na Grécia, ou á Deusa Ísis, no Egipto. Após o advento do Cristianismo, o significado profundo e a mágica destas festividades perdeu-se progressivamente, mas as suas práticas subsistiram, aparecendo, então ligadas ao período que antecede a austeridade imposta pela Quaresma – período que decorre do domingo da quinquagésima à terça-feira gorda.”

então se caracterizava por grupos dispersos de mascarados, antes da Quaresma nas tardes de domingo gordo e da terça-feira magra, começou a organizar-se através de grupos de amigos e conhecidos nos bairros da vila de forma a existir maior força de diversão.⁴¹⁰ Em primeiro lugar a vergonha era mais fácil de se perder, depois porque o número aumentava a força. Não tardou muito que o bairrismo começasse a espicaçar as ideias.⁴¹¹ Surgiram os carros dos bairros “e a fama do Carnaval de Ovar correu célere.”⁴¹² As ruas do centro da vila enchiam-se de gente no domingo gordo e na terça-feira seguinte. As belas vareiras, em cima de coloridas carroçarias de camionetas de carga, atiravam confetis e serpentinas a toda a gente, “mostravam a perna até ao joelho,”⁴¹³ o que provocou alguns reparos do pároco local.⁴¹⁴ A assistência pulava, esticava os braços, atirava beijos, dizia piropos, devolvia serpentinas e “olhares tépidos.”⁴¹⁵ As músicas cruzavam-se no ar e eram marchas e marchinhas, rumbas, sambas e passo-dobles e não “havia nem vedações nem policias... nem bilhetes de entrada.”⁴¹⁶ No fim da festa era nuvens de vários pós, do carvão ao ocre,⁴¹⁷ do cré á serradura e nada ficava como era,⁴¹⁸ por onde passavam os “guerreiros” tudo se confundia com caos e pó. Dos camiões rolando, derrapando, na mais completa desordem, e apanhando alguns incautos mais distraídos, espalhavam pós de várias cores deixando “passeios, canteiros, janelas e portas parcialmente irreconhecíveis.”⁴¹⁹

Chega-se à década de 50. A farra já não era só ao domingo e terça-feira, ao sábado à noite já se dançava oficialmente e à segunda-feira, pelo menos à tarde, era incluída, por força das circunstâncias, isto porque muitos trabalhavam durante a manhã. Assim era o calendário folião de centenas de famílias ovaenses.⁴²⁰

⁴¹⁰ FERNANDES, ROCHA, RODRIGUES, 1993, pp.15

⁴¹¹ As rivalidades entre Arruela e Campos, entre Alto de Saboga e Praça, entre Ponte Nova e S.Miguel, entre Olaria e Outeiro – Mota.

⁴¹² FERNANDES, ROCHA, RODRIGUES, 1993, pp.15

⁴¹³ FERNANDES, ROCHA, RODRIGUES, 1993, pp.15

⁴¹⁴ João Semana, 1954, (nº2083) p.2 – “afirmando que o povo precisa de diversões honestas, (...) porque pode divertir-se sem ofender a Deus.”

⁴¹⁵ FERNANDES, ROCHA, RODRIGUES, 1993, pp.15

⁴¹⁶ João Semana, 1954, (nº2084) p.3

⁴¹⁷ Notícias de Ovar, 1954 (nº179) p.1

⁴¹⁸ O Carnaval sujo que já se praticava há muitos anos em Ovar, acontecia depois dos carros dos bairros desfilarem. Durante mais de 60 minutos, isto é, entre dois toques da sirene dos bombeiros, instalava-se no centro da vila a mais completa, nevoenta e barulhenta anarquia.

⁴¹⁹ FERNANDES, ROCHA, RODRIGUES, 1993, pp.15

⁴²⁰ Muito provavelmente devido ao horário de trabalho ou outros trabalhos agrícolas que eram necessários efectuar.

Em 1952 acontece o primeiro carnaval organizado,⁴²¹ mercê dos esforços da Junta de Turismo da praia do Furadouro e da Câmara Municipal de Ovar,⁴²² foi um cortejo carnavalesco onde participaram todos os bairros da vila, com os seus carros devidamente apetrechados e enfeitados, todos “briosos das suas tradições.”⁴²³ A organização aludia a outros cortejos como ponto de partida para o êxito que seria realizar também um em Ovar, porque não era desconhecido de ninguém o que idênticos eventos “representavam em Loulé e Torres Vedras. (...) Não seria essa uma forma de fazer turismo?”⁴²⁴

Esse ano ficou marcado como sendo um verdadeiro sucesso, “não podia ter sido mais animado, o Carnaval em Ovar,”⁴²⁵ foi um movimento verdadeiramente extraordinário, nos bailes dançou-se animadamente até altas horas da madrugada e com os salões repletos de gente. Nas ruas, a animação que se manifestava desde algumas semanas, “atingiu o auge na terça-feira de Carnaval,”⁴²⁶ no largo Soares Pinto, à beira do chafariz do Neptuno, “viu-se Carnaval como nunca se tinha visto.”⁴²⁷

Ovar assistia pela primeira vez à maior concentração de pessoas vindas de outras terras, “a maior multidão até hoje vista na nossa terra.”⁴²⁸ O primeiro cortejo carnavalesco⁴²⁹ atraiu a Ovar milhares de pessoas,⁴³⁰ constituiu um verdadeiro delírio para a pacata vila que apesar de tudo não estava habituada a tamanha enchente de folia.

⁴²¹ Os precursores do Carnaval organizado em Ovar Foram: José Maria Fernandes da Graça, Aníbal Emanuel da Costa Rebelo e José Alves Torres Pereira, sendo o primeiro funcionário da Junta de Turismo da praia do Furadouro e os outros funcionários da firma F. Ramada.

⁴²² Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 6 de Março 1952, Livro 622, folha 35 – “Foi lida uma carta da Comissão que levou a efeito a realização do cortejo carnavalesco, nesta vila. Essa Comissão diz, que devido às grandes despesas de organização, que excederam bastante o cálculo que tinha feito antes da sua realização, está a braços com um deficit, esperando que o mesmo seja coberto pela Junta de Turismo e Câmara Municipal. Deliberou-se conceder um subsídio reforço de mil escudos.”

⁴²³ Notícias de Ovar, 1952, (nº179) p.1

⁴²⁴ Notícias de Ovar, 1952, (nº179) p.1

⁴²⁵ Notícias de Ovar, 1952, (nº181) p.1 - 2

⁴²⁶ Notícias de Ovar, 1952, (nº181) p.1 – 2

⁴²⁷ Revista Reis, 1985, nº 19, pp. 6

⁴²⁸ Notícias de Ovar, 1952, (nº181) p.1 - 2

⁴²⁹ O percurso do cortejo carnavalesco iniciou-se em S.Miguel, Ruas Visconde de Ovar, Coronel Galhardo, Elias Garcia, Alexandre Herculano até à junção com José Falcão. Alguns carros seguiram em direcção à Ponte Nova, entrando na Rua dos Santos Mártires até à casa Delmar voltando para o cruzamento e regressando pela rua 12 de Fevereiro, seguindo depois pela rua José Falcão juntamente com os que aí haviam ficado. Seguidamente percorreram a ruas Manuel Arala, Júlio Dinis, Marquês de Pombal, Praça da República, 31 de Janeiro, largo de S.Tomé, largo Família Soares Pinto onde o cortejo dispersou.

⁴³⁰ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 6 de Março 1952, Livro 622, folha 35 – “A realização do cortejo carnavalesco atraiu a esta vila um número tal de forasteiros como não há memória.”

O Carnaval de Ovar a partir daqui ficou conhecido como sendo a festa nº 1 na vila,⁴³¹ algo que transcendia para lá de Ovar.

No carnaval de 1956 aconteceu um episódio que, causou certa sensação. Era uso todos os anos aparecer uma ou outra máscara parecida ou semelhante a alguma pessoa local ou nacional que por qualquer motivo desse razão à crítica. Ora nesse ano, cerca de uns quinze ou vinte dias antes do domingo gordo, á noite, começou a aparecer no café Progresso, a fim de tomar um café, um casal mascarado, em tudo parecido com um casal de razoável nomeada e residente em Ovar, constituído pelo Dr. Vicente de Pinho, director da empresa F.Ramada, e Dr^a Eduarda, sua esposa. Assim foram passando algumas noites, “até que o assunto foi dando nas vistas, começando a aparecer os “mirones”, que enchiam por completo a sala do café.”⁴³²As máscaras usadas pelo casal, fez com que as pessoas aparentemente atingidas, se sentissem ofendidas e ridicularizadas, pese embora o facto dos mascarados refutarem qualquer intenção de ridicularizar fosse quem fosse.

A Comissão embora contrariada, acabou por eleger este casal mascarado como a piada mais brilhante do Carnaval de 1956, atribuindo-lhe a 1º lugar.

No final da década de 50 a imprensa nacional de grande tiragem já “confundia” o futebol⁴³³ com o Carnaval ovariense, isso traduzia o impacto social que a festa do Carnaval foi adquirindo ao longo dos anos na vila.

7.1 – UMA VISITA AOS FENIANOS PORTUENSES

O Clube dos Fenianos Portuenses aquando da comemoração das suas bodas de ouro, que se iriam realizar no dia 2 de Março de 1954, convidou através de missiva enviada ao Presidente de Câmara Municipal, que a vila de Ovar se fizesse representar no Porto, com alguns carros alegóricos que tinham figurado no Carnaval ovariense, a fim de participar na referida festa, pois seria “um acto de colaboração valiosíssimo.”⁴³⁴O Clube Fenianos Portuenses, “enquanto sociedade carnavalesca, foi o responsável pela organização dos principais corsos realizados no Porto da primeira década do século

⁴³¹ Revista Reis, 1985, nº 19, pp. 6

⁴³² Revista Reis, 2007, nº 41, pp. 49

⁴³³ Comércio do Porto, 1960, (nº333) p.6 – “Num jogo de muito interesse para o campeonato regional de Juniores, no qual se decidia o primeiro lugar da série B, precisamente entre as duas equipas que melhores provas estavam a dar, Ovariense e Águeda, terminou com triunfo da equipa da casa. No final do encontro vibrando com a vitória da Ovariense, “ensaaiou-se” até, um simulacro do Carnaval de Ovar.”

⁴³⁴ Notícias de Ovar, 1954, (nº280) p.1

XX,⁴³⁵ Esta entidade tinha larga experiência na organização de cursos carnavalescos no Porto, tendo sido bastante enaltecido pela imprensa como a entidade que conseguiu o “fim de um Carnaval qualificado de moribundo pelo nascimento do Carnaval Civilizado ou Moderno.”⁴³⁶

O então Presidente da Câmara Municipal de Ovar, António Coentro de Pinho, aproveitando o convite do Clube Fenianos a que prontamente acedeu, retribuiu o convite para também uma representação ser incluído no cortejo “que levaremos a efeito no domingo Gordo.”⁴³⁷ Esperava-se então uma “parada brilhante no domingo gordo em Ovar”⁴³⁸ com a honrosa presença dos Fenianos no cortejo carnavalesco owarenses. A tarde de domingo gordo de 1954, “apesar de o dia ter surgido com aguaceiros, apresentou-se amena e esplendorosa,”⁴³⁹ tendo a vila “regurgitado de visitantes,”⁴⁴⁰ e o cortejo decorreu com “arte, graça, e ordem.”⁴⁴¹ O domingo gordo excedeu todas as expectativas, toda a imprensa nortenha elogiou a organização do Carnaval de Ovar, os jornais: Primeiro de Janeiro e Jornal de Notícias, estavam entre os que mais desatacavam “o cortejo sempre animado num ambiente de exuberante alegria.”⁴⁴² Os últimos carros constituíam a representação do Clube Fenianos Portuenses. Um deles com uma alegoria oriental tinha aspectos exuberantes da exótica Arábia, “com portentosos sultões e atraentes odaliscas que escondiam o rosto sob um espesso véu.”⁴⁴³ O outro era constituído por numeroso grupo “de crianças fantasiadas com trajos ricos de colorido.”⁴⁴⁴

No terça-feira seguinte no Porto, foi espectáculo deslumbrante de cor, de alegria e movimento, o grandioso cortejo do Entrudo, organizado pelo Clube Fenianos Portuense. “O Porto raras vezes terá tido tão extraordinária animação.”⁴⁴⁵ Afluíram à cidade muitos milhares de pessoas do concelho e de várias terras do país, as vagas nos parques habituais ou para o efeito autorizados, dificilmente se arranjavam. Muitas centenas de carros tiveram de ficar a alguns quilómetros da cidade.

⁴³⁵ BRITO, 2003, pp.97

⁴³⁶ BRITO, 2003, pp.97

⁴³⁷ Notícias de Ovar, 1954, (nº280), (nº281) p.1

⁴³⁸ João Semana, 1954, (n 2082), p.4

⁴³⁹ João Semana, 1954, (n 2087), p.4

⁴⁴⁰ João Semana, 1954, (n 2087), p.4

⁴⁴¹ FERNANDES, ROCHA, RODRIGUES, 1993, pp.15

⁴⁴² Notícias de Ovar, 1954, (nº287), p.4

⁴⁴³ Notícias de Ovar, 1954, (nº287), p.4

⁴⁴⁴ Notícias de Ovar, 1954, (nº287), p.4 - 5

⁴⁴⁵ O Século, 1954, (nº25.833) p. 5

Desde o Palácio de Cristal, onde se organizou o cortejo, até ao desfile pelas ruas do Porto numa extensão de 7.400 metros terminando no Carmo onde dispersou, “passeios, janelas e telhados eram apenas uma massa uniforme de pessoas.”⁴⁴⁶ Os representantes de Ovar foram os terceiros a desfilar, “com uma dezena de carros alusivos às actividades da região vareira, nos quais se notavam bonitas moças ovaenses com trajas regionais.”⁴⁴⁷ O cortejo levou quatro horas a fazer o percurso.

8 – ORDEM DOS TERCEIROS

A fundação da Ordem Terceira em Ovar data de 3 de Dezembro de 1660,⁴⁴⁸ que um ano antes após ter vindo pregar na igreja matriz de Ovar uma missão da Ordem dos Frades Menores, do Convento do Porto, teve como génese a milícia franciscana de Ovar. Escolheram desde logo para seu patrono S. Luís, Rei de França. As Irmãs da Ordem Terceira de Ovar acolhem-se sob o manto protector de Santa Isabel de Hungria, prima do Rei canonizado S. Luís.⁴⁴⁹ Assentaram ainda, adquirir as imagens de S. Francisco e de S. Luís. A imagem de S. Francisco na década de 50 do Século XX mantinha-se na casa da Ordem⁴⁵⁰ com a sua pintura primitiva. A Ordem Terceira tinha a seu cargo obrigações⁴⁵¹ das quais era inteiramente responsável.

Da ordem Terceira inicialmente faziam parte as pessoas mais distintas da vila. “Magistrados, cirurgiões, advogados e clérigos”⁴⁵² A Ordem Terceira de Ovar foi árvore frondosa e bem enraizada. Foi tanto e tão grande o amor do povo de Ovar pela Ordem

⁴⁴⁶ O Século, 1954, (nº25.833) p. 5

⁴⁴⁷ O Século, 1954, (nº25.833) p. 5

⁴⁴⁸ COSTA, 1967, pp.21

⁴⁴⁹ COSTA, 1967, pp.21

⁴⁵⁰ Quando a Ordem se fundou já tinha a sua casa destinada – a capela de Nossa Senhora da Graça sita em Ovar. Em 1660, foi demolida a primitiva capela da Graça. Os seis anos precisos para a construção do novo templo, foram de espera para a Ordem se fixar no santuário da virgem e ali ficar permanentemente.

⁴⁵¹ COSTA, 1967, pp.33 – 1º - Festa patronal do dia 4 de Outubro ou domingo seguinte; 2º-Procissão das Cinzas, no 2º domingo quaresmal; 3º- Procissão do Ecce-Homo, em quinta-feira Santa, denominada de Terro-Terro; 4º - Via-Sacra em sexta-feira Santa; 5º- Promover o mês de Maria; 6º-Recitação do Rosário no mês de Outubro; 7º-Preces e procissão de penitência por ocasião de calamidades públicas; 8º-Sufragar as almas dos irmãos falecidos com a celebração de uma missa em particular; 9º-Acompanhar os irmãos falecidos à sepultura; 10º-Mandar celebrar na primeira segunda-feira do mês uma missa pelas intenções dos irmãos vivos e falecidos e ainda pelos benfeitores da Ordem. Esta missa era outrora chamada missa da Rassoura ou Rasoura Tinha esta designação porque queria dizer medida, e no plano espiritual significava pedir absolvição dos pecados dos irmãos e benfeitores da Ordem Terceira, vivos e mortos, ricos ou pobres em igual medida.

⁴⁵² Boletim da Casa do Concelho de Ovar, 1958, (nº39) p. 1

Terceira que para sempre ficou a marca indelével do velho adágio: “Não é bom vareiro quem não é terceiro.”⁴⁵³

8.1 – PROCISSÃO DOS TERCEIROS

A Quaresma⁴⁵⁴ em Ovar nas décadas de 40 e 50 do século XX era sinónimo de procissões quaresmais, uma tradição que provinha do século XVII, tendo como primeira, a denominada Procissão dos Terceiros.

A Procissão dos Terceiros, também conhecida por procissão das cinzas era promovida pela Ordem Terceira de Ovar, “motivo porque se intitulava dos terceiros,”⁴⁵⁵ Era anterior a 1672, não “devendo fugir muito à data da fundação da Ordem.”⁴⁵⁶ Nela se incorporavam 14 andores de santos da ordem,⁴⁵⁷ “primorosamente ornamentados,”⁴⁵⁸ que só apareciam a público nesse dia. Esta procissão era “a única que se realizava no país anualmente,”⁴⁵⁹ Nesta procissão incorporavam-se todos os irmãos Terceiros, que eram em grande número, e só estes. “Todos possuíam o seu hábito que era também a sua mortalha.”⁴⁶⁰ A procissão saía da igreja matriz após sermão e Miserere.⁴⁶¹ Era imponentíssima com a beleza das imagens e o gosto que as zeladoras⁴⁶² punham no arranjo e adorno dos seus andores. “Uma mancha de cor que não

⁴⁵³ COSTA, 1967, pp.22

⁴⁵⁴ BARROS, 2007, pp. 71 – “O termo Quaresma deriva do latim quadragésima dies, ou seja, quadragésimo dia. É o período do ano litúrgico que dura 40 dias: começa na quarta-feira de cinzas e termina na missa in Coena Domini, sem incluí-la; o 6º domingo, que dá início à semana santa, é chamado “Domingo de Ramos, de passione Domini.” Desse modo, reduzindo o tempo de passione aos quatro dias que precedem a Páscoa, a semana santa conclui a Quaresma e tem como finalidade a veneração da paixão de Cristo a partir da sua entrada messiânica em Jerusalém.

⁴⁵⁵ João Semana, 1960 (Nº2402) p.4

⁴⁵⁶ PINTO, 2008, pp.2

⁴⁵⁷ No ano de 1960, saiu pela primeira vez o andor de S. Roque, perfazendo o total de 14 andores, que a partir dessa data faziam parte da procissão.

⁴⁵⁸ Voz Portucalense, 2010, (nº 8) p.6 – “eram 14 os andores que se incorporavam na procissão: 1 – Nª Sr.ª da Conceição, precedida da cruz da Ordem e do pendão “Penitência”; 2 - S. Lúcio e Santa Bona (os Bem casados); 3 – Santa Rosa de Viterbo; 4 – S. Francisco lançado às silvas; 5 – Santa Margarida de Cortona; 6 – Santo Ivo; 7 – S. Roque; 8 – Santa Isabel da Hungria; 9 – S. Luís, Rei de França; 10 – Santa Isabel de Portugal; 11 – S. António; 12 – Santa Clara; 13 – S. Francisco a Cristo; 14 – S. Francisco recebendo as Chagas no Monte Alverne.”

⁴⁵⁹ PINTO, 2008, pp.2

⁴⁶⁰ Boletim da Casa do Concelho de Ovar, 1958, (nº39) p. 1

⁴⁶¹ Na Igreja Católica, o salmo 51 é popularmente conhecido como o **Miserere**, o mais belo e profundo dos salmos penitenciais.

⁴⁶² As irmãs da Ordem Terceira que tinham como função adornarem ou enfeitar os andores.

tinha paralelo de cor com qualquer outro do país,⁴⁶³ um exemplo mudo mas significativo e transcendente.⁴⁶⁴

Abria com o grande pendão da Ordem onde se lia a legenda “Penitência” e que era conduzido por homem valente e de força. A essa missão só se aventuravam homens de pulso, recrutados geralmente entre os homens do mar,⁴⁶⁵ tarefa muito dura em tardes ventosas. Sucediã-se os andores, à frente de todos ia o da Nossa Senhora da Conceição. À frente do Pálio seguia o Definitório da Ordem, empunhando as respectivas varas, e atrás a Câmara Municipal com o seu estandarte, a magistratura e entidades oficiais. “Numa marcha cadenciada, ao som de uma marcha fúnebre,⁴⁶⁶ seguia a tão “afamada procissão de penitência,⁴⁶⁷ atravessava as ruas da vila, “despidas de quaisquer atavios,⁴⁶⁸ no meio de um silêncio religioso, aliado ao número de imagens e ainda o de anjos portadores de insígnias e símbolos tornavam a procissão a mais imponente de quantas se realizavam em Ovar. “A tudo isto assistiam largas centenas de forasteiros,⁴⁶⁹ mergulhados na mesma crença levavam indeléveis recordações da vila de Ovar para as suas terras de origem.

8.2 – AS CAPELAS DOS PASSOS

As Capelas dos Passos estavam dispersas pela vila e só duas vezes por ano abriam ao público, no dia da procissão e na quinta-feira Santa, à noite. Eram sete capelas,⁴⁷⁰ contando com a do Senhor dos Passos, erecta na igreja matriz. “São todas dignas de admiração e únicas, no género na Península.⁴⁷¹ Na do Calvário, podia-se admirar uma imagem de Cristo crucificado que era uma obra-prima de escultura, e considerada pelos especialistas nacionais e estrangeiros em 1958, “como uma das

⁴⁶³ Boletim da Casa do Concelho de Ovar, 1958, (nº39) p. 1

⁴⁶⁴ PINTO, 2008, pp.2

⁴⁶⁵ António, Joaquim Valente, Serra e Sérgio Polónia, eram os arrais que geralmente levavam o pendão na procissões que se realizaram durante toda a década de 50 do século XX.

⁴⁶⁶ Boletim da Casa do Concelho de Ovar, 1958, (nº39) p. 12

⁴⁶⁷ João Semana, 1957 (nº2247) p.4

⁴⁶⁸ Boletim da Casa do Concelho de Ovar, 1958, (nº39) p. 12

⁴⁶⁹ João Semana, 1954, (nº2089) p.3

⁴⁷⁰ LAMY, 2009^c, pp. 29 – 30 – Passo da igreja ou do pretório (Jesus toma a cruz); Passo do horto (primeira queda de Cristo); Passo do encontro com a mãe; Passo do cruzeiro de Santo António (Simão, o Cireneu, ajuda a levar a cruz); Passo da Praça ou da Verónica; Passo de São Tomé ou das filhas de Jerusalém; e Passo do Calvário, também conhecido por capela de São Pedro.

⁴⁷¹ Boletim da Casa do Concelho de Ovar, 1958, (nº39) p. 12

primeiras da Europa.”⁴⁷² A construção das Capelas, data dos meados do século XVIII, e em “1949 foram consideradas imóveis de interesse público.”⁴⁷³ A Câmara Municipal de Ovar, regozijava-se com a distinção por parte do Governo, por ver sancionado por despacho do ministro da Educação Nacional, o “desejo de ver definitivamente acautelada talvez a maior riqueza do nosso património de arte.”⁴⁷⁴ As Capelas dos Passos, “as lindas capelas únicas no país;”⁴⁷⁵ “eram talvez o motivo artístico que o forasteiro mais identificava a vila,”⁴⁷⁶ muito pela singularidade das pinturas como forma da decoração mural. As seis Capelas, excluindo a primeira ao fundo da nave da Igreja Matriz, junto ao arco triunfal, do lado do Evangelho, distribuíam-se pela vila, marcando as várias paragens das procissões da época Pascal. Abertas as portas de todas as capelas, era possível ver em cada uma “uma pequena nave de abóbada de berço com altar ao fundo, a toda a largura.”⁴⁷⁷ A composição da talha dourada e policromada do altar envolvia a abertura para um palco em anfiteatro, onde se expunham um conjunto de “esculturas em madeira alusivas ao momento que dá nome ao Passo.”⁴⁷⁸ Servindo de cenário a este conjunto escultórico, uma pintura mural de “paisagem sobre a parede semicircular, onde se misturavam ciprestes e palmeiras por vezes com elementos arquitectónicos,”⁴⁷⁹ concluía no seu todo a beleza interior da Capelas.

Rezava-se missa nas Capelas, não obstante existir em todos os Passos altar com capacidade para nele se dizer missa, “somente se realizava o santo sacrifício nos dos Calvário, da Igreja e da Praça.”⁴⁸⁰ No entanto as Capelas dos passos eram pouco conhecidas do público, porque à entrada da vila os turistas não encontravam qualquer placa de informação, dando conta da existência e localização dos monumentos. “As Capelas dos Passos não devem estar escondidas dos turistas.”⁴⁸¹ O Diário Popular,⁴⁸² sugeria que as Capelas dos Passos dada a sua importância deveriam ser classificadas de monumento nacional.

⁴⁷² Boletim da Casa do Concelho de Ovar, 1958, (nº39) p. 12

⁴⁷³ Notícias de Ovar, 1949, (nº28) p. 2

⁴⁷⁴ Notícias de Ovar, 1949, (nº28) p. 2

⁴⁷⁵ João Semana, 1957, (nº2249) p.3

⁴⁷⁶ CAETANO, COTOVIO, PESTANA, 2001, pp.19

⁴⁷⁷ CAETANO, COTOVIO, PESTANA, 2001, pp.19

⁴⁷⁸ CAETANO, COTOVIO, PESTANA, 2001, pp.19

⁴⁷⁹ CAETANO, COTOVIO, PESTANA, 2001, pp.20

⁴⁸⁰ LÍRIO, 2007, pp.51

⁴⁸¹ Notícias de Ovar, 1952, (nº200) p.3

⁴⁸² Diário Popular, 25 de Junho de 1952

8.3 – PROCISSÃO DOS PASSOS

A procissão dos Passos atraía a Ovar forasteiros cuja presença “foi sempre notável, e por toda a parte se espalhou a fama de grandiosa, desta festividade.”⁴⁸³ Na década de 40 era o maior cartaz de Ovar, somente suplantado pela procissão dos Terceiros anos mais tarde. Era de facto um acontecimento religioso que costumava atrair à vila de Ovar milhares de forasteiros, que dali retiravam com a melhor das impressões, “não só por admirarem a grandiosidade da procissão, como por apreciar a beleza e a arte da capelas dos Passos.”⁴⁸⁴ A pacatez da vila era interrompida no dia da procissão durante a manhã, pela chegada dos forasteiros que se “contavam por alguns milhares.”⁴⁸⁵ Todas as casas de pasto, restaurantes e cafés enchiam completamente, significando uma grande ajuda ao comércio local que “muito ansiava por este dia.”⁴⁸⁶

Sem ter a grandeza e imponência da dos Terceiros, pois os andores que nela tomavam parte eram apenas dois, tinha todavia majestade e inspirava aos fiéis maior piedade.⁴⁸⁷ Os andores do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora eram de enorme valor material, assim como os paramentos⁴⁸⁸ e alfaias religiosas que tomavam parte na procissão. A antiguidade da Procissão “corre parêlas com a dos Terceiros,”⁴⁸⁹ senão talvez mais antiga. A procissão saía da Igreja Matriz após o sermão do Pretório⁴⁹⁰ e Miserere, percorria todos os Passos, recolhendo no Passo do Calvário.⁴⁹¹

O préstito⁴⁹², era majestoso, incorporava-se nele tudo o que mais distinto havia na vila,⁴⁹³ abria com um grande e pesado pendão de gorgorão⁴⁹⁴ de seda roxa, franjada

⁴⁸³ LÍRIO, 2007, pp.28

⁴⁸⁴ Notícias de Ovar, 1949 (nº 28) p.1

⁴⁸⁵ Notícias de Ovar, 1949, (nº 29) p.2; João Semana, 1954 (nº2091) p.3; João Semana, 1955 (nº2141) p.4

⁴⁸⁶ Notícias de Ovar, 1949, (nº 29) p.2

⁴⁸⁷ Voz Portucalense, 2010, (nº8) p.6 – Esta procissão era organizada pela irmandade dos Passos que competia ainda realizar a procissão do “Ecce Hommo” na noite de quinta-feira Santa, após a celebração da ceia do Senhor.

⁴⁸⁸ COSTA, 2010, pp. 29 – “Entende-se por paramentos ou paramentaria o conjunto de elementos do património móvel pertencente ao grupo dos têxteis religiosos, não apenas os que o sacerdote enverga durante as diversas celebrações do culto – casulas, dalmáticas, estolas, manípulos, capas de asperges ou pluviais, véus de ombros ou umerais – como ainda os que revestem o altar, o tabernáculo e os vasos litúrgicos – pálios ou baldaquinos, frontais de altar, umbelas, véus de sacrário, véus de cálice e de píxide, bolsas de corporais.

⁴⁸⁹ Boletim da Casa do Concelho de Ovar, 1958, (nº39) p. 12

⁴⁹⁰ Primeira Capela dos Passos, localizada no interior da Igreja Matriz de Ovar.

⁴⁹¹ João Semana, 1954 (nº 2090) p.3 - No Calvário realizava-se outro sermão sendo em regra o Sacerdote da paróquia local, o orador.

⁴⁹² Procissão ou cortejo.

⁴⁹³ LÍRIO, 2007, pp. 28

⁴⁹⁴ Tecido de seda encorpado e em cordões

a prata e encimado com as iniciais S.P.Q.R.⁴⁹⁵ em grandes letras bordadas a ouro. Tal como o dos Terceiros, requeria força hercúlea para o transportar. Às respectivas guias pegavam 2 sacerdotes à frente e 2 leigos atrás. Seguiam-se muitos anjos “portadores de emblemas de paixão em pau-preto e prata,”⁴⁹⁶ sobressaíam no cortejo pela alvura⁴⁹⁷ de suas grandes asas de cisne, cujos adornos de pêlos transparentes e franjões de ouro eram da responsabilidade dos armadores portuenses.⁴⁹⁸ Seguiam-se os andores do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora, ladeados pelos «irmãos» e opas roxas. Atrás do Pálio, iam os representantes da Câmara Municipal com o seu estandarte, a Magistratura e as autoridades da vila. Sob o palio o sacerdote que presidia à cerimónia ostentava o Santo Lenho⁴⁹⁹ num precioso relicário estilo renascença, obra-prima da ourivesaria portuguesa, “digna de figurar num museu de arte.”⁵⁰⁰ A capa do sacerdote e as dalmatas dos diáconos eram peças de paramentos de avultado valor. A Verónica era uma das principais figuras alegóricas da procissão. Na igreja após o Miserere, no Passo da Verónica (Praça da Republica) e no Calvário cantavam-se os versículos relativos ao sofrimento de Maria mãe de Cristo, na hora em que Ele era levado para o monte Golgota a fim de ser crucificado. Esta figura alegórica da Paixão era um dos grandes atractivos da procissão dos passos de Ovar “e talvez não houvesse certamente, nenhum vareiro ausente”⁵⁰¹ que não recordasse esses cânticos religiosos que toda a massa humana presente, entoava nesse dia e nessa hora. A cerimónia do encontro era o momento alto da procissão dos Passos. O andor da Virgem encontrava-se com o do Senhor na rua da Amargura, no Passo da Rua da Fonte, onde havia o respectivo sermão do encontro. Curiosamente na década de 50 tal cerimónia não se realizava “havia já uma dezena de anos.”⁵⁰²

⁴⁹⁵ Senatus Populusque Romanus – (Senado e Povo e Romano) todas as obras que eram feitas (por ex: estátuas) eram dedicadas ao Senado romano. As iniciais têm relação com a assinatura da condenação à morte de Cristo por Pilatos, única entidade com poderes para o efeito. Por outro lado a igreja católica atribui ainda um outro significado às iniciais, ou seja: Senado e Povo e Romano participam da salvação divina, todos fazem parte do povo de Deus sem excepção, independentemente da sua condição social.

⁴⁹⁶ LÍRIO, 2007, pp. 28

⁴⁹⁷ Cor branca intensa.

⁴⁹⁸ Eram chamados pela Irmandade dos Passos para o adorno das personagens da procissão dos Passos.

⁴⁹⁹ O Santo Lenho é uma das pequenas partes da cruz de Cristo que está espalhado por muitas igrejas católicas, resultou da descoberta feita por Helena, mãe de Constantino imperador de Roma, da Cruz onde Cristo foi crucificado, aquando duma ida á terra santa Jerusalém.

⁵⁰⁰ Boletim da Casa do Concelho de Ovar, 1958, (nº39) p. 12

⁵⁰¹ João Semana, 1954 (nº2090), p.3

⁵⁰² Boletim da Casa do Concelho de Ovar, 1958, (nº39) p. 12 – só foi retomado na década de 60 e permanece até aos dias de hoje.

Na cerimónia do encontro notava-se grande sentido de piedade no povo, se o orador,⁵⁰³ e quase sempre assim acontecia, “puxava à lágrima, o pranto era geral, principalmente do elemento feminino.”⁵⁰⁴ As palavras do sacerdote possuíam o condão de, “em vez de entristecer os devotos, enchia-os de íntima e inefável consolação”⁵⁰⁵ porque a espiritualidade religiosa das pessoas manifestava-se no choro, talvez o culminar de grandes desgostos ou doenças sofridas. Era um misto de dor e ao mesmo tempo um sentir renascer a esperança, incutida nas palavras do orador.

O professor Patrício, figura estimada entre os ovarenses na década de 40 e 50, grande impulsionador desta procissão em Ovar, dizia das procissões quaresmais: “ (...) elas continuarão a ser motivo de atracção e de orgulho da nossa grei.”⁵⁰⁶

9 - FESTAS DO MAR OU DOS PESCADORES

“Normalmente, as festas do mar decorriam no segundo fim-de-semana de Setembro.”⁵⁰⁷ Fizesse chuva ou Sol, “chegada a altura, se movimentavam vontades para a realização da festança.”⁵⁰⁸ Ficava sempre aceso no morador da beira-mar, da vila ou morador em lugar distante, o desejo de festejar o Senhor da Piedade na sua praia do Furadouro. Faziam-se primitivamente em honra do Senhor da Piedade, cuja capela se situava no topo da duna em frente da Avenida Central e que foi destruída pelo mar em Fevereiro de 1939. Essa capela personificava a tradição da romaria que fazia descerem dos seus lugares do interior e mesmo da serra até à praia, para prestarem preito ao Senhor da Piedade e assistirem aos festejos. Entretanto construiu-se outra capela mais a norte, em honra da senhora da Piedade, esta também destruída em 1946 pela força das águas marinhas. Em 4 de Agosto de 1955 foi colocada a primeira pedra da nova capela,⁵⁰⁹ a sua construção concluiu-se em 1968,⁵¹⁰ ficou a pertencer à paróquia de S.

⁵⁰³ Aqui o sermão era profundo e comovente.

⁵⁰⁴ Boletim da Casa do Concelho de Ovar, 1958, (nº39) p. 12

⁵⁰⁵ LÍRIO, 2007, pp. 32

⁵⁰⁶ Boletim da Casa do Concelho de Ovar, 1958, (nº39) p. 12 - Professor e político ovarense ligado aos eventos culturais e religiosos da vila de Ovar, nas décadas de 40 e 50 do século XX.

⁵⁰⁷ CHAVES, 2008, pp. 199

⁵⁰⁸ LARANJEIRA, 1984, pp. 346

⁵⁰⁹ AMO - A 5 de Junho de 1948 foi constituída a “Comissão pro-construção da capela do Furadouro” que, na mesma data, se reuniu na Câmara Municipal de Ovar sob a presidência do Sr. José Vidal.

⁵¹⁰ LARANJEIRA, 1984, pp. 343 – “A primeira missa foi rezada em 28 de Julho de 1968, pelas 18 horas, pelo Padre: Lopes Ferreira, não se encontrando ainda, completada a construção do edifício.”

Pedro, “bem como as capelas do Carregal, do Torrão do Lameiro e da Marinha,⁵¹¹” mas os oragos da nova capela passaram a ser o Senhor e Senhora da Piedade. A festa do mar passou então a realizar-se “com invocação ao Senhor e Senhora da Piedade, a partir da nova capela ainda na década de 50.”⁵¹²

A festa tinha a duração de 3 dias,⁵¹³ sábado, domingo e segunda-feira. Da comissão faziam parte: um representante da Junta de Turismo da praia do Furadouro, um do Grémio da lavoura, um do Grémio do Comércio, outro da Câmara Municipal de Ovar e por último o representante das associações desportivas locais.⁵¹⁴ Na sexta-feira à noite “o padre da capela do Furadouro ia «buscar» onze andores,”⁵¹⁵ com santos das várias capelas da vila de Ovar que vinham acompanhados pelas irmandades do Sagrado coração de Jesus S. António, S^a do Rosário, Sagrado Coração de Maria, Senhor dos Passos e Santíssimo Sacramento da Ordem Terceira. Do Furadouro, encaminhados pelos festeiros, saíam alguns andores entre os quais o do Senhor e da Senhora da Piedade e S. Pedro cujo ponto de encontro era no Carregal. Aí, incorporavam a procissão vinda de Ovar e seguiam para a capela do Furadouro. Era verdadeiramente impressionante a unção religiosa com que aquela “imensa multidão, de muitos milhares de pessoas acompanhou a pé a as imagens, entoando cantos religiosos.

De ano para ano variavam o número de andores que iam na procissão deste dia, sendo esta, um dos números mais apreciados da festa do mar, em 1955 “foi muito pequena, com um número de reduzido de andores,”⁵¹⁶ o que gerava algum desapontamento nos forasteiros que vinham propositadamente assistir ao evento religioso, “e que se tornou reparado de tantas pessoas”⁵¹⁷ No sábado as actividades ao longo do dia sem carácter religiosos variavam ao longo do dia. As ruas eram enfeitadas com mastros, bandeiras, “cercaduras vistosas, balões e outros motivos de decoração,”⁵¹⁸ em especial a longa avenida central, com as suas duas faixas de ruas, bem como as duas ruas que lhe eram paralelas, assim como a avenida paralela ao mar.

⁵¹¹ CHAVES, 2008, pp. 199

⁵¹² CHAVES, 2008, pp. 199

⁵¹³ Notícias de Ovar, 1949 (nº7) p. 3 – Total despesa da festa 47.742\$00, com saldo inexistente.

⁵¹⁴ Acta Junta de Turismo da praia do Furadouro, 12 de Julho 1946, Livro 620, folha 29

⁵¹⁵ Notícias de Ovar, 1951 (nº161) p.2 - S. Cristóvão; S. Pedro; S. António; Mártires de Marrocos; S. Miguel; Santa Catarina; S. Domingos; S. João; S^a do Socorro; S^a da Ajuda; Nossa S^a de Fátima.

⁵¹⁶ Notícias de Ovar, 1955, (nº366) p. 1

⁵¹⁷ Notícias de Ovar, 1955, (nº366) p. 1

⁵¹⁸ LARANJEIRA, 1984, pp. 348

Os «Zé Pereiras»⁵¹⁹ davam o tom da festa logo pela manhã, faziam antever o quanto havia para ver e ouvir ao longo do dia. Também as barracas de comes e bebes eram uma constante, dispersas por locais estratégicos cozinhando os pitéus à vista do público, “de modo a acicatar o apetite ao mais enfastiado.”⁵²⁰ No domingo de manhã, vinham as bandas de música⁵²¹ e pelas 11 horas realizava-se uma missa campal, “num lindo altar armado num estrado ao fundo da avenida central,”⁵²² no local onde antes existia a capelinha do Senhor da Piedade. Por esta altura já “os forasteiros eram aos milhares, parecendo que a serra e os concelhos circunvizinhos se haviam despovoado.”⁵²³ A meio da cerimónia religiosa, mais propriamente na altura da “elevação, efectuava-se uma largada de pombos.”⁵²⁴ No final da missa organizava-se a procissão com todos os andores, e o momento mais significativo da festa era a bênção mar. O itinerário da procissão habitualmente percorria o areal da praia, a dada altura todos os andores eram “voltados para o mar para com o Santo Lenho, ser dada a bênção.”⁵²⁵ Era parte mais comvente da festa, muito especialmente para os pescadores que “tinham arreigada uma profunda religiosidade,”⁵²⁶ imbuída de credices e superstições que os levava a ter um receoso respeito pelo que era divino. A missa, a procissão e sobretudo a bênção do mar, “revestiam-se de singular importância,”⁵²⁷ destinava-se a protege-los dos perigos do mar e a proporcionar abundantes pescarias. Durante a bênção do mar fazia-se silêncio, apenas se ouvia o bater das ondas, o vento e os foguetes que não paravam de estalar. Todos se ajoelhavam em recolhimento durante a cerimónia, a procissão decorria “num ambiente de respeito e ordem.”⁵²⁸

Realizada a bênção, a música tocava de novo, a procissão retomava a posição inicial e prosseguia a marcha em direcção ao Sul. Alongava-se pela esplanada e ao regressar á capela por entre as ruas do Furadouro, os moradores tinham preparado um

⁵¹⁹ CHAVES, 2008, pp. 199; Notícias de Ovar, 1948 (nº2) p.2

⁵²⁰ LARANJEIRA, 1984, pp. 348

⁵²¹ Notícias de Ovar, 1948 (nº1) p.4- Bandas: Couto de Cucujães; Loureiro; Bombeiros Voluntários de Ovar; Banda Ovarense.

⁵²² Notícias de Ovar, 1952, (nº211) p. 3

⁵²³ Notícias de Ovar, 1948, (nº2) p. 2

⁵²⁴ Notícias de Ovar, 1952, (nº211) p. 3

⁵²⁵ Notícias de Ovar, 1952, (nº211) p. 3

⁵²⁶ CHAVES, 2008, pp. 200

⁵²⁷ CHAVES, 2008, pp. 200

⁵²⁸ João Semana, 1960 (nº2429) p. 4

tapete de verdes por onde passava a procissão, sempre acompanhada com foguetes e a música das bandas. O resto do dia havia “arraial até ao por do Sol.⁵²⁹”

Na segunda-feira seguinte não havia actividades religiosas, os andores regressavam à vila, “já sem a pompa e circunstância,”⁵³⁰ transportados por veículo motorizado, somente as barracas de pequeno comércio desde roupas, ferramentas, louças de barro e comes e bebes, se mantinham até ao final do dia.

Acabada a festa do mar, desmontavam-se as tendas, cessavam-se as animações, calavam-se os altifalantes. O sossego regressava de novo à praia do Furadouro, como se nada tivesse acontecido, apenas como antes se ouvia o barulho do mar e o vento zunindo,⁵³¹ porque esses estão sempre lá, nunca se vão embora...

⁵²⁹ João Semana, 1945 (nº2116) p. 3

⁵³⁰ CHAVES, 2008, pp. 200

⁵³¹ As nortadas são uma constante no Furadouro, especialmente em Setembro.

10 – CONCLUSÃO

1. A vila de Ovar em meados da década de 40 do século XX, caracterizava-se por uma pacatez rural, era a porta de entrada para a praia do Furadouro, cujas características naturais proporcionavam aos banhistas que a procuravam um ambiente calmo, sem grandes meios de distração, apenas sobressaltados pela faina piscatória. O Furadouro na década de 40 era praticamente desabitado á excepção de alguns pescadores que lá viviam em paupérrimos palheiros sem grandes condições, num quotidiano de miséria e fome que os atirava para a mendicidade, quando o peixe não abundava.

2. A partir de 1950 a população dos concelhos limítrofes, Oliveira de Azeméis e S. João da Madeira começou a chegar á praia em maior número, utilizando-a como local de férias. O Norte da praia era procurado pelas classes mais abastadas, com capacidade financeira para adquirir uma barraca durante a permanência na praia. O sul estava «reservado» para as classes mais baixas, tais como a maioria dos camponeses que iam para a praia do Furadouro depois das colheitas, entre Setembro a Outubro passar algum tempo de lazer.

As autoridades preocupavam-se em afastar os pescadores para a parte Sul com o intuito de não incomodar os banhistas da parte Norte, devido à faina da pesca.

Inicialmente os palheiros serviam como casas de veraneio, sendo gradualmente substituídos pelas novas construções de pedra, que aumentavam de ano para ano, pondo em evidência uma clara transformação social, dada a cada vez maior procura da praia pelos banhistas vindos de fora.

3.O aumento dos residentes e de banhistas levou as autoridades municipais a preocuparem-se com o melhoramento da estrada do Furadouro que dista da vila cerca de 4,5 quilómetros. O comboio, ao contrário do que acontecia nas praias de Espinho e Granja, não tinha acesso ao Furadouro. Houve contudo a tentativa de prolongar a linha até á praia, através de um projecto apresentado ao Governo que acabou por não passar disso mesmo. Apesar de tudo, assistiu-se tanto na vila como no Furadouro à construção de infra-estruturas (captação de água, esgotos, electricidade, telefone, telégrafo, ruas e passeios) além da construção da esplanada na praia que constituiu uma obra importantíssima em termos de investimento turístico local.

4. Enquanto na vila se assistia à abertura de novos cafés, na praia o Hotel Mar e Sol, assim denominado depois de inaugurado em 1946, apesar da sua modesta

construção, hospedava algumas figuras importantes da política local e outras das artes e imprensa escrita, como pintores e jornalistas. Uma das iniciativas promovidas pelo hotel em conjunto com a empresa F. Ramada, consistiu na organização de bailes com vista ao financiamento da sopa dos pobres no Furadouro, o que minorou consideravelmente a miséria da classe piscatória. No entanto o hotel no final de década de 50, lutava com enormes dificuldades financeiras pondo em causa a sua continuidade. Era nítida a preocupação beneficente de alguns capitalistas em prol dos mais pobres, prova disso foi a construção do parque infantil no Furadouro patrocinado pelo industrial F. Ramada. A Assembleia do Furadouro constituía o centro de diversão na praia, idealizada no início só para tertúlia das elites, depressa se estendeu à população em geral, tendo inclusivamente sessões públicas de cinema diferenciadas por faixas etárias.

5. A meio da década de 50 a Ria de Ovar vai ganhando cada vez mais importância, sobretudo após a construção da estrada entre o Carregal (Ovar) e a Torreira, que coincidiu com as obras do porto de Aveiro, originando a cada vez maior procura da Ria pelos turistas que desejavam um ambiente mais calmo e relaxante, sobretudo com a possibilidade da prática de desportos náuticos e pesca. Neste âmbito a Ria surgiu como um importante complemento à praia do Furadouro. O desenvolvimento das potencialidades turísticas deu-se com a construção do «Hangar de barcos» no Carregal e a praia do Areinho. Em termos desportivos o ponto alto foi a realização da 1ª Regata Entre Ovar e Aveiro em Agosto de 1958.

6. Na vila, as tradicionais procissões quaresmais apesar de seculares, adquirem novo sentido porque se tornavam cada vez mais conhecidas pelos forasteiros. O aumento da procura do Furadouro e da Ria pelos banhistas, imprimiu-lhes novo alento dada a enorme afluência de público aquando da sua realização, conjuntamente com o bairrismo e fervor religioso da gente vareira, faziam da procissão dos Terceiros e dos Passos verdadeiras manifestações de fé enchendo as ruas da vila. O comércio local crescia bastante nesses dias. O Carnaval de Ovar organizado pela primeira vez em 1952 trouxe a Ovar milhares de forasteiros atraídos pelo ambiente colorido e pela folia dos owarenses, sendo a partir de então o maior cartaz turístico de Ovar.

7. A festa do mar realizada no Furadouro em Setembro, foi-se tornando a festa de todos, quer dos forasteiros quer dos locais. Apesar de ser conhecida como festa dos pescadores, não se vislumbravam grandes diferenças com outros grupos sociais em termos de sociabilidade. Classes abastadas, lavradores, operários e pescadores tinham nesta festa um ponto comum ao nível das práticas religiosas. Em uníssono rezavam nas

procissões e nas missas, tornava-se indistinta a qualidade social de todos e cada um atendendo à fé que professavam durante as festas do mar.

8. Neste estudo tentou-se caracterizar a sociedade de uma pequena e pacata vila, como era o caso de Ovar, como se adaptou, como reagiram as pessoas perante uma realidade turística emergente, tendo como cenário a praia do Furadouro e a Ria de Ovar. Procurou-se mostrar o ambiente social da época entre a vila e praia, porque eram indissociáveis no contexto social e económico. Por muito que se tente nunca se dá cumprimento cabal aos objectivos propostos, pelo menos assim é a minha opinião.

Fica aberto o caminho para futuras investigações nomeadamente no que toca às instituições desportivas que aqui não foram estudadas, em função do alvo de estudo ter sido direccionado noutra sentida. Poderá ser uma pista de trabalho para investigações ao nível de história local.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES ORAIS

Ester Gomes de Pinho, nascida em 1923, reformada, natural e residente em Ovar

José Maria Fernandes da Graça, nascido em 1921, (ex. funcionário da Junta de Turismo da praia do Furadouro, admitido ao serviço em 1945)

Joaquim Maria de Pinho Chaves, nascido em 1940, reformado, natural e residente em Válega (uma das freguesias do Concelho de Ovar)

João Silva Duarte, nascido em 1948, ferroviário, reformado, natural e residente em Ovar

José de Matos nascido 1929, Alfaiate reformado, residente em Ovar

Manuel Oliveira Lamarão, nascido em 1945, comerciante, natural e residente em Ovar

Maria José de Pinho e Silva, nascida em 1936, reformada, natural e residente em Ovar

Rosa de Oliveira Paulino, nascida em 1924, reformada, natural e residente em Ovar

INTERNET

www.csarmento.uminho.pt (Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, História institucional)

www.agencia.ecclesia.pt (AGÊNCIA ECCLESIA, Agência de Notícias da Igreja Católica em Portugal)

FONTES MANUSCRITAS

Actas da Junta de Iniciativa de Turismo da praia do Furadouro de Ovar de 1928 - 1930

Actas da Junta de Turismo da Praia Furadouro de Ovar de 1945 - 1960

Actas de Junta de Freguesia de Ovar 1945 - 1960

Actas de Câmara Municipal de Ovar 1945 - 1960

Livro de registo crimes 1960 GNR Ovar 1945 - 1960

Livro de registo pessoal 1960 GNR Ovar 1945 - 1960

PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

O Comércio do Porto

O Primeiro de Janeiro

O Século

João Semana

Notícias de Ovar

O Povo de Ovar

Boletim, Casa do Concelho de Ovar, Agremiação Regionalista

Revista Reis

Revista Dunas

Revista Portugal Local

Terras da nossa terra

Voz Portucalense

FONTES IMPRESSAS

ABRAGÃO, Frederico de Quadros, 1956 - *Caminhos-de-ferro portugueses esboço da sua história*, Lisboa, Companhia dos caminhos de ferros portugueses, edição do centenário, Vol.1, p.357-358

AMORIM, Inês, 2008 - *Porto de Aveiro: Entre a Terra e o Mar*, Aveiro, APA – Administração do porto de Aveiro, SA, p. 73 e 177

BARRETO, António, e MÓNICA, Maria Filomena, 2000 - *Dicionário de História de Portugal, Vol. IX*, Lisboa, Livraria Figueirinhas, p. 6 e 536

BARROS, Manuel J., 2007 - *A beleza do catolicismo um guia*, Lisboa, Guerra e Paz editores, p. 71

BOYER, Marc, 2005 - *Histoire générale du tourisme du XVI^o au XXI^o siècle*, Paris, L'Harmattan, p. 61 e 308

BRITO, Sandra Cristina Pereira de, 2003 - *Clube Fenianos Portuenses um projecto de civilização, em busca de uma projecção*, Porto, Faculdade de Letras, Mestrado em História Contemporânea, p. 97

CAETANO, Joaquim, COTOVIO, Alice, PESTANA, José Artur, 2001 - *Conservação e restauro das pinturas das Capelas dos Passos de Ovar*, Ovar, in “Revista Dunas”, Câmara Municipal de Ovar, p. 19-20

CHAVES, Maria Adelaide Godinho Arala, 2008 - *Do mar e da terra palheiros e pescadores do Furadouro e Ovar*, Porto, Edições Afrontamento, p. 5-12 e 199-200

COELHO, Maria Helena da Cruz, 2010^a - *A festa – a convivialidade* in “História da Vida Privada em Portugal A Idade Média”, dir. José Mattoso, I Volume. Lisboa Circulo de Leitores p. 145 – 157

CORBIN, Alain, 1995 - *L`Avenement des Loisirs 1850-1960*, Paris, Aubier, p. 408-410

COSTA, Alfredo, 2010 - *O abastecimento de água e o saneamento no concelho de Ovar*, in “Revista Dunas”, Ovar, Edição Câmara Municipal, p. 29

COSTA, Manuela Carmona Graça Pinto da, 2008 - *Paramentos da Irmandade dos Passos - Ovar*, in “Revista Dunas”, Ovar, Câmara Municipal, p. 108-122

COSTA, Arada e, 1967 - *História religiosa de Ovar (algumas achegas)*, Ovar, Edição da Câmara Municipal, p. 21-33

CRUZ, Valdemar, 2001 - *Um dia em Ovar*, Porto, Campo das Letras – Editores S.A, p. 23-27

DAGEN, Nadeif Laneyrie, 2000 - *Memória do Mundo do mundo das origens ano 2000*, Lisboa, Circulo de Leitores, p. 18-202

DIAS, Diamantino, 1971 - *Moliceiros*, Aveiro, Edição da Comissão Municipal de Turismo de Aveiro, p. 5-8

DIAS, Reinaldo, e AGUIAR, Marina Rodrigues de, 2002 - *Fundamentos do Turismo: conceitos, normas e definições*, Brasil, Editora Alínea, Campinas, p. 21-41

DIAS, Geraldo J.A. Coelho, 2006 - *As religiões da nossa vizinhança: História Crença e espiritualidade*, Porto, Faculdade de Letras, p. 61

FABRE, Daniel, 1976 - *La Fête Éclatée*, Paris, L`Arc, n°65, Aix-en-Provence, p. 68-75

FERNANDES, Rui, ROCHA, Álvaro, RODRIGUES, Delfim, 1993 - *Carnaval de Ovar*, Ovar, Edição Câmara Municipal, p. 15

FOURQUIN, Guy, 2000 - *História Económica do Ocidente Medieval*, Lisboa, Edições 70, p. 16

GALLI e GRANDI, 1964 - *História da Igreja*, Lisboa, Edições Paulistas, p. 114

IGNARRA, Luís Renato, 2003 - *Fundamentos do Turismo*, São Paulo Brasil, Editora Thompson, 2ª Edição Revista e Ampliada, p. 4-26

LAMY, Alberto Sousa, 2001^a - *Monografia de Ovar Volume - 1*, Ovar, Câmara Municipal – Divisão da Cultura, Biblioteca e Património Histórico, p. 15-16

LAMY, Alberto Sousa, 2001b - *Monografia de Ovar Volume - 3*, Ovar, Câmara Municipal – Divisão da Cultura, Biblioteca e Património Histórico, p. 132 e 278 e 310-387

LAMY, Alberto Sousa Lamy, 2005 - *Datas da História de Ovar – Freguesias de S. Cristóvão e de S. João*, Ovar, Câmara Municipal, p. 235-287

LAMY, Alberto Sousa, 2009^a - *Dicionário da História de Ovar, Vol. 1*, Ovar, Câmara Municipal, p. 43 e 317 e 532

LAMY, Alberto Sousa, 2009b - *Dicionário da História de Ovar, Vol. 2*, Ovar, Câmara Municipal, p. 155 e 497

LAMY, Alberto Sousa, 2009c - *Dicionário da História de Ovar, Vol. 3* Ovar, Câmara Municipal, p. 29-30 e 193

LAMY, Alberto Sousa, e RODRIGUES, Augusto, 2000 - *Furadouro uma terra com passado e com futuro*, Ovar, Comissão de melhoramentos do Furadouro, p. 37-57

LARANJEIRA, Eduardo Lamy, 1984 - *O Furadouro o povoado, o homem e o mar*, Ovar, Câmara Municipal, p. 55-198 e 239-348 e 532

LIRÍO, Padre Manuel, 2007 - *Subsídios para a História de Ovar. Os Passos*, Ovar, 2^a Ovar, Edição Museu de Ovar, p. 28-32

LOUSADA, Maria Alexandre, 2010b – *Novas formas: vida privada, sociabilidades culturais e emergência do espaço público* in “História da Vida Privada em Portugal A Idade Moderna”, dir. José Mattoso, II Volume. Lisboa Circulo de Leitores p. 427 - 429

MACHADO, Helena Cristina Ferreira, 1996 - *A construção Social da Praia*, Guimarães, Ideal – Artes Gráficas, p. 49-96

MACHADO, Oliveira Braz, 1940 - *Lágrimas que redimem*, Ovar, Imprensa Pátria, Ovar, p. 15

MAGALHÃES, Anthero de Carvalho, 1983 - *O Almanaque Luso-Brasileiro, Maio de 1897*, in “Tricanas de Ovar”, Ovar, Edição da Câmara Municipal, p. 5

MARTINS, Luís, Paula Saldanha, 1989 - *Banhistas de mar no século XIX, um olhar sobre uma época*, in “Revista da Faculdade de Letras Geografia” I Série, Vol. V, Porto, Faculdade de Letras, p. 45-55

MARTINS, Rui, 2006 - *O Caminho-de-ferro: Veio estruturante da evolução sócio urbana entre Porto e Aveiro, em exemplo Espinho e Ovar*, in “Revista Dunas”, Ovar, Câmara Municipal, p. 65-66

MATTOSO, José, 1992 – *Portugal no Reino Asturiano-Leonês* in “História de Portugal”, dir. José Mattoso, I Volume. “Antes de Portugal”, Lisboa, Circulo de Leitores p. 441 - 445

MIDDLETON, Victor T.C., e CLARKE, Jackie, 2002 - *Marketing de Turismo, Teoria e Prática*, Rio de Janeiro, Editora Campus Lda p. 1 - 3

NEVES, José de Oliveira, 2007 - *A Pesca no Furadouro 1940 – 1955*, Ovar, Edição João Semana, p. 18 - 26

NEVES, José de Oliveira, 2009 - *A Pesca no Furadouro 1800 – 1955 os Mercantéis – as Companhas o apogeu de 1920 – 1930 a decadência*, Ovar, Edição João Semana p. 18 - 50

OLIVEIRA, Aurélio de, CRUZ, Maria Augusta Lima, GUERREIRO, Inácio, DOMINGUES, Francisco Contente, 1999 - *História dos Descobrimentos e Expansão Portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta, p. 271-315

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, e GALHANO, Fernando, 1964 – *Palheiros do Litoral Central Português*, Lisboa, Instituto de Alta Cultura Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, p. 31-35

PENICHEIRO, José e GRAÇA, José Maria, 1959 – *Guia turístico comercial e industrial de Ovar*, Ovar, Edição da Junta de Turismo do Furadouro, p. 15-61

PERRET, Bernard, e ROUSTANG, Guy, 1993 – *A economia contra a sociedade*, Lisboa, Instituto Piaget, p. 57

PHILIPPE, Ariés, e DUBY, Georges, 1990 – *História da Vida Privada*, Lisboa, Edições Afrontamento, p. 465-469

PINTO, António Mendes, 2008 – *Procissões Quaresmais em Ovar uma tradição que vem do século XVII*, Ovar, Edição Câmara Municipal de Ovar, p. 2

REIS, Álvaro, 2002 – *Quando o mar enrola na areia (A dinâmica do litoral arenoso)*, Santa Maria da Feira, Edição do Autor, p. 83-84

RIBEIRO, Armando Manuel Barge Bouçon, 2001 - *Sociabilidades e Marginalidades em Espinho: práticas sociais, culturais e associativas (1889-1915)*, Mestrado em História Contemporânea, Porto, Faculdade de Letras, p. 14

RIBEIRO, Susana, FERREIRA, Luís, 2009 - *As festas populares urbanas: eventos turísticos especiais*, Porto, Revista científica do ISCET Percursos & Ideias – nº1 – 2ª Série, p. 3

ROSAS, Fernando, 1994 - *As mudanças na estrutura da população activa*, in “História de Portugal”, dir. José Mattoso, VII Volume. Lisboa, Circulo de leitores, p. 426 -427

RUCQUOI, Adeline, 1995 - *História Medieval da Península Ibérica*, Lisboa, Editorial Estampa, p. 60-61 e 268

SANTOS, Joaquim, 2000 - *Memórias de um vareiro dos anos 30. Recordar o passado da minha vida e a dos outros*, Ovar, Edição do Autor, p. 107

SÉGUIER, Jaime de, 1997 - *Dicionário Lello Prático Ilustrado*, Porto, Lello Editores, p. 1243

SILVA, Bustorff, 1947 - *O problema monetário português no seu aspecto interno e externo*, Lisboa, Edição Jornal do Povo, p. 27-30

SOLAR, David, e VILLALBA Javier, (Dir), 2007 – *História da Humanidade*, Lisboa, Circulo de Leitores, p. 4-10 e 111 e 256-257

SOUSA, Ivo Carneiro de, 1996 – *História de Portugal Moderno Economia e Sociedade*, Lisboa, Universidade Aberta, p. 18

TENGARRINHA, José, 2006 – *Imprensa e opinião pública em Portugal*, Coimbra, Editora Minerva, 1ª Edição, p. 188

VIDAL-NAQUET, Pierre, 2007 – *Atlas Histórico da Pré-História aos nossos dias*, Lisboa Circulo de Leitores, p. 205-206

VIEIRA, Joaquim, 2000^a – *Portugal século XX, crónica em imagens 1940-1950*, Lisboa, Circulo Leitores, p. 73

VIEIRA, Joaquim, 2000^b – *Portugal século XX, crónica em imagens 1950-1960*, Lisboa Circulo Leitores, p. 83 e 167

INDICE DE ANEXOS

- Anexo nº1 - Vista aérea de Ovar (1959)
- Anexo nº 2 – Centro da vila de Ovar anos 40
- Anexo nº 3 – Fonte Neptuno de Ovar (1960)
- Anexo nº 4 – Chegada do 1º comboio da saudade a Ovar (1952)
- Anexo nº 5 – Bênção das Viaturas em Ovar (1952)
- Anexo nº 6 – Terreno para construção do Mercado Municipal de Ovar anos 50
- Anexo nº 7 – Construção do Mercado de Ovar anos 50
- Anexo nº 8 – Praia do Furadouro lado Norte (1959)
- Anexo nº 9 – Banhos no Furadouro (1952)
- Anexo nº 10 – Banhos de Sol praia do Furadouro lado Norte (1945)
- Anexo nº 11 – Lado Norte da praia do Furadouro (1960)
- Anexo nº 12 – Avenida central do Furadouro anos 40
- Anexo nº 13 - Avenida central do Furadouro anos 40
- Anexo nº 14 – Praia de banhos no Furadouro lado Norte (1957)
- Anexo nº 15 - Avenida central do Furadouro anos 40
- Anexo nº 16 – Leitaria na avenida do Furadouro anos 40
- Anexo nº 17 – Estrada que liga Ovar ao Furadouro anos 40
- Anexo nº 18 - Estrada que liga Ovar ao Furadouro anos 40
- Anexo nº 19 – Família de Oliveira de Azeméis em férias no Furadouro anos 50
- Anexo nº 20 – Ria, canal de Ovar anos 60
- Anexo nº 21 – Ria, canal de Ovar anos 60
- Anexo nº 22 – A 1ª lancha de Turismo (Vareirinha) na Ria (1952)
- Anexo nº 23 – Carnaval “Porco” no centro da vila de Ovar anos 50
- Anexo nº 24 – Carnaval “Porco” no centro da vila de Ovar anos 50
- Anexo nº 25 – Carnaval “Porco” no centro da vila de Ovar anos 50

- Anexo nº 26 – Cartaz do primeiro Carnaval organizado em Ovar (1952)
- Anexo nº 27 – Carro alegórico do Carnaval de 1954
- Anexo nº 28 – Carros alegóricos do Carnaval de 1954
- Anexo nº 29 – Carros alegóricos do Carnaval de 1958
- Anexo nº 30 – Carros alegóricos do Carnaval de 1959
- Anexo nº 31 – Chegada do Rei do Carnaval de 1957 ao centro de Ovar
- Anexo nº 32 – Café Progresso em Ovar (1950)
- Anexo nº 33 – Hotel Mar e Sol, Furadouro (1947)
- Anexo nº 34 – Hotel mar e Sol no seu declínio anos 60/70
- Anexo nº 35 – Documento do século XVIII que autoriza a construção de palheiros no local onde em 1946 foi construído o Hotel mar e Sol
- Anexo nº 36 – Planta de construção do Hotel Mar e Sol
- Anexo nº 37 – Fábrica Rabor (motores eléctricos) e seus funcionários (1955)
- Anexo nº 38 – Rua Elias Garcia em Ovar (1950)
- Anexo nº 39 – Rua Gomes Freire em Ovar (1950)
- Anexo nº 40 – Procissão dos Passos (encontro de Jesus Cristo com Maria sua mãe na capela do Passo de Verónica) anos 50
- Anexo nº 41 – Procissão dos Terceiros anos 50
- Anexo nº 42 - Procissão dos Terceiros (1947)

Anexo nº 1

Vista aérea de Ovar (1959)



Fonte: Arquivo Municipal de Ovar

Anexo nº 2

Centro da vila de Ovar anos 40



48. Anos 40 ...

Fonte: CASTRO, Ângela, Memórias da Urbe, Câmara Municipal de Ovar, 1994, pp.48

Anexo nº 3

Fonte Neptuno centro de Ovar (1960)



Fonte: Arquivo Municipal de Ovar

Anexo nº 4

Chegada a Ovar do primeiro comboio da saudade a Ovar (1952)



OVAR- Chegada do 1º EXPRESSO DA SAUDADE organizado pela CASA DO
CONCELHO DE OVAR 1952

Fonte: Arquivo Municipal de Ovar

Anexo nº 5

Bênção das viaturas em de Ovar (1952)



75. Festas Centenárias - Bênção das Viaturas - (27 / 07 / 52)

Fonte: Arquivo Municipal de Ovar

Anexo nº 6

Terreno para construção do mercado municipal de Ovar anos 50



Fonte: Arquivo Municipal de Ovar

Anexo nº 7

Construção do Mercado de Ovar anos 50



Fonte. Arquivo Municipal de Ovar

Anexo nº 8

Praia do Furadouro lado Norte (1959)



PORMENOR
DA PRAIA

Fonte: Boletim casa do concelho de Ovar, 1959, (nº56) p.1

Anexo nº 9

Banhos no Furadouro (1952)



Fonte: Arquivo particular de Augusto Rodrigues

Anexo nº 10

Banhos de Sol praia do Furadouro lado Norte (1945)



Fonte: Arquivo particular de Augusto Rodrigues

Anexo nº 11

Lado Norte da praia do Furadouro (1960)



Fonte: Arquivo particular de Augusto Rodrigues

Anexo nº 12

Avenida central do Furadouro anos 40



Fonte: Arquivo particular Augusto Rodrigues

Anexo nº 13

Avenida Central do Furadouro (anos 40)



Fonte: Arquivo particular Augusto Rodrigues

Anexo nº 14

Praia de banhos no Furadouro, lado Norte (1957)



Fonte: Boletim da Casa do Concelho de Ovar, Junho, 1957, n.º 30, p. 29.

Anexo nº 15

Avenida Central do Furadouro anos 40



Fonte: Arquivo particular de Augusto Rodrigues

Anexo 16

Leitaria na avenida do Furadouro anos 40



Fonte: Arquivo particular de Augusto Rodrigues

Anexo nº 17

Estrada que liga Ovar ao Furadorouro anos 40



Fonte: Arquivo particular de Augusto Rodrigues

Anexo nº 18

Estrada que liga Ovar ao Furadorouro anos 40



Fonte: Arquivo particular de Augusto Rodrigues

Anexo nº 19

Família de Oliveira de Azeméis em Férias no Furadouro anos 50



Fonte: Arquivo particular do pároco de Ovar (Padre Manuel Pires Bastos)

Anexo 20

Ria, canal de Ovar anos 60



Fonte: Arquivo particular do pároco de Ovar (Padre Manuel Pires Bastos)

Anexo 21

Ria, canal de Ovar anos 60



Fonte: Arquivo particular do pároco de Ovar (Padre Manuel Pires Bastos)

Anexo nº 22

A 1ª Lancha de Turismo (Vareirinha) na Ria (1952)



Fonte: Notícias de Ovar 1952

Anexo nº 23

Carnaval “Porco” no centro da vila de Ovar anos 50



Fonte: Arquivo Municipal de Ovar

Anexo nº 24

Carnaval “Porco” no centro da vila de Ovar anos 50



Fonte: Arquivo Municipal de Ovar

Anexo nº 25

Carnaval “Porco” no centro da vila de Ovar anos 50



Fonte: Arquivo Municipal de Ovar

OVAR

CARNAVAL DE 1952

DOMINGO, 24 de FEVEREIRO de 1952

~

**IMPONENTE CORTEJO
CARNAVALESKO**

Muitos carros alegóricos — lindíssimas raparigas

 **MUITAS SURPREZAS**

ZÉS PEREIRAS · CABEÇUDOS · GIGANTONÉS

~

— VISITE OVAR durante o Carnaval —

Cartaz do 1º Carnaval organizado

Anexo nº 27

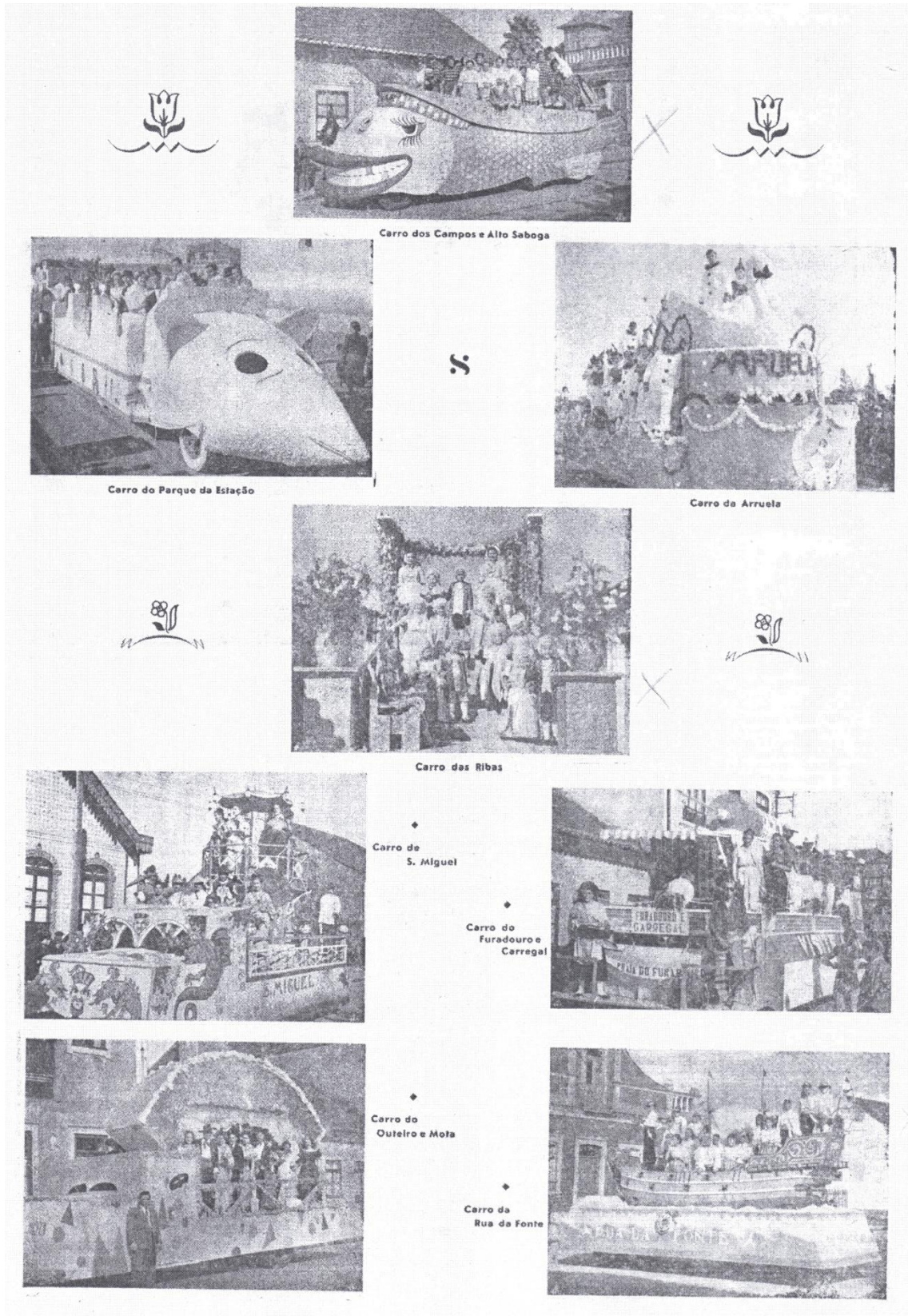
Carro alegórico do Carnaval de 1954



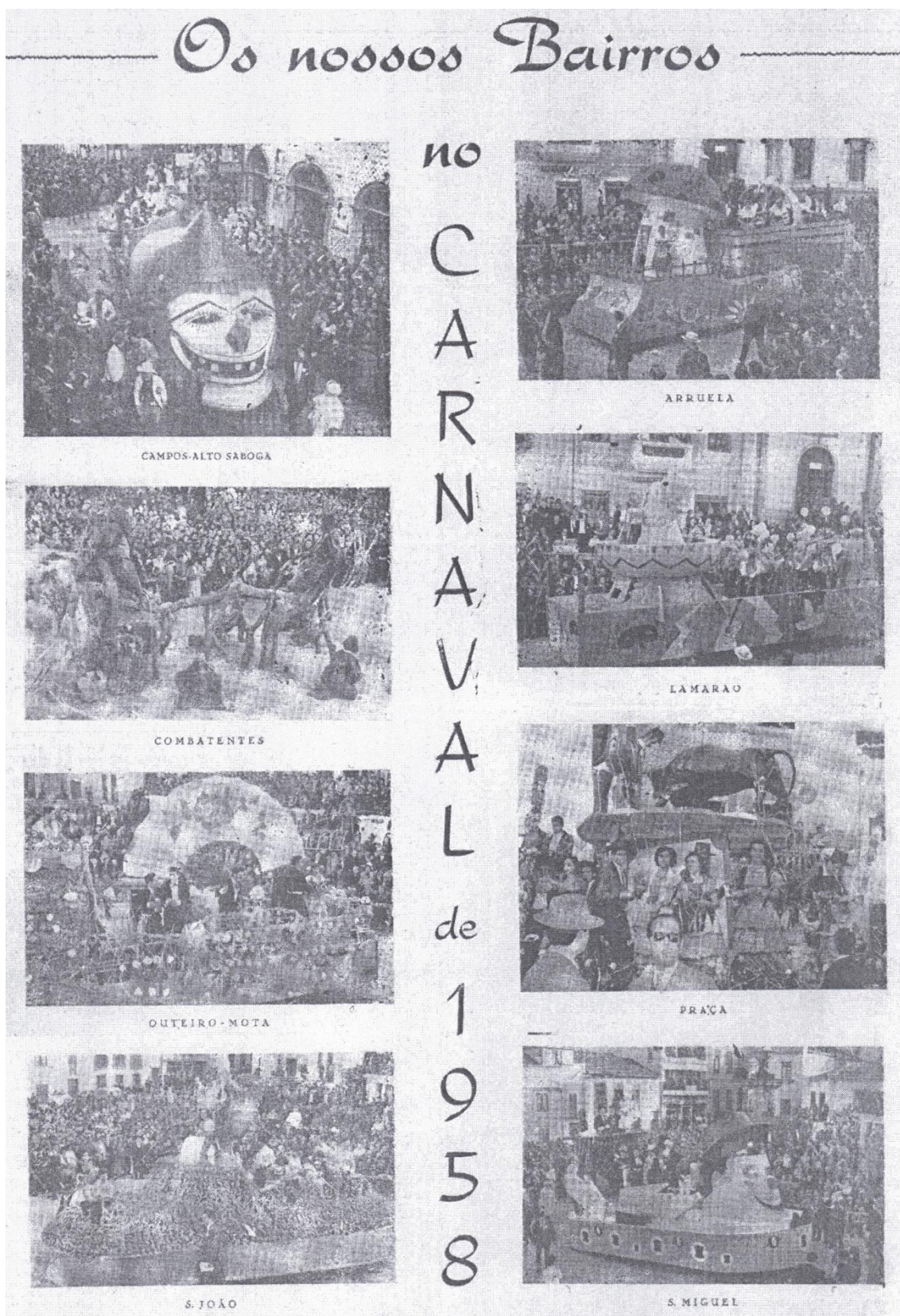
Fonte: Arquivo pessoal de Raquel Lamarão

Anexo nº 28








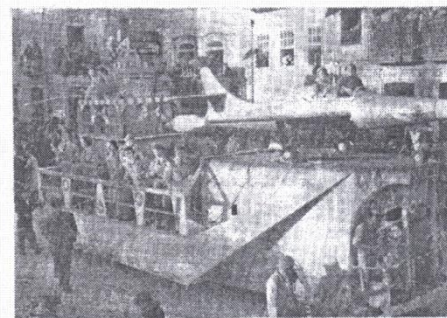
Carros alegóricos do Carnaval de 1954



Fonte: Notícias de Ovar Abril 1954



Os nossos Bairros

| | | |
|---|---|--|
|  | NO C A R N A V A L D E O V A R D E 1 9 5 9 |  |
|  | |  |
|  | |  |
|  | |  |

ARRUELA

OUTEIRO-MOTA

CAMPOS E ALTO SABOGA

PRAÇA

COMBATENTES

S. JOÃO

LAMARÃO

S. MIGUEL

Anexo nº 31

Chegada do Rei do Carnaval de 1957 ao centro de Ovar



Chegada de El-Rei Momo aos Paços do Concelho

Fonte: Notícias de Ovar, Abril 1957

Anexo nº 32

Café Progresso em Ovar (1950)



49. Café Progresso - 1950 (imagem nocturna)

Fonte: Notícias de Ovar, Dezembro 1950

Anexo nº 33
Hotel Mar e Sol, Furadouro 1947)



Fonte: Notícias de Ovar Junho 1947

Anexo nº 34

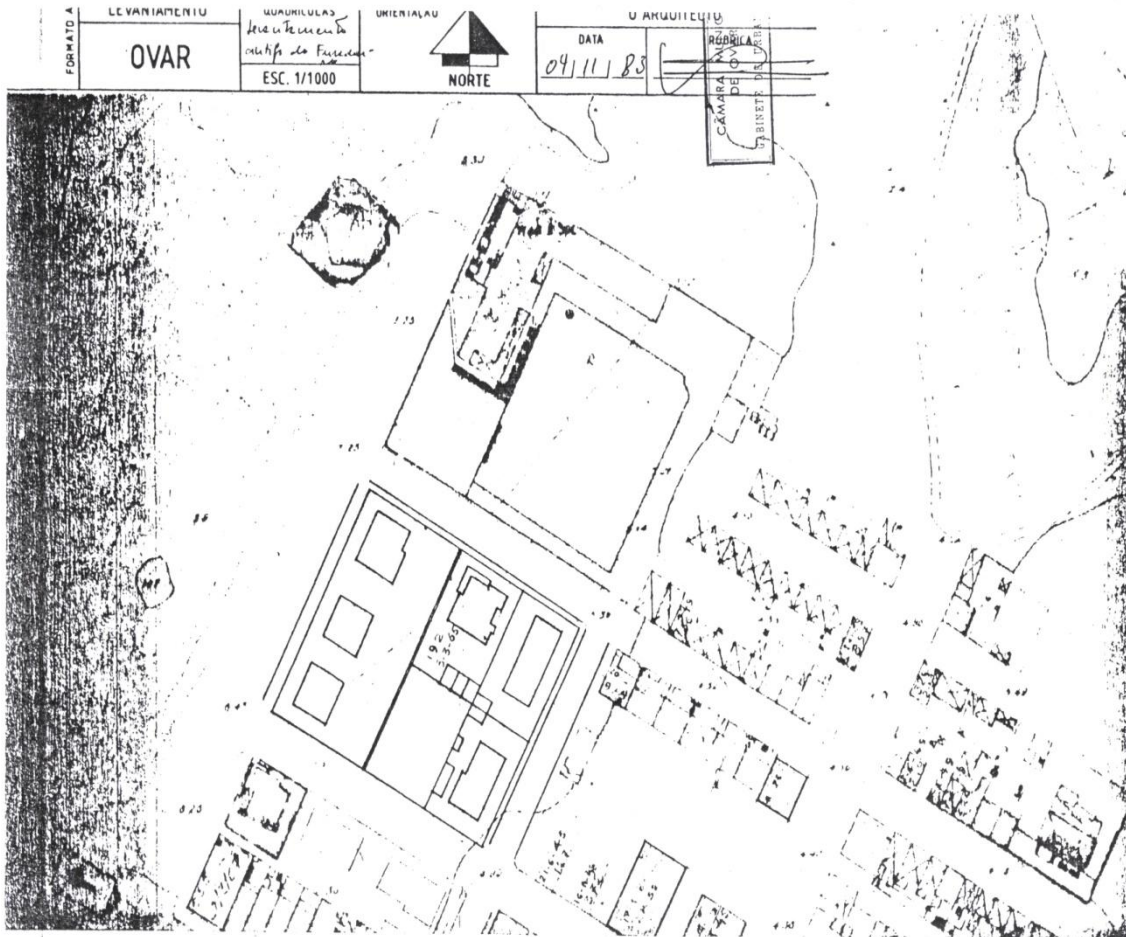
Hotel Mar e Sol no seu declínio (anos 60/70)



Fonte: Arquivo pessoal fotográfico de Manuel Marrafa, antigo proprietário do Hotel

Anexo nº 36

Planta de construção do Hotel Mar e Sol

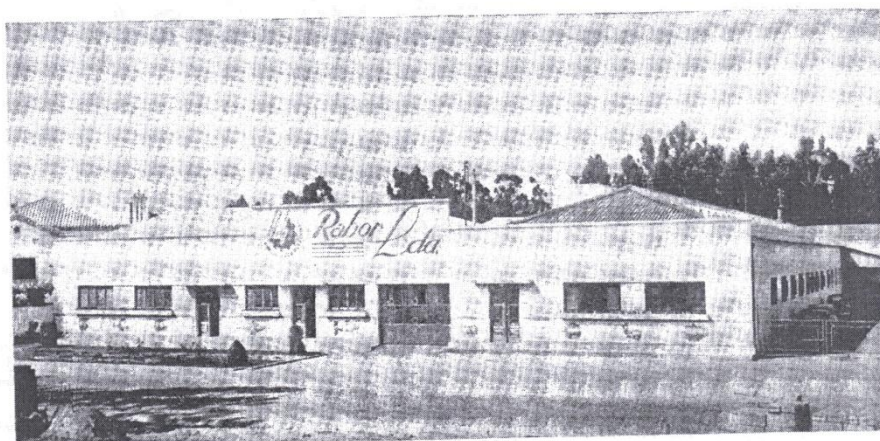


Fonte. Câmara Municipal de Ovar

Anexo: 37

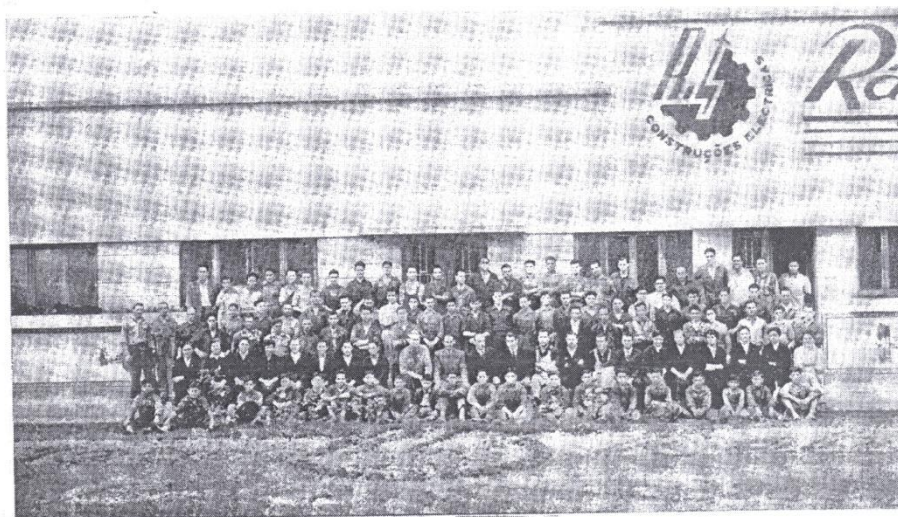
Fábrica Rabor (motores eléctricos) e seus funcionários (1955)

RABOR, LDA.



Vista parcial da fábrica

Motores eléctricos



Gerentes, Engenheiros, Técnicos, Empregados e Operários em 6-8-1955

Telef. 151/252

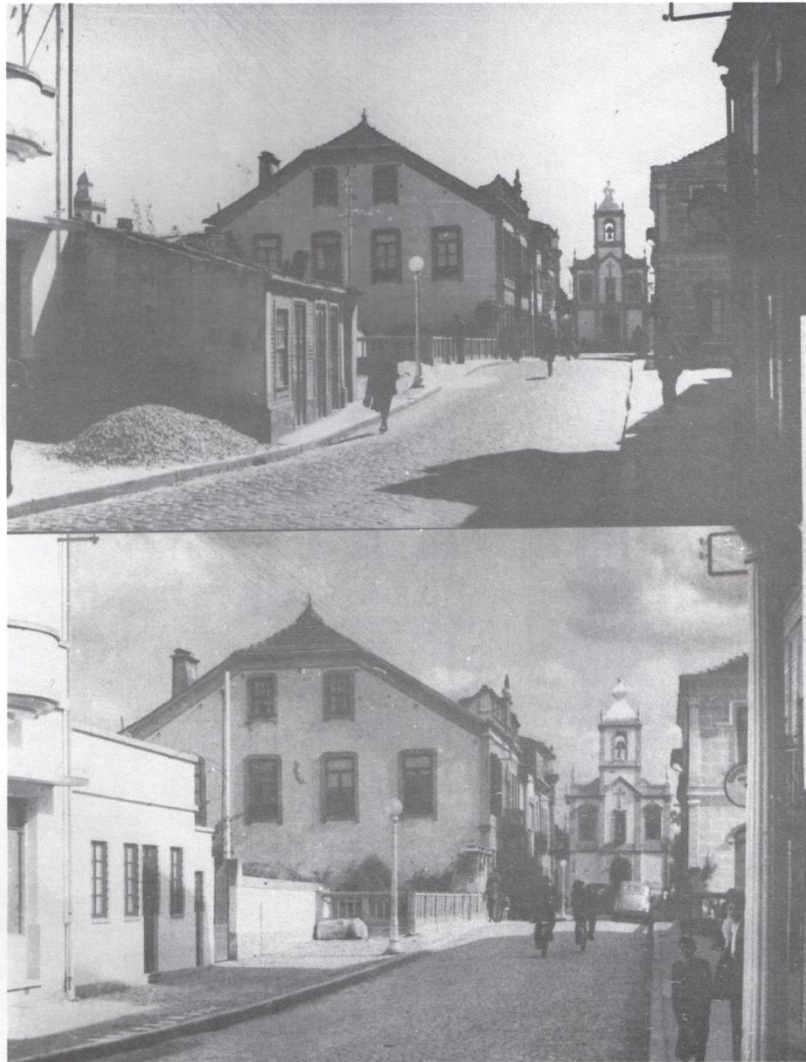
OVAR

Teleg. RABOR

Fonte: João Semana Agosto 1955

Anexo nº 38

Rua Elias Garcia em Ovar (1950)



62. Anos 50 ...

Fonte: CASTRO, Ângela, Memória da urbe, Câmara Municipal de Ovar, 1994, pp.60

Anexo nº 39

Rua Gomes Freire em Ovar (1950)



73. Anos 50 ...



74. Anos 50 ...

Fonte: CASTRO, Ângela, Memória da urbe, Câmara Municipal de Ovar, 1994, pp. 67

Anexo 40

Procissão dos Passos (Encontro de Jesus Cristo Com Maria sua mãe na Capela do Passo da Verónica) anos 50



Fonte: Arquivo Municipal de Ovar

Anexo 41

Procissão dos Terceiros anos 50



Fonte: Arquivo Municipal de ovar

Anexo nº 42

Procissão dos Terceiros (1947)



Procissão dos Terceiros (1947)

Arquivo Municipal de Ovar